

**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

# **A Violência em Contexto Escolar** **“*Bullying*”**

**e**

## **A Importância da Animação Socioeducativa na** **Mediação de Conflitos e Apoio ao Aluno**

Maria Irene C. Cerqueira Pereira Aguiar Monteiro

Coimbra

2012

**esec**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

---

**Departamento de Educação**

# **A Violência em Contexto Escolar** **“*Bullying*”**

**e**

## **A Importância da Animação Socioeducativa na Mediação de Conflitos e Apoio ao Aluno**

Maria Irene C. Cerqueira Pereira Aguiar Monteiro

Coimbra

2012

Instituto Politécnico de Coimbra  
Escola superior de Educação de Coimbra  
Departamento de Educação

**Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local**

**A Violência em contexto escolar “ *Bullying*” e a  
Importância da Animação Socioeducativa na Mediação  
de Conflitos e Apoio ao Aluno**

Maria Irene C. cerqueira Pereira Aguiar Monteiro

Relatorio do Projeto de Investigação-Ação para obtenção do Grau de Mestre em Educação de Adultos e Desenvolvimento local, sob orientação da Professora Doutora Lucília salgado, apresentado à Escola Superior de Educação de Coimbra, Departamento de Educação, em 2012

Coimbra

2012

## **Urgentemente**

É urgente o amor.

É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras,

Ódio, solidão e crueldade,

Alguns lamentos,

Muitas espadas

É urgente inventar alegria,

Multiplicar beijos, as searas,

É urgente descobrir rosas e rios

E manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz

Impura, até doer.

É urgente o amor, é urgente

Permanecer.

Eugénio de Andrade – ***Antologia Breve- Círculo de Poesia***

Morais Editores – Lisboa / 1979



## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu pai em primeiro lugar, por ser ele o meu grande impulsionador para a aprendizagem, para o conhecimento e para o saber. Não estando ele mais entre nós, reconheço que foi o grande inspirador da minha caminhada académica. Ao José Maria por facilitar e compreender a minha vontade, assim como aos meus filhos, Tomás Emanuel e Romeu Emanuel que muito me ajudaram em algumas situações. Não posso esquecer também as minhas amigas de curso, em especial a Rita Brandão. Quero também testemunhar que em todas as idades se aprende e do mesmo modo em qualquer idade se pode realizar grandes projectos.

Quero também enaltecer a ajuda e disponibilidade que sempre me disponibilizaram os professores da ESEC, sem excepção de nenhum.

E, por fim, a todos os orientadores deste mestrado, Doutora Lucília Salgado e Doutor Nuno Carvalho pela força psicológica e pela disponibilidade que desde sempre e em todos os momentos me prestaram, encorajando-me sempre.

Muito obrigada a todos!



## **Lista de Acrónimos**

ASE - Animação Socioeducativa

IA – Investigação – Acção

INE – Instituto Nacional de Estatística

GMAA - Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno

AO - Assistentes operacionais

CEF - Curso de Educação e Formação

EB/2.3,MC – Escola EB/2.3 de Marco de Canaveses

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação.

PEE - Projecto Educativo de Escola

PE - Projecto da Escola

IFEP - Instituto de Formação e Emprego Profissional

AP - Animadora pedagógica

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação

AO – Assistentes Operacionais

TS - Técnicos Superiores





## Resumo

A violência é um comportamento anti-social, cujas repercussões têm aumentado, sobretudo nas comunidades mais jovens e entre pares, manifestando-se através de comportamentos desajustados, com a pretensão de magoar, maltratar, humilhar ou causar dano a alguém física ou psicologicamente (Berkowitz, 1993, citado por Ramírez, 2001).

Este trabalho de investigação vai ser desenvolvido na Escola EB/ 2.3 do Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses, e pretende fazer, através do Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno, (GMAA) uma avaliação sobre a violência em contexto educativo, mais concretamente sobre o *Bullying* e a importância que a Animação Socioeducativa desempenha na mediação de conflitos e apoio ao aluno, dentro do espaço educativo.

Foi proposto fazer um questionário aos alunos da escola, no sentido de avaliar os comportamentos de indisciplina dentro do espaço educativo, fora das salas de aulas. Programou-se um conjunto de actividades a desenvolver com os alunos referenciados pelos professores, através do acompanhamento pedagógico desenvolvido pelos Técnicos Superiores, Psicólogo e Animadora Socioeducativa, responsáveis pela mediação de conflitos. Foram também encaminhados os alunos do Curso de Educação e Formação (CEF), os alunos dos tempos livres, e Assistentes Operacionais (AO).

Pensando ser esta a melhor forma de colaborar com a comunidade educativa, na prevenção e combate da violência nos recreios, nos corredores, nas casas de banho etc., desmitificar os actos que dão origem ao problema da convivialidade entre os alunos, dentro da escola, para se estabeleça uma escola mais harmoniosa.



## **Abstract / Summary**

Violence is an antisocial behavior, whose consequences have increased, especially in the communities and among younger couples, manifesting itself through behaviors misfits, with the intention to hurt, abuse, humiliate or harm anyone physically or psychologically (Berkowitz, 1993, cited by Ramírez, 2001).

This research is going to be developed in the School EB / 2.3's Group of Schools in the city of Marco de Canaveses, and intends to make an assessment on violence in educational settings, specifically about bullying, through the Office of Mediation and Learner Support (GMAA). And shows that the encouraging Socio Educational plays in conflict mediation and learner support within the educational space.

It was proposed to students to do a questionnaire in the school, in order to assess the disruptive behaviors in the educational space but outside the classrooms. We set up some activities to be undertaken by students that were referred by teachers in the pedagogical supervision developed by Senior Technicians, Psychologist and Encouraging Socio Educational that are responsible in the conflict mediation. It were also guided the students of Education and Training (CEF), the free time students, and Assistant Operations.

We think that this is the best way to collaborate with the educational community to prevent and fight the violence during the breaks, in the hallways, in restroom, etc., and demystify the acts that are in the source of the conviviality problem between students, inside of school, to establish a more harmonious school.



# Índice

Introdução.....	15
-----------------	----

## Parte I – Enquadramento teórico

1.A violência .....	20
1.1.Conceito de violência.....	20
1.2. Tipos de agressividade .....	20
1.3.A agressividade e o desenvolvimento .....	22
1.4. Factores de agressividade nas crianças .....	23
2. O conflito .....	25
2.1. Vantagens do conflito .....	26
2.2. Modelos de conflito .....	26
2.3 Causas do conflito nas escolas .....	27
3. O <i>bullying</i> .....	29
3.1. Definição de <i>bullying</i> .....	30
3.2. Características do <i>bullying</i> .....	31
3.3. Tipos de <i>bullying</i> .....	32
3.4. Causas do <i>bullying</i> .....	34
3.5. Consequências do <i>bullying</i> .....	35
3.6. Tipos de participantes .....	36
3.7. Características dos agressores e das vítimas .....	37
4. O papel da família e da escola .....	39
5. A importância da Animação Socioeducativa na mediação de conflitos .....	41
6. A mediação de conflitos .....	44
6.1. A mediação em Portugal .....	44
6.2. Vantagens da mediação de conflitos em contexto escolar.....	45

6.3. Aspetos a ter em conta num programa de mediação .....	46
7. A importância da animação nos recreios .....	47

## **Parte II - Enquadramento Metodológico**

1.Enquadramento Metodológico.....	51
1.1.Objectivo da Investigação.....	51
1.2.Pergunta de partida .....	51
1.3.Perguntas orientadoras .....	52
2.Metodologia .....	52
2.1.Pesquisa bibliográfica .....	53
2.2.Inquérito por questionário .....	53
2.3.Diário de bordo .....	54
3.Investigação-acção .....	55
3.1.Plano de actividades alunos.....	56
3.2.Formação dos assistentes operacionais.....	58

## **Parte III - Campo contextual**

1.Caracterização demográfica do Marco de Canaveses .....	61
1.1.Enquadramento geográfico .....	62
1.2.Caracterização socioeconómica .....	65
2.Caracterização do Agrupamento .....	66
2.1.Escolas pertencentes ao agrupamento.....	66
2.2.População escolar .....	67
2.3.Distribuição dos alunos por turma .....	67
2.4.Aproveitamento.....	68
2.5.Oferta curricular alternativa .....	68
2.6.Alunos de formação Cef .....	69

## **Parte IV - Análise dos Resultados dos inquéritos**

1. Apresentação e discussão dos resultados .....	73
1.1. Análise dos questionários realizados aos alunos.....	73
2. Apresentação da intervenção .....	90
2.1. Objectivos gerais da intervenção .....	91
2.2. Calendarização .....	92
2.3. Descrição das atividades com os alunos.....	93
2.4. Formação dos assistentes operacionais .....	103
2.5. Justificação da ação em função dos destinatários .....	103
2.6. Objectivos a atingir .....	104
2.7. Conteúdos da ação de formação (horas teóricas e praticas).....	104
2.8. Avaliação geral da formação .....	106

## **Parte V - Conclusões e Recomendações**

Conclusões .....	113
Recomendações .....	117
Bibliografia .....	121

## **Anexos**

### **Anexo 1 – Inquéritos por questionário**

Escolha aleatória dos inquéritos por questionário .....	129
Questionário destinados aos alunos .....	131

### **Anexo 2 – Acção de formação aos funcionários**

Mapa de conteúdos da formação aos funcionários .....	139
Participantes da ação de formação (funcionários) .....	140
Avaliação de Formação .....	141



### **Anexo 3 – Diário de bordo**

Orientador de leitura do diário de bordo .....	145
Comentário do aluno de acordo com a atividade .....	146
Diário de bordo .....	147

### **Anexo 4 - Fichas técnicas das dinâmicas de grupo realizadas**

Dinâmica de grupo: <i>O ponto</i> .....	165
Dinâmica de grupo: <i>Quem sou eu?</i> .....	167
Dinâmica de grupo ( “ <i>50 palavras que revelam sentimentos</i> ”) .....	168
Dinâmica de grupo: “ <i>Voar com a música</i> ” .....	169

### **Anexo 5 - Diploma de participação do formando**

Diploma de participação do formando .....	173
---	-----

## Introdução

Este trabalho insere-se no âmbito do Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, sendo desenvolvido no meu local de trabalho, (Escola eb/2.3 de Marco de Canaveses, onde me encontro desde o ano de 1980 a exercer a função de (Assistente Operacional) mais concretamente a exercer a função de Bibliotecária Escolar. Foi neste local onde encontrei, a grande necessidade (intrínseca) de ir mais além, para dar resposta ao solicitado pelos alunos e restante comunidade, através do estudo e investigação, obtendo respostas para complementar a minha experiencia no terreno, sempre, com o sentido de promover um espaço educativo saudável, mais seguro e harmonioso, para todos os seus membros. Especialmente para os alunos, um espaço que promova boas praticas pedagógicas, no combate à indisciplina, ao insucesso e ao abandono escolar.

Esta investigação tem como principal objectivo estudar a agressividade em contexto escolar, mais concretamente sobre o *bullying*. Sendo este um comportamento agressivo e entre pares, provoca um desequilíbrio profundo nas suas vítimas e também nos agressores, segundo Gaspar e Sampaio (2009, p.104):

*“É uma forma de violência que se repete e ocorre num contexto de relações de pares em que existe um desequilíbrio de forças, que pode ocorrer em qualquer local ou situação (na sala de aula, na presença do professor(a), quando este (a) se ausenta, no pátio da escola, no ginásio, casa de banho, etc.”*

Olweus define pela primeira vez os termos anglo-saxónicos de *bully* (autor da ação – o significado literal da palavra inglesa *bully*, significa agressor ou brigão) e *bullying* (ação de intimidar):

*“Vitimização ou mau trato por abuso entre iguais é uma conduta de agressão física e/ou psicológica realizada pelo aluno ou alunos elegendo outro aluno como vítima dos seus ataques. Esta ação negativa, intencional e repetida, coloca as vítimas em posições de que dificilmente podem sair pelos seus próprios meios. A continuidade destas agressões*

*provoca nas vítimas efeitos claramente negativos: baixa da sua auto-estima, estado de ansiedade e mesmo quadros depressivos, o que dificulta a sua integração no meio social e o desenvolvimento normal das aprendizagens” (Olweus, 1978, citado por Serrate, 2007,p.16).*

Um outro objectivo deste estudo é estudar a importância que a Animação Socioeducativa tem na prevenção do *bullying*, e no apoio ao aluno na Mediação de Conflitos e no combate à violência dentro do espaço educativo. Nas palavras de Olweus (citado por Beane 2006, p.22):

*“Todos os indivíduos devem ter o direito de serem poupados à pressão e à humilhação intencional e repetida, na escola ou na sociedade em geral.”*

Este trabalho inicia-se com uma breve abordagem à agressividade, por ser de comportamento agressivo que falamos quando nos referimos à violência na escola. O trabalho prossegue com a distinção dos conceitos de *Conflito* e *Bullying* e dos seus tipos, para que seja possível identificar melhor as situações no terreno, uma vez que os conceitos de conflito e *bullying* são distintos. O primeiro é menos grave, por vezes até socialmente benéfico, enquanto o segundo é muito complexo e de difícil resolução.

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco partes. Na primeira parte apresenta-se a revisão da literatura, abordando os temas sobre o conceito da violência: tipos de agressividade; a agressividade e o desenvolvimento; quais os factores de agressividade nas crianças; o conflito e vantagens do mesmo. Os seus modelos e causas de conflito nas escolas; o *bullying* e sua definição; características e tipos de *bullying*, as suas causas e consequências; tipos e características dos agressores e das vítimas. O papel da família e da escola. A importância da animação socioeducativa na mediação de conflitos; mediação de conflitos e a mediação em Portugal; as suas vantagens na mediação de conflitos em contexto escolar, assim como os aspectos a ter em conta num programa de mediação.

Na segunda parte refere-se ao enquadramento metodológico: quais os objectivos de investigação; pergunta de partida; perguntas orientadoras e dis-

positivo metodológico; como se desenvolve e apresenta a investigação/ação – IA. Assim como as técnicas de recolha e análise de dados utilizadas no estudo.

Na terceira parte expõe-se o campo contextual: Procede-se à caracterização demográfica e socioeconómica do concelho de Marco de Canaveses; caracterização do agrupamento; população escolar; a sua distribuição de alunos e aproveitamento. Oferta curricular alternativa aos alunos do curso CEF, sua formação finalizando com a apresentação dos inquéritos aos alunos colocando uma serie de perguntas relativas ao problema que se pretende analisar e observar, a caracterização pessoal dos inqueridos, a escola onde estudam, percepção do conflito entre alunos, na escola onde estudam etc.

Na quarta parte é apresentada a análise dos resultados dos inquéritos feitos aos alunos, apresentação e objectivos da intervenção, calendarização, descrição das actividades com os alunos e funcionários, justificação da ação, seus objectivos e conteúdos, horas práticas e teóricas, avaliação.

Na quinta parte são apresentadas as conclusões e recomendações.



## **PARTE I**

### **Enquadramento teórico**



## **A violência**

Segundo o Grande Dicionário da Língua Portuguesa (Porto Editora, 2000), violência é a *“acção ou efeito de empregar força física (contra alguém ou algo) ou de uma intimidação moral contra (alguém); acto violento, crueldade, força”*. No aspecto jurídico, define-se o termo como *“constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem, coacção”*. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), violência é *“a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”*.

### **1.1. Conceito de violência**

A violência é um comportamento anti-social, cujas repercussões têm aumentado, sobretudo nas comunidades mais jovens e entre pares, manifestando-se através de comportamentos desajustados, com a pretensão de magoar, maltratar, humilhar ou causar dano a alguém física ou psicologicamente (Berkowitz, 1993, citado por Ramírez, 2001). Apesar de todos termos uma ideia do que é a agressividade e de como se manifesta, interessa sobretudo a este trabalho perceber quais as suas verdadeiras causas. Compreender o conflito isolado ou o *bullying* que implica fazer suposições acerca dos motivos do agressor e das influências que podem ter originado o seu comportamento.

### **1.2. Tipos de agressividade**

Podem distinguir-se duas categorias de agressividade: a agressividade hostil e a agressividade instrumental. Quando o principal objectivo do indivíduo é fazer mal ao outro, trata-se de agressividade hostil. Por sua vez, quando se provoca dano ou se magoa outrem com o intuito de alcançar determinado fim, qualifica-se como agressividade instrumental. Berkowitz (1972, 1993, citado por Ramírez, 2001, p.10) dividiu em duas áreas as teorias que procuram explicar o problema da agressividade: as que propõem que a agressividade possui causas endógenas e as que se direccionam para factores exógenos. As teorias activas afirmam que a agressividade nasce dos impulsos internos do indivíduo,



enquanto as teorias reactivas consideram a agressão como uma reacção aos acontecimentos ambientais, não rejeitando, de todo, uma interacção com fontes internas de agressividade.

Já Marchal (1983, citado por Ramírez, 2001, p.12) propõe seis teorias distintas. A teoria clássica da dor, que defende que o ser humano tem tendência para procurar o prazer e não a dor ou desprazer. Por essa razão, perante estímulos adversos associados à dor, o indivíduo responde de forma agressiva (Hull & Pavlov, 1943, citados por Ramírez, 2001). Ou seja, quanto mais penosos forem os sinais ligados a um ataque agressivo, mais colérica pode ser a resposta. O Ser Humano, procurando reduzir a sua dor, actua de forma agressiva perante o atacante (Ramírez, 2001).

Segundo a teoria da frustração, a conduta agressiva é uma das principais consequências da frustração (Dollard & Miller, 1938, citados por Ramírez, 2001). A frustração gera cólera que, quando atinge um determinado grau, pode produzir algum tipo de agressão. Desta forma, a agressão é um modo de resposta que o sujeito produz para minimizar a estimulação frustrante.

De acordo com a teoria sociológica da agressão, as causas do comportamento agressivo relacionam-se com questões sociais e não com os estados de consciência individual (Durkeim, 1938, citado por Ramírez, 2001). A base desta teoria está na constatação da existência de agressão organizada, levada a cabo por um grupo, sujeito colectivo com um comportamento colectivo. Nestes casos, a educação individual de cada membro é deixada de parte, em prol da vontade do grupo, que cada um respeita e para a qual dirige as suas atitudes. O comportamento agressivo procurará simplesmente o bem-estar do grupo, independentemente do sacrifício que representa para um ou outro membro (Mead & Blumer, 1967, citados por Ramírez, 2001). O objectivo do indivíduo é obter gratificação social dentro do grupo, mesmo que tenha de competir com os restantes membros, podendo haver agressão entre eles. Por outro lado, há a agressão dirigida aos indivíduos fora do grupo ou a grupos rivais. A teoria catártica da agressão argumenta que a catarse, ou seja, a libertação de emoções e sentimentos, é necessária para o indivíduo manter um estado de relaxamento adequado, sendo uma solução para o problema da agressividade humana. Se

produzir a catarse, a pessoa sentir-se-á melhor e será menos agressiva. Mas, se o mecanismo de libertação catártica estiver bloqueado, o sujeito tornar-se-á agressivo (Ramírez, 2001). A teoria etológica da agressão fundamenta a agressividade na dimensão biológica do comportamento, encarando-a como um acto instintivo, uma reacção impulsiva e sem relação com qualquer tipo de prazer. Tal explica porque são os homens, em média, física e verbalmente, mais agressivos que as mulheres. Deste modo, é frequente diagnosticar-se em crianças um transtorno que se manifesta através de comportamentos agressivos e anti-sociais, que envolvem discussões, impicâncias, níveis elevados de irritabilidade, desobediência, ameaças e comportamentos indisciplinados. Portanto, poder-se-ia concluir que a agressividade está presente em todos nós e afecta as relações que estabelecemos com os outros.

Por fim, segundo Marchal (1983, citado por Ramírez, 2001), a teoria bioquímica ou genética procura demonstrar que a conduta agressiva acontece como consequência de uma série de processos bioquímicos, que funcionam no interior do organismo, propondo a existência de hormonas agressivas, do mesmo modo que existem hormonas sexuais. Um dos exemplos é a noradrenalina, relacionada com a agressão e a esquizofrenia, assim como a adrenalina ou a escassez de noradrenalina (Ramírez, 2001).

### **1.3. A agressividade e o desenvolvimento**

A agressividade na criança é considerada como uma acção natural adaptativa, que vai mudando com o passar dos anos, passando de uma forma física e instrumental para uma forma verbal e hostil. Muda não só o tipo de agressividade como também a sua finalidade.

Quando a agressividade foge dos parâmetros normais de desenvolvimento, há uma grande probabilidade de a criança continuar a ser agressiva na vida adulta. Essas crianças com agressividade persistente podem ser aquelas que mostraram precocemente uma sintomatologia hostil, tanto em casa como na escola, ou que tiveram problemas de hiperactividade ou comportamentos anti-

sociais encobertos, como roubar ou mentir, durante os primeiros anos escolares.

As condutas agressivas manifestam-se de diferente forma ao longo do desenvolvimento. Segundo Ramírez (2001), entre os três/quatro anos os comportamentos agressivos aumentam e desenvolvem a forma de interações habituais, caracterizadas por atitudes despropositadas, como choro, desmaios fingidos, ruídos, etc. A partir dos quatro anos, a agressividade acontece como uma reacção à frustração. Quando os planos da criança não se concretizam devido a um obstáculo, a criança remete a sua agressividade para a pessoa ou obstáculo. Este procedimento é necessário à adaptação e desenvolvimento, pois é uma forma de exteriorização de um conflito e do respectivo esforço para resolvê-lo, o que conduz à independência do EU e à auto-afirmação da própria personalidade. Dos seis aos catorze anos, a agressão aparece de formas muito diversas, como a cólera, o ciúme, a inveja, o tédio, etc. Nesta fase, as agressões convergem no sentido dos pais, irmãos e até do próprio sujeito e têm como objectivos ganhar, competir, assegurar a justiça e dominar os sentimentos. Coie & Dodge (1998, citados por Papalia *et al*, 2006) afirmam que o comportamento agressivo abranda a partir desta idade, assim como muda de forma. A agressividade que visava apenas atingir o alvo começa a ter um objectivo. A agressão explícita (força ou ameaças físicas) transforma-se numa agressão relacional ou social (manipular, provocar, espalhar boatos sobre as vítimas, controlo sobre as vítimas). Este último tipo de agressão é comum entre as meninas, que a partir dos nove anos reconhecem a sua eficácia para magoar os outros (Crick, Björk & Howes, 1996; Galen & Underwood, 1997, citados por Papalia *et al*, 2006).

#### **1.4. Factores de agressividade nas crianças**

Alguns estudos apontam como factores de agressividade tendências biológicas, como se houvesse uma influência mínima do ambiente, manifestando-se de diversas formas, como o roubo ou a violência (Brennan, Mednick e Kandel, 1991, citados por Ramírez, 2001).

Porém, os factores sociais ou ambientais, ou seja, a influência produzida pelo meio em que se vive, podem também ser relevantes os comportamentos anti-sociais que se geram no seio de uma família e que servem de modelo e de treino, influenciando o comportamento da criança noutros ambientes, devido a um processo de generalização de condutas. A criança acaba por imitar os modelos coercivos da família, independentemente do local e dos indivíduos que interagem. Não raras vezes, a própria criança com comportamentos agressivos é também vítima de mal-estar. Outro elemento ambiental que favorece a agressividade é a influência exercida pela exibição repetida de violência através dos meios de comunicação social. As investigações asseguram que as crianças tendem a imitar as condutas violentas que vêm através da comunicação social, pendem a ser mais tolerantes com a agressividade e a aceitá-la de forma natural, da mesma forma que tendem a desenvolver outras formas de agressão. Tem-se ainda observado que os meninos, que são mais agressivos, preferem programas mais violentos, quando comparados com as meninas.

Outros autores apontam factores cognitivos e sociais na explicação da agressividade. Segundo Ramírez (2001), a conduta agressiva é o efeito de um desajustamento, devido a factos de codificação da informação, que dificultam a preparação de respostas alternativas. Assim, a criança agressiva revela-se menos compreensiva relativamente aos sentimentos, pensamentos e intenções dos outros, ao contrário das crianças bem adaptadas. Alguns autores afirmam que as famílias de baixo nível socioeconómico apresentam uma taxa mais elevada de crianças agressivas. Estas famílias são mais propensas, em comparação com as famílias de classe média, a aplicar o uso da punição física para disciplinar a agressividade, modelando-a mesmo quando tentam suprimi-la. Por outro lado, os repetidos fracassos das relações sociais e o entendimento que os alunos agressivos têm do mundo que os rodeia, poderiam levar-nos a pensar que a sua auto-estima é baixa. Mas, pelo contrário, eles auto-avaliam-se positivamente (Ramírez, 2001).

As condutas agressivas das crianças podem estar ligadas às características de personalidade, alguns investigadores, afirmam que a criança agressiva desenvolve a psicopatia, uma conduta de despreocupação com os outros, de gosto em enganá-los e ridicularizá-los, assim como a elevada extroversão, o que

se traduz num temperamento expansivo e impulsivo, com inclinação para a mudança, para o movimento e a realização de coisas. O temperamento de tipo activo, relacionado com a hostilidade é mais comum em meninos, enquanto a agressividade nas meninas está mais relacionada com temperamentos tímidos e variáveis.

Por fim, a importância dos factores familiares. Os ambientes familiares agressivos agravam à medida que os seus membros vão entrando em conflito, constantemente, uns com os outros.

Apesar de diferentes teorias e diferentes autores procurarem explicar a agressividade de modos diversos e muitas vezes opostos, a este trabalho interessa ter em consideração todas as opiniões e ter em conta que vários factores, em conjunto, podem ajudar a explicar a agressividade ou comportamento violento de um aluno.

## **2. O conflito**

Segundo Chrispino (2007, p.15), o conflito é *“toda a opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento”*. O conflito tem origem na diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Se vivemos em sociedade, se interagimos com outras pessoas, isso significa que já entramos em conflito por diversas vezes.

Nem sempre nos damos conta da existência do conflito, só reparamos nele quando gera violência. Contudo, o conflito que se manifesta de forma violenta já existia sob a forma de divergência ou antagonismo. O conflito não implica necessariamente violência. Por exemplo, num jogo de futebol há um conflito saudável entre duas equipas. O conflito também não é o oposto de ordem. Pelo contrário, na ordem também há conflito. Por exemplo, é necessário haver conflito político para se tomarem decisões que dão origem à ordem.

## 2.1. Vantagens do conflito

A sociedade e também as escolas dentro dela desejam manter a ordem. Como tal, entendem que o conflito não faz parte dela e deve ser completamente eliminado. Mas existem diversos tipos de conflito e, como já foi dito, nem todos podem ser eliminados.

O conflito é algo natural e necessário às relações sociais. Traz inúmeras vantagens. Segundo Chrispino (2007), ajuda a regular as relações sociais, ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro, permite o reconhecimento das diferenças, ajuda a definir as identidades das partes que defendem as posições, racionaliza as estratégias de cooperação, ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social.

O conflito indesejado é aquele que gera violência. Contudo, se as partes em conflito possuírem as competências necessárias à sua resolução saudável, o conflito não irá gerar violência. Acontece que nem sempre se possui essas habilidades e a escola, em parte, deveria ser responsável por fornecer-las.

## 2.2. Modelos de conflito

Existem vários tipos de conflito e diferentes classificações. Redorta (2007, citado por Chrispino, 2007, p.19) distingue os seguintes tipos de conflito: **a)** de recursos escassos, ou seja, as partes disputam algo que não é suficiente para todos; **b)** de poder, quando o conflito surge porque um quer mandar ou controlar o outro; **c)** de auto-estima, ou seja, o conflito surge porque o orgulho pessoal de alguém foi ferido; **d)** de valores ou norma, quando o conflito deriva da diferença de valores ou crenças fundamentais; **e)** de estrutura, quando a solução do problema requer esforços que estão para além das possibilidades; **f)** de identidade, quando o problema afecta a maneira de ser e a personalidade de uma ou ambas as partes; **g)** de expectativas, ou seja, há disputa porque não se cumpriu o que um esperava do outro; **h)** de inadaptação, quando uma das partes não deseja adaptar-se à modificação das coisas; **i)** de informação, quando o conflito surge por algo que se disse ou não se disse ou algo que se entendeu

de forma errada; **j)** de interesses, quando os interesses ou desejos de uma das partes são opostos aos da outra; **l)** de atribuição, ou seja, o conflito surge porque o outro não assume a culpa ou a responsabilidade pela situação; **m)** de relações pessoais, quando o conflito surge da dificuldade de se relacionar com o outro; **n)** de inibição, ou seja, a disputa ocorre porque a solução do problema depende do outro; **o)** e, por fim, de legitimação, ou seja, entrou em conflito com o outro, porque ele não devia agir como fez ou pretende fazer.

### **2.3. Causas do conflito nas escolas**

A massificação da educação trouxe para o mesmo espaço de ensino alunos com diferentes vivências, diferentes expectativas, diferentes valores, diferentes conhecimentos, hábitos... Como tal, nas escolas há divergência de opiniões entre alunos, entre alunos e professores, entre professores, etc. Essa divergência dá origem a conflitos.

A escola está preparada para receber um tipo padrão de alunos. Funciona como uma fábrica que trata todos do mesmo modo, ensina a todos o mesmo e, como tal, não está preparada para as diferenças. Ela apresenta regras generalizadas e espera que todos os alunos se enquadrem automaticamente no cumprimento esperado dessas regras. Contudo, os alunos são diferentes e nem todos aceitam as regras.

O problema não está na existência de regras, que são obviamente necessárias, mas antes na forma como a escola lida com o seu incumprimento, esquecendo que o aluno ou até o professor ou funcionário, entrou em conflito por diversas razões: porque tem uma cultura diferente, porque tem expectativas diferentes da escola, porque se sente prejudicado com a decisão, etc. Para além de esquecer completamente de se questionar acerca dos motivos de ambas as partes, a escola tende a proibir o conflito ou a resolvê-lo sem acordo de uma ou ambas as partes, e os conflitos mal resolvidos têm tendência a repetir-se.

Como já se viu pela variedade de tipos de conflito, estes podem ocorrer pelas mais diversas razões, interesses ou motivações. Essas motivações podem

ser mais ou menos perceptíveis. Por exemplo, no conflito entre um vendedor e um comprador, os interesses são o de vender mais caro e o de comprar mais barato. Já num casal divorciado que luta pela posse da casa, sem necessidade dela, pode haver o interesse oculto de querer obter uma sensação de vitória sobre o outro (Chrispino, 2007). Na escola, há também conflitos fáceis de identificar e, muitas vezes, fáceis de resolver: por exemplo, se uma criança partir o lápis de outra e entrarem em conflito. Contudo, se estivermos perante um conflito gerado por difamação da vítima, será mais difícil de encontrar as razões, terá de se conhecer melhor as partes envolvidas e a sua história. Na escola, os conflitos ocorrem frequentemente (Chrispino, 2007):

**a)** Entre docentes por: falta de comunicação, interesses pessoais, questões de poder, valores e posições políticas ou ideológicas diferentes, busca de uma posição de destaque, não indicação para cargos de ascensão hierárquica, etc;

**b)** Entre alunos e docentes por: não entender o que explicam; divergência sobre os critérios de avaliação; avaliação inadequada na visão do aluno; discriminação; falta de material didáctico; não serem ouvidos, tanto professores como alunos; desinteresse pela matéria em estudo, etc;

**c)** Entre alunos devido a: mal entendidos; brigas; rivalidade entre grupos; discriminação; situações de *bullying*; uso de espaços e bens; problemas no namoro; assédio sexual; perda ou dano de bens, etc;

**d)** Entre pais, docentes e directores por: agressões ocorridas entre alunos ou entre alunos e professores; perda ou dano de material de trabalho; questões relacionadas com a cantina escolar ou espaços similares; falta ao serviço pelos professores; falta de assistência pedagógica pelos professores; critérios de aprovação ou reprovação; desrespeito por normas ou procedimentos burocráticos e administrativos, etc.

### **3. O *bullying***

O conflito isolado pode ter vantagens no desenvolvimento da criança, na medida em que aprende a resolvê-lo. Contudo, quando o conflito gera violên-



cia, esta pode assumir proporções elevadas, com efeitos negativos no desenvolvimento da criança. A situação violenta que mais tem preocupado as escolas atualmente é o *bullying*, pelas consequências negativas que traz, quer para os agressores quer para as vítimas.

O estudo do *bullying* tem origem nas investigações sobre a palavra *mobbing* (assediar, cercar), que surgiu no Norte da Europa, para designar a provocação e a intimidação entre os seres humanos. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo etólogo Konrad Lorez em 1968, para designar “um ataque colectivo por um grupo de animais contra um animal de outra espécie que, normalmente, é maior e inimigo natural do grupo”. Esta definição limitaria o fenómeno a acções de grupo sem incluir agressões de indivíduo para indivíduo, segundo Serrate (2009).

Na Escandinávia, o termo utilizava-se para denominar o fenómeno do *bullying*. A palavra inglesa *mob* associava-se a um grupo grande e anónimo de pessoas que se dedicavam à intimidação da escola.

Em 1973, Dan Olweus deu início a um estudo sobre as características e os factores que determinavam o comportamento *bullying*. Em 1978, Olweus definiu os termos anglo-saxónicos de *bully* (autor da ação, agressor) e *bullying* (ação de intimidar) (Serrate, 2009).

Na década de 90 aumentaram os estudos sobre o *bullying*, em virtude da violência crescente nos recreios escolares e da incidência de suicídios em idades cada vez mais jovens pela Europa. As pesquisas foram seguidas de campanhas no sentido de minimizar as taxas de violência ou, pelo menos, reduzir os seus efeitos, utilizando o modelo de Dan Olweus.

A violência em contexto escolar é um fenómeno social que, não sendo recente, está a prosperar entre a comunidade educativa. Nos Estados Unidos, num trabalho de investigação realizado por Graig & Pepler (2000, citado por Carrilho *et al*, 2010): foram colocadas câmaras de vigilância em várias escolas e, no espaço de 48 horas, verificaram-se 314 episódios de *bullying*. Ou seja, ocorreram 6,5 casos de *bullying* por hora no referido contexto.

Segundo Serrate (2009), as estatísticas mostram um crescimento deste fenómeno no nosso país e não podemos esquecer que há muitos casos desconhecidos, de crianças perseguidas que se fecham no silêncio da noite, dando origem a profundas depressões.

Em Portugal, segundo a investigadora citada anteriormente, o estudo do *bullying* escolar é recente. Destacamos os artigos: “A violência na escola: vítimas, provocadores e outros” de Matos, M. & Carvalhosa, em 2001, e “Projeto Bullying – análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico”, de Pereira, B.; Almeida, A. & Valente, L., em 1994, bem como “O bullying nas escolas portuguesas: análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema”, de Pereira, B. et al, em 1996, entre outros.

O reconhecimento de que a violência e outras formas de comportamento anti-social nos jovens atingem níveis elevados com consequências para a segurança da comunidade tem despertado a realização de diversas investigações sobre o tema

Pode concluir-se que a agressividade nas escolas não é um fenómeno novo. Contudo, tem vindo a assumir proporções bastante elevadas, não só no número de casos, como também nas consequências e efeitos negativos que tem gerado.

Em Portugal, os estudos de Pereira et al (1996 e 2008, citados por Carrilho et al, 2010, p.13) concluíram que na zona norte do país 21% das crianças, entre os sete e os doze anos, nunca foram agredidas, 73% foram-no algumas vezes e 5% muitas vezes. Observaram ainda que em cada cinco crianças uma foi vítima dos colegas três ou mais vezes.

### **3.1. Definição de *bullying***

A palavra *bullying* é de difícil tradução, pelo que frequentemente usamos o termo original. Pode ser entendida como provocação, vitimação ou intimidação. Pereira, Almeida e Valente (1994, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001, p. 523) traduziram-na como agressividade ou violência.

O *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivo evidente, causando dor e angústia, executadas dentro de uma relação desigual de poder.

De acordo com Boulton e Smith (1994, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2002) o provocador é o indivíduo que frequentemente implica com os outros, que lhes dá maus tratos psicológicos, bate, persegue ou lhes faz outras coisas desagradáveis sem razão. Definem o *bullying* como um abuso sistemático de poder. Alguns investigadores concluem que estes pertencem a famílias pouco estruturadas, com baixo relacionamento afectivo entre os membros, excesso de tolerância ou permissividade, usando o comportamento agressivo de forma a solucionar os problemas, com comportamentos agressivos e estilo de disciplina muito rígidos, com os castigos a serem muito comuns (Olweus 1991, citado por Carvalhosa, Lima & Matos, 2002).

### **3.2. Características do *bullying***

O conflito é um episódio isolado, que ocorre devido a uma divergência. Pelo contrário, o fenómeno do *bullying*, segundo Fante (2002), não se trata de uma brincadeira própria de crianças ou de um episódio esporádico. Pelo contrário, torna-se um acto violento que se desenrola em todas as escolas, provocando uma vida de sofrimento para uns e de passividade e conformismo para outros.

No entender de alguns autores (citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001), o *bullying* é caracterizado pelos seguintes critérios: a) a intencionalidade do comportamento, ou seja, o principal objectivo é provocar mal-estar e ganhar controlo sobre o indivíduo (Dehaan, 1997; Olweus, 1993; Pereira et al, 1994); b) o procedimento é produzido repetidamente ao longo do tempo, ou seja, não acontece ocasionalmente, sendo antes crónico e regular (Mellor, 1990; Olweus, 1994); c) e, por fim, verifica-se na prática de *bullying* um desequilíbrio de poder, já que os agressores vêm nas suas vítimas um alvo fácil. Uma discussão ou briga entre dois alunos da mesma idade, tamanho, força e poder, na maioria dos casos, não é *bullying*.

O *bullying* não se trata de um episódio esporádico. Pelo contrário, pode durar semanas, meses e, inclusivamente, anos. O aluno ou grupo de alunos agressor trata o colega de forma cruel, persegue-o, oprime-o e atormenta-o, convertendo-o na sua vítima habitual.

### 3.3. Tipos de *bullying*

O *bullying* pode assumir várias formas e incluir diferentes comportamentos, tais como: violência e ataques físicos; ofensas verbais, apelidos e insultos; ameaças e intimidações; extorsão e roubo de dinheiro e pertences; exclusão do grupo de colegas, entre outros.

Cada investigação, segundo Serrate (2009), classifica distintamente os diferentes tipos de violência. Um exemplo é a distinção entre violência física, verbal, psicológica, social e sexual. Quando essa violência apresenta as características já mencionadas, falamos de *bullying*.

**a)** São exemplos de **violência física** os socos, empurrões, pontapés, coto-veladas, agressões com objectos, cuspidelas, entre outros. Inclui-se neste tipo de violência o cercar a vítima, fechá-la numa sala, esperá-la fora da escola e maltratá-la para lhe tirar os seus pertences. Este tipo de *bullying* manifesta-se mais no 1º e 2º Ciclos de Ensino Básico, sendo um tipo de comportamento directo.

**b)** A **violência de tipo verbal** é a mais comum e, nos últimos tempos, as novas tecnologias, como o telemóvel, tornaram-se um meio para a sua realização. Consiste em insultos, palavrões, desprezar publicamente, salientar os defeitos físicos, etc. É também um tipo de comportamento directo e a forma mais rápida para o agressor pôr à prova a sua capacidade de desestabilizar a vítima e de a controlar.

**c)** A **violência psicológica** encontra-se em todas as formas de maltrato e, geralmente os maus-tratos psicológicos acabam em maus-tratos físicos. Criam-se acções com intenção de deteriorar a autoestima do indivíduo e fomentar a sua sensação de insegurança e medo. Neste contexto, o agressor manipula a

vítima emocionalmente, fazendo-se passar por seu amigo, chantageando-a, tirando partido das suas fraquezas, dizendo-lhe que se não fizer que o ele deseja contará algo que lhe tenha sido confidenciado. Este *bullying* psicológico consegue que a vítima fique sempre dependente, emocionalmente, do agressor, destruindo a sua autoestima e fomentando a sua sensação de medo. Geralmente, a violência psicológica é mais frequente entre raparigas do que entre rapazes. Em muitos casos, é usada para obrigar a vítima a fazer o trabalho do agressor, exigir-lhe presentes, extorquir-lhe dinheiro ou fazê-la sentir-se culpada no momento em que agressor precise. É um tipo de comportamento indirecto.

**d) A violência social** deseja afastar a vítima do resto do grupo e dos colegas. Trata-se, geralmente, de uma acção efectuada através de comentários, de abuso verbal, de insultos, de ameaças, de agressões, de ignorar a vítima e de segui-la depois da escola até sua casa, de tratá-la como escrava, etc. Pode ser uma violência racial, religiosa ou até sexista. Por exemplo, em jogos ou actividades masculinas, as raparigas são afastadas na hora de participarem. É também um comportamento indirecto.

**e) O bullying sexual** engloba os contactos físicos, nas raparigas ou rapazes sem o seu consentimento, gestos obscenos, pedidos de favores sexuais, excessos de relacionamento com um/a companheiro/a se este/a não quiser, demonstração de intenção ou mensagens sexuais dando a entender que a vítima agiu com intenção de seduzir, faltando-lhe ao respeito. É um tipo de comportamento que pode ser directo ou indirecto, manifestamente de abuso de poder.

Para além desta classificação, como já se procurou demonstrar, podem distinguir-se dois tipos de *bullying*: a) o *bullying directo*, sob a forma de ataques directos à vítima, de tipo físico, verbal ou sexual; e b) o *bullying indirecto*, sob a forma de isolamento social, rumores pejorativos e de exclusão deliberada de um grupo.

*Há ainda o cyberbullying, uma nova forma de bullying. Vários estudos recentes mostram que ocorre através dos telemóveis (mensagens de texto, chamadas telefónicas) ou através da internet (emails, fotografias ou videoclips). O*

*cyberbullying* parece uma atividade anónima e individualista, sendo o mais comum o gozo, o insulto.

É certo que neste trabalho é feita referência ao *bullying* nas escolas, mas este comportamento não é exclusivo do contexto escolar, nem é realizado apenas por crianças. Dentro da própria escola, os próprios professores, funcionários e directores podem ser responsáveis por comportamentos violentos, em especial psicológicos e sociais, dos quais podem nem se aperceber. O *bullying* é uma afirmação do poder através da agressão e as suas formas vão mudando com a idade: para além do *bullying* escolar, podem ocorrer na idade adulta comportamentos com as mesmas características, como o assédio sexual dentro e fora do local de trabalho, ataques de *gangs*, violência no namoro, violência conjugal, abuso de menores, abuso e violência contra idosos, etc.

### **3.4. Causas do *bullying***

Segundo alguns investigadores, Identificar as causas do *bullying* é um trabalho complexo. Não há uma lista de causas que se possam aplicar numa investigação, pois cada caso é singular e as suas causas serão específicas. Para além disso, seria errado atribuir apenas uma causa a uma situação de *bullying*, pois vários factores poderão ter tido influência no caso. Desta forma, pode apenas apontar-se alguns exemplos que as investigações têm demonstrado serem causas frequentes de *bullying*.

Os factores psicológicos parecem ser relevantes. As vítimas e os agressores manifestam baixa autoestima e uma péssima influência nas relações interpessoais com os pares. As vítimas geralmente não têm amigos, apresentam uma aparência física frágil em relação aos pares, são usualmente muito protegidas pelos pais, em especial pelas mães. De um modo geral, os pais dos agressores e das vítimas não estão ao corrente da situação, tornando-a ainda mais ambígua.

A violência escolar associada a grupos organizados ou *gangs* parece estar associada a factores económicos, sociais e étnicos, como famílias desestrutu-

radas, racismo, pobreza e outros tipos de discriminação sistemática. E ainda os modelos sociais violentos propagados através da comunicação social.

É certo que, por si só, a exposição à violência nos meios de comunicação não conduzirá à violência escolar. Contudo, se a este factor estiverem associados outros, como a pertença a uma família desestruturada, onde ocorrem episódios violentos e carente de afectos, bem como a pertença a um grupo ou *gang* onde todos partilham características semelhantes, podem ser um conjunto forte de causas para a origem do comportamento agressivo.

Alguns investigadores têm afirmado ainda que a cultura, estrutura e dinâmica interna da escola têm influência na redução ou aumento da violência. De facto, a escola pode alhear-se destas situações violentas ou resolve-las de forma errada ou, pelo contrário, trabalhar sobre elas de modo a melhorar o ambiente escolar. Aliás, não é errado afirmar-se que o fenómeno da violência escolar, isolada ou repetida, pode ter um efeito “bola de neve”. Ou seja, o número de agressões aumenta o número de vítimas, que por sua vez se podem tornar também agressores e aumentar o número de casos. Pelo contrário, a redução do número de casos conduziria ao efeito “bola de neve” contrário.

### **3.5. Consequências do *bullying***

Tal como as causas, as consequências do *bullying* podem ser variadas e dependentes do caso em questão. Geralmente, o receio que a vítima tem de falar leva-a a desenvolver problemas como a depressão e a baixa autoestima. Nem sempre estes efeitos são visíveis, até porque não se manifestam fisicamente. Noutros casos, a própria vítima tenta esconder os seus efeitos por medo, encobrindo até os mais visíveis, como os ferimentos.

De um modo geral, esta acção negativa, intencional e continuada, gera nas vítimas efeitos negativos como: depressão, ansiedade, baixa autoestima, dificuldades de interacção no meio escolar e dificuldades no desenvolvimento normal da aprendizagem.

As consequências não são apenas exclusivas das vítimas, afectam também os agressores. Aliás, como já se disse, muitas das vítimas acabam por ser também agressores, que vivem com intensidade estes efeitos.

*“É provável que alguns adultos ainda sofram as consequências de situações deste tipo, vividas durante a sua infância e que não foram tratadas correctamente”* (Serrate, 2009, p.11).

### 3.6. Tipos de participantes

Num episódio de *bullying* existe sempre uma vítima e um agressor. Contudo, pode haver outros participantes ou a vítima e/ou agressor podem ser um grupo.

Pikas (1989, citado por Smith & Brain, 2000) distinguiu dois tipos de vítimas: **a)** as vítimas provocadoras, que em parte causam o *bullying*; e **b)** as vítimas clássicas, que são agredidas sem terem provocado.

Salmivalli et al (1996, citado por Smith & Brain, 2000) distinguiu os seguintes participantes: **a)** *ringleader bullies*, ou seja, os agressores que tomam iniciativa; **b)** *follower bullies*, os agressores que se juntam ao que tomou a iniciativa; **c)** *reinforcers*, ou seja, os presentes que encorajam o agressor ou se riem da vítima; **d)** *defenders*, que ajudam a vítima; **e)** *bystanders*, que ficam de fora ou se afastam da situação; **f)** e, por fim, as próprias vítimas.

Carvalhosa, Lima & Matos (2001) distinguem quatro grupos: os agressores, as vítimas, as vítimas provocadoras e o grupo sem envolvimento. Por vítimas provocadoras estes autores entendem os indivíduos que participam simultaneamente como vítimas e agressores. Esta situação de duplo envolvimento, como já se disse, é muito comum.



### 3.7. Características dos agressores e das vítimas

Independentemente das diferenças entre cada caso, há algumas características frequentes nos indivíduos que se envolvem em situações de *bullying*. Por exemplo, diversas investigações indicam que os rapazes estão envolvidos no *bullying*, tanto como vítimas como agressores, mais frequentemente do que as raparigas (Kuther & Fisher, 1998; Olweus, 1994, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001, p.524). Por outro lado, os participantes em casos tendem a pertencer a baixos níveis de escolaridade, uma vez que a frequência do *bullying* diminui com o aumento dos anos de escolaridade.

Os agressores têm geralmente atitudes positivas para com a violência; são mais velhos do que as vítimas; têm maior probabilidade de se sentirem deprimidos; têm dificuldade em fazer amigos, embora tenham melhor relação com os pares do que as vítimas; sentem-se infelizes na escola; envolvem-se frequentemente em comportamentos de risco para a saúde, como fumar ou consumir drogas; têm maior probabilidade de se envolverem na delinquência; tendem a pertencer a famílias onde existe uma maior distância emocional e dificuldade em partilhar sentimentos como o carinho ou afecto; os seus pais criticam-nos mais do que elogiam e são negligentes no que toca a ensinar que a violência não é aceitável; os pais monitorizam pouco as saídas diárias dos filhos e têm competências pobres ou agressivas para a resolução de conflitos (Olweus, 1994; Salmon et al, 1998; Boulton, 1999; Due, Holstein & Jorgensen, 1999; King et al, 1996; DeHaan, 1997; Griffin, 1999; Sudermann et al, 2000, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001, p.524-525).

Alguns autores acreditam que os agressores têm falta de competências sociais. Contudo, outros estudos, vieram demonstrar que alguns agressores, em especial os que tomam iniciativa, têm boas capacidades mentais e uma elevada inteligência social. Eles usam as suas competências sociais para obter proveito próprio. As vítimas são passivas e mais deprimidas que os restantes alunos; apesar de fumarem e beberem menos, têm mais dores de cabeça e dores abdominais; têm também menos amigos e dificuldade em fazer amigos; consideram a escola desagradável; tendem a pertencer a famílias onde existe uma educação de restrição e excesso de protecção por parte dos pais (Salmon et al,

1998; Due et al, 1999; King et al, 1996; Olweus, 1994; DeHaan, 1997; Batsche & Knoff, 1994, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001, p.525).

A vítima não consegue defender-se facilmente, por uma ou mais razões: pode estar em minoria, ser mais pequena ou ser menos forte psicologicamente que o agressor.

As vítimas provocadoras tentam retaliar quando são atacadas. São frequentemente rejeitadas pelos pares, o que para Dodge (1991, citado por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001, p.525) pode conduzir a comportamentos agressivos para com esses mesmos pares. Consideram também a escola desagradável e estão associados ao consumo de tabaco e a níveis socioeconómicos mais baixos. O seu padrão de comportamento desregulado pode ser resultado de exposição a violência e abusos em casa, de pais punitivos, agressivos ou que rejeitam (Dodge, Bates & Petit, citados por Carvalhosa, Lima & Matos, 2001, p.525). Estão mais envolvidos que os restantes grupos em episódios violentos fora da escola. Este grupo com envolvimento duplo é aquele onde se verifica a existência de maiores factores de risco.

O grupo sem envolvimento geralmente apresenta melhor relação com os pares; está associado a níveis mais elevados de factores de protecção; tem uma melhor atitude face à escola; corresponde a um nível socioeconómico mais elevado; tem menores queixas de sintomas de depressão ou outros sintomas físicos e psicológicos. A prática de exercício físico ou a boa imagem corporal podem ser considerados factores de protecção contra o *bullying* (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001) e verificam-se frequentemente neste grupo.

Tendo em conta que a vítima não consegue ou tem dificuldade em defender-se, irá necessitar de ajuda para que os seus direitos sejam respeitados.

As crianças não podem aprender adequadamente se temerem pela sua segurança. Crianças e jovens perturbados – tanto agressores como vítimas – carecem de um ambiente protector para poderem aprender, desenvolver e crescer. Segundo Dan Olweus (citado por Beane, 2006, p. 22) *“todos os indivíduos devem ter o direito de serem poupados à opressão e à humilhação intencional e repetida, na escola ou na sociedade”*.

A escola, depois da família, é a primeira organização em contacto com a sociedade, representando assim o local onde os futuros cidadãos recebem constantemente influências, que podem ser negativas, como a violência já mencionada. Embora se saiba que o *bullying* ocorre em todas as escolas, embora com diferenças de intensidade, e que é comum/normal, isso não significa que deva ser socialmente aceite.

Há quem considere o *bullying* como uma preparação para a vida e algo necessário para se crescer. Contudo, estarão a fazer confusão com o conflito. Para o *bullying* ajudar ao crescimento teria de haver igualdade de poder, o conflito teria de ser justo e teria de trazer resultados positivos e não negativos. O *bullying* não pode ser considerado uma preparação para a vida quando tem conduzido a consequências trágicas, como o suicídio.

É necessário desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, com o envolvimento activo dos professores e comunidade educativa, consciencializando os pais para a natureza deste problema e torná-los mais vigilantes em relação aos comportamentos dos filhos em casa, de modo a obter desde logo informações de diagnóstico.

A família tem um papel determinante no combate à violência escolar. Sempre que a ligação entre ela e a escola é fomentada, estão a ser dados passos importantes no combate ao *bullying*. O trabalho conjunto entre pais e professores/educadores é determinante para identificar e prevenir estas situações.

Embora muitos casos ocorram discretamente ou afastados do público ou dos adultos, outros tantos podem ser identificados facilmente por olhos interessados e atentos. É claro que será sempre uma hipótese inicial de diagnóstico, que depois será necessário confirmar.

#### **4. O papel da família e da escola**

A família é a nossa primeira e grande organização que nos prepara para a vida, tanto no contexto afectivo como no social. Muitos dos nossos sucessos e estilos de ligações afectivas, que mantemos durante as nossas vidas, são pro-

duto das relações de afectividade que adquirimos no início da nossa vida e nos prepara para a segunda organização, a “Escola”, onde somos confrontados com um mundo exterior, que se caracteriza por ser um sistema alargado de comunicações, muito hierarquizado e alinhado verticalmente. A comunicação Escola/Família e Escola/Contexto evidencia a existência de triângulos relacionais, ocorrendo frequentemente desqualificações e desconfirmações. Os alunos possuem, neste contexto, um estatuto de dupla pertença na medida em que são, simultaneamente, filhos e alunos, mensageiros e mensagem, mas também (des)construtores de mensagens. Dado que a Escola é, por excelência, um espaço de interacção, importa tomar consciência da inevitabilidade e imprevisibilidade dos processos comunicacionais. É neste contexto de diversidade de papéis e funções que muitas vezes surgem situações de indisciplina e de violência, pelo que se deverá fomentar na Escola uma perspectiva e consciência psicossociológica, definindo e esclarecendo os estilos comunicacionais, clarificando o contexto e promovendo a comunicação para e do aluno.

*“A escola pode expressar quais as exigências que coloca às famílias e estas podem igualmente reflectir, por escrito, abordando as suas sugestões de mudança para a escola. Apesar dos pais e mães disporem de canais abertos para a participação, se o clima é impenetrável, acabam por concluir que é inútil reflectir sobre a deficiente actuação dos profissionais.*

*A presença dos pais e mães na escola foi entendida por alguns professores como uma ameaça real ou possível à soberania do corpo docente. Assim o revelam algumas investigações sobre a participação da comunidade educativa nos conselhos escolares da instituição” (Fernández, 1993; Santos Guerra, 1999, citado por Guerra, 2000, p.79.*

## 5. A importância da Animação Socioeducativa na mediação de conflitos

Sobre a origem da Animação Sociocultural, não é possível identificar com precisão quando surgiu, menos ainda conferir uma cronologia àquilo que hoje nomeamos como Animação. Sabemos sim que desde sempre houve diferentes tempos na vida das pessoas: tempo para o trabalho, tempo para a festa, tempo para o recreio, aquilo que num sentido mais alargado, podemos designar de Animação. Por isso, partilhamos das opiniões de respeitados estudiosos como Ventosa (1993, citado por Lopes, 2006, p.135), que afirma que a origem da Animação Sociocultural em Portugal, e das suas respectivas ramificações, quer associada a movimentos sociais quer a instituições, pode ser cabalmente explicada à luz da evolução social ocorrida a partir dos anos 60. Disso mesmo nos dá conta García (1987, citado por Lopes, 2006, p.136), pois segundo este autor:

*“A animação nasceu no “terreno” e tem a sua história intrinsecamente ligada aos movimentos sociais. A partir dos anos 60 começou a surgir gradualmente no sistema político – institucional. Apareceu como um novo “instrumento” que correspondia quer ao alargamento desse sistema (o Estado do bem-estar e suas múltiplas ramificações), quer à procura de respostas para novos problemas e necessidades: chegara a vez dos problemas culturais. Problemas de identidade cultural, problemas com a já nítida ruptura do tecido social portador de cultura, problemas com a socialização infantil e juvenil, problemas de carências de ligações entre os indivíduos e os sistemas em que se processam as suas trajectórias. Surge a Animação como estratégia de política social e como instrumento técnico”.*

Entende-se então que a Animação Socioeducativa reúne um conjunto de acções sociais que visam promover a iniciativa e a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento, tendo como objectivo principal o de promover a consciencialização para a participação das populações. A

Animação Socioeducativa é uma dimensão básica da animação, segundo Ventosa (1997, citado por Lopes, 2006):

*“Através de três modalidades básicas: a cultura (animação cultural), a social (animação social) e a educativa (animação educativa)”, leva a cabo a sua missão, recorrendo as técnicas de trabalho de grupo que visam promover a discussão e a comunicação. É um método de ensino que contempla para além da aprendizagem de conteúdos e competências escolares, metas e objectivos de âmbito educativo e social”.*

Uma vez que a educação coloca um problema à socialização entre a escola, alunos e família. Relevando desta forma de que a Animação Socioeducativa desempenha um papel crucial na socialização dos alunos e restante comunidade. Como podemos verificar através do seguinte despacho (Lopes, 2006, p.303-304):

*"Com o Despacho conjunto nº 942/99, “cria-se o programa Educação e emprego, Celebrado entre o Ministério da Educação e o Ministério do trabalho e Solidariedade. Este programa tem como objectivo apoiar o desenvolvimento de actividades de interesse social no sector da educação. Dele salientamos os seguintes pontos:*

*A Animação escolar está orientada para a ocupação e valorização dos tempos livres dos jovens das crianças do ensino básico e secundário e da educação pré-escolar, possibilitando-lhes o acesso a novos conhecimentos e interesses que ajudem a revelar as suas capacidades.*

*A mediação cultural está orientada para a integração de jovens e crianças pertencentes a grupos e minorias étnicas que frequentam os ensinos básicos e secundários e a educação pre-escolar.*

*A intenção da promoção deste programa, por parte dos ministérios referidos, resulta de se considerar a Animação como uma estratégia que visa, entre outros objectivos, responder às mutações do quotidiano. Nas escolas, ela poderá atenuar os desequilíbrios provocados pela massificação do ensino, geradores de bloqueios ao nível das relações entre professores, alunos e pais”.*

Confrontada com a missão de formar o homem cidadão, a escola actual é o lugar por excelência para levar a cabo projectos de animação, uma vez que esta é:

*“Um instrumento nas mãos dos grupos humanos que a utilizam para facilitar aos seus membros o acesso a determinados valores, conhecimentos, habilidades e estratégias que se consideram importantes”* (Quintas, 2002, p. 105).

Na organização da escola entendemos dever existir uma educação conjugada com a animação, onde as práticas são orientadas para o desenvolvimento pessoal e social:

*“Ganhem verdadeiro contexto na sociedade e sobretudo nas escolas e na formação das crianças e do próprio adulto, pois trata-se de trazer de volta os conteúdos da verdadeira essência humana, onde o cognitivo, o emotivo, o físico e o espiritual ganham contexto como partes de um equilíbrio. O sentimento, a atenção, o respeito por si, pelos outros e pela vida são assumidos com responsabilidade e logo liberdade, a verdadeira liberdade que se adquire por ser um verdadeiro ser humano”* (Beltrán, 2000, p.142).

*“O Futuro da Animação Socioeducativa, em Portugal, segundo Augusto Santos Silva, vai centrar-se no desenvolvimento comunitário. O Futuro da Animação Sociocultural em Portugal vai centrar-se, segundo Orlando Garcia, numa perspectiva plural onde coexiste uma panóplia de âmbitos e ainda uma vertente difusa e outra mais institucionalizada, que deve responder e corresponder a preocupações da sociedade nos diferentes níveis: culturais, sociais, educativos, políticos, formativos (formais e não formais) e novas tecnologias”* (Lopes, 2006, p.554-555).

## 6. A mediação de conflitos

A mediação de conflitos surgiu nos Estados Unidos na década de 70, com o intuito de criar uma alternativa aos tribunais, permitindo que os cidadãos se pudessem reunir e encontrar soluções para os seus problemas. Estes programas de mediação tiveram grande êxito nos Estados Unidos e, depois, um pouco por todo o mundo. Na década de 80, programas ligados à mediação comunitária, decidiram englobar também a escola, ensinando os discentes a mediar os conflitos com os seus pares. Estavam assim lançadas as bases da mediação em contexto escolar. Para Cohen (1995), a transferência da mediação de conflitos da comunidade para a escola partiu de quatro propósitos: **a)** o conflito é parte integrante da vida social e pode constituir uma oportunidade de aprendizagem e de crescimento pessoal para os participantes da vida escolar; **b)** já que o conflito é inevitável e inerente aos relacionamentos, a aprendizagem das habilidades para lidar com ele é tão importante como o estudo de outras disciplinas; **c)** os intervenientes na comunidade escolar podem, na maioria dos casos, resolver os seus conflitos com a ajuda de outros intervenientes; e **d)** a mediação constitui uma forma de prevenir futuros conflitos, pois apela a um espírito de colaboração e não a uma cultura de imposição.

### 6.1. A mediação em Portugal

O primeiro documento que menciona a figura do mediador é o Despacho nº 147/96, de 8 de Julho, que define os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária e prevê o recurso a **Animadores / Mediadores**:

*O Despacho Conjunto nº 132/96 de 27 de Julho do mesmo ano aprova o programa de tempos livres para jovens e crianças do ensino básico e secundário e da educação pré-escolar prevendo de que estas actividades sejam desenvolvidas por mediadores. No ano de 1998 é publicado um diploma que reconhece a figura do mediador e o desempenho das funções de mediador cultural para a educação, ou seja, o Despacho conjunto nº 304/98 de 24 de Abril. Em 1999, o Despacho Conjunto nº 942/99, de 3 de Novembro, visa o*



*regulamento da situação dos mediadores e dos animadores culturais e, em 2000, o Despacho Conjunto nº1165/2000 da Presidência da República do Concelho de Ministros, do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e do Ministério da Educação cria um grupo de trabalho para avaliar o papel dos mediadores nas escolas e procede ao levantamento das suas necessidades. Por último, em 2007, a Portaria nº 15817/2007, de 27 de Julho, regulamenta as funções do mediador pessoal e social no âmbito dos Cursos de Educação e Formação de jovens Adultos (Tomás, 2010,p.31).*

Com a introdução da mediação de conflitos em Portugal, começou também o debate sobre a mediação em contexto escolar. Procura-se que todos os intervenientes na escola ( direcção, docentes, pessoal auxiliar e administrativo, estudantes e pais) não se alheiem das suas responsabilidades na construção do ambiente escolar.

Infelizmente, a mediação em contexto escolar ainda se encontra em processo embrionário, revelando-se muitas vezes incapaz de dar resposta a conflitos que surgem neste ambiente. Por essa razão, seria importante que todos os intervenientes na escola soubessem que têm ao seu dispor esta ferramenta e que podem usá-la no sentido de melhorar o funcionamento da escola.

## **6.2. Vantagens da mediação de conflitos em contexto escolar**

Por mediação do conflito pode entender-se o “*procedimento no qual os participantes, com a assistência de uma pessoa imparcial – o mediador, colocam as questões em disputa com o objectivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável*” (Chrispino, 2007, p.23).

Quando nos deparamos com um conflito na escola, geralmente são aplicadas aos infractores punições, como processos disciplinares ou sanções, que geram insatisfação e revolta nos seus intervenientes. Por isso, através da me-

diacção, seria possível criar mecanismos para que o conflito fosse encarado como natural e se desse protagonismo aos intervenientes na sua resolução. Desta forma, seriam promovidos valores de extrema importância na actual sociedade, como a solidariedade, a tolerância, a igualdade e o juízo crítico. O uso das técnicas de mediação de conflitos pode melhorar o clima escolar.

De forma a prevenir com antecedência conflitos e rivalidades, com a colaboração de toda a comunidade educativa (professores, directores, alunos, funcionários, família), supervisionando em colaboração com o Gabinete de Mediação, devem ser implementados programas de prevenção, assumindo directrizes para a promoção de uma escola sem conflitos. Uma escola dialogante, segura e harmoniosa.

### **6.3. Aspectos a ter em conta num programa de mediação**

Na implementação de um programa de mediação em contexto escolar é necessário trabalhar diversos conceitos, tais como: **a)** a cooperação entre os intervenientes, para que possam trabalhar juntos; **b)** a noção de conflito, para que todos saibam identificar quando estão perante um; **c)** a comunicação, para que os intervenientes aprendam a comunicar e a escutar; **d)** o respeito pela diversidade, uma vez que a comunidade escolar é composta por pessoas diferentes; **e)** a expressão de emoções e o respeito pelos sentimentos dos outros; e **f)** a resolução de conflitos, de modo a que todos adquiram habilidades para os resolver.

O primeiro passo para a introdução da mediação de conflitos na escola é o reconhecimento da existência de conflitos. Há dois tipos de escolas: as que assumem a existência do conflito e procuram oportunidades para a sua resolução e as que negam a existência do conflito e que, por isso, têm de lidar com a sua manifestação violenta (Chrispino, 2007). É ainda necessário identificar os tipos de conflito existentes.

Partindo de um diagnóstico, podem trabalhar-se os diversos conceitos referidos da forma que se considerar mais pertinente. Cada conflito é diferente, por isso a mediação será diferente: não há um procedimento para a mediação que

se possa ensinar, podem apenas dar-se instrumentos para que os indivíduos consigam melhor resolver os seus conflitos ou apoiar os outros nos seus problemas.

Como afirma Chrispino (2007, p. 25), *“não há receita na mediação de conflito que possa ser aplicada indistintamente a escolas diferentes”*, por isso, cada projecto será singular e adaptado ao meio escolar em questão.

## **7. A importância da Animação nos recreios**

*“O recreio, do qual todos nós temos as melhores e as piores recordações da nossa infância, assume-se como um espaço e um tempo de grande importância no desenvolvimento da criança”*. São espaços que devem garantir o direito à criança de brincar, criando desta forma rotinas e adquirindo experiências para a vida activa (Pereira, 2008). O recreio escolar é um momento de desenvolvimento da criança, de criação de relações com outras crianças, de criação de jogos e improvisação de brincadeiras, aprendizagem de regras e tomadas de decisões, adquirindo novas competências. Neste espaço as relações entre pares são mais livres e espontâneas, tão importantes como as da sala de aula (Blatchford & Spart, 1994, citado por Marques & Neto, 2000). O recreio é um espaço de desenvolvimento, socialização, aprendizagem e jogo sem a influência dos adultos, que permite à criança criar as suas próprias relações e amizades. Envolve ainda a ideia de espaços ao ar livre, fundamentais para a promoção de estilos de vida saudáveis, de forma adequada às suas necessidades motoras, afectivas e sociais. A supervisão, onde seja incluída obrigatoriamente, implica a capacitação dos elementos que actuarão nessa acção. Formação de uma equipa polivalente que envolva, além da comunidade escolar, técnicos especializados em construção/requalificação de espaços lúdicos.

As necessidades de ontem não são as de hoje, nem serão as de amanhã. As mudanças que têm acontecido na sociedade em relação à família, aos hábitos de vida (diminuindo cada vez mais o tempo disponível dos adultos para as crianças), hábitos de vida mais sedentários, com bastantes horas frente a um ecrã (televisão, computadores, *playstation*, telemóveis), a insegurança na rua,

reduzem o espaço em que a criança pode andar à vontade. Actualmente, a criança passa a maior parte do seu tempo na escola, o recreio será o único espaço ao ar livre que poderá usufruir. Isto indica-nos a importância que se deve dar a este espaço, tornando-o cada vez mais seguro, estimulante e alegre. Harmonizar este espaço, adequa-lo aos jogos e dinâmicas de grupo, outras actividades informais, permite formar adolescentes e adultos activos. Será conveniente motivar a comunidade e as crianças, a participar activamente na construção de um espaço que ofereça segurança, liberdade, oportunidades e amizades. Na nossa memória ficarão os bons e os maus momentos vividos, enquanto crianças, no recreio da nossa escola.



## **PARTE II**

### **Enquadramento metodológico**



## **1. Enquadramento metodológico**

No enquadramento deste capítulo vai ser trabalhado o problema que deu início a este trabalho de investigação. Seguidamente, vai ser definida a metodologia, através da exposição das técnicas de recolha e análise de dados e sua adequação no referido trabalho de estudo. Trata-se de um estudo numa abordagem qualitativa, nomeadamente a Investigação-Acção.

### **1.1. Objectivo da investigação**

Este trabalho tem como objetivo criar estratégias que permitam a diminuição do *bullying* na escola. Assim, foi necessário definir quatro objetivos de forma a facilitar a orientação da investigação. Os objetivos são os seguintes:

- a)** Identificar situações de violência escolar, que justifiquem a intervenção.
- b)** Transmitir aos funcionários, alunos e pais conhecimentos que facilitem o diagnóstico de situações de *bullying*.
- c)** Apoiar funcionários, alunos e pais no desenvolvimento de competências para a resolução de conflitos na escola.
- d)** Apresentar o papel da Animação Socioeducativa na implementação de metodologias a utilizar na mediação de conflitos na escola, fora da sala de aulas.

### **1.2. Pergunta de partida**

Para a realização deste trabalho de investigação foi necessário organizar uma questão inicial e as questões orientadoras, que instituem o fio condutor da investigação, sendo esta a orientação do estudo que encaminha o trabalho para determinada direcção.

**A pergunta de partida foi a seguinte:**



*“De que forma a Animação socioeducativa pode contribuir, através da Mediação de Conflitos, na prevenção e combate de violência e conflitos, na Escola EB/2.3 de Marco de canaveses?”*

### **1.3. Perguntas orientadoras**

No sentido de responder à pergunta de partida desta investigação, será necessário descrever mais detalhadamente o que se pretende estudar e analisar. Desta forma, as perguntas orientadoras desta investigação são as seguintes:

- a) O que se entende pelo conceito de agressividade, entre os alunos no espaço educativo?
- b) De que forma a Animação Socioeducativa, contribui para o combate e prevenção do *bullying* no espaço educativo?
- c) Como se definem as actividades para minimizar o problema da agressividade, entre os alunos, dentro do espaço educativo?
- d) Que factores influenciaram a motivação e envolvimento nas actividades de prevenção e combate ao *bullying*?
- e) Qual a importância das actividades de formação nos assistentes operacionais, na participação do bem-estar dos alunos?

## **2. Metodologia**

O presente trabalho inclui duas grandes fases: na 1ª fase a passagem de questionários aos alunos para identificar e caracterizar as situações de *bullying*. A segunda fase reveste a forma de investigação-ação, ocorrendo em duas etapas: a) ações dirigidas diretamente aos alunos e b) uma ação de formação para os funcionários do Agrupamento

Para a realização deste trabalho de investigação torna-se necessário recorrer a técnicas de recolha e análise de dados. O investigador deve seleccionar as técnicas a que irá recorrer de acordo com o carácter da investigação, tendo em atenção os objectivos do estudo e seus destinatários, de modo a recolher informações de forma mais eficaz e adequada. Desta forma, as técnicas utilizadas nesta investigação foram a pesquisa bibliográfica, os questionários, o diário de bordo que completa as conversas e registos de observação participante e, por último, a análise de conteúdo.

## **Técnicas de análise de dados**

### **2.1. Pesquisa Bibliográfica**

Esta investigação teve como primeiro ponto de partida, na recolha de dados utilizada, a pesquisa bibliográfica. Sendo esta uma técnica que consiste na obtenção de informação, de conhecimento e perícia através de obras de investigação efectuadas por autores de referência. Houve sempre uma atitude de análise e reflexão crítica. Esteve sempre presente o rigor científico para em consciência fazer a selecção dos temas mais pertinentes. Nas bibliotecas públicas, privadas, livrarias e também na internet procurou-se encontrar os documentos mais relevantes para a conclusão da investigação deste projecto.

### **2.2. Inquérito por questionário**

O inquérito por questionário é uma técnica de análise quantitativa, através da qual se pretende questionar um conjunto de inquiridos exemplares, de forma a representar uma população. Trata-se de uma série de perguntas com a finalidade de obter respostas precisas, sobre determinados assuntos e problemas. Designa-se de inquérito por questionário todos os processos de recolha sistemática, no terreno de estudo ou investigação, de dados susceptíveis de serem comparados e tratados, admitindo uma posterior análise quantitativa.

Um questionário, com vinte e cinco questões, foi dirigido aos alunos da Escola EB/2.3 de Marco de Canaveses, num universo total de 1068 alunos, sendo seleccionados 115 alunos. Foram escolhidos através de amostras aleatórias simples. Seleção das unidades que integram a amostra com base num processo aleatório que assegura que todas as unidades da população alvo têm a mesma probabilidade de serem seleccionadas, sendo atribuindo um número para rapazes e para raparigas. Se esse número não corresponder a uma pessoa do género pretendido, será escolhida a pessoa do mesmo género com o número mais próximo na ordem ascendente. As questões formuladas neste inquérito incluem: 24 questões fechadas - conjunto de questões padronizadas para as quais apenas é possível dar um número restrito de respostas - e uma questão aberta, de resposta livre para dar a oportunidade ao inquirido de a completar.

### **2.3. Diário de Bordo**

O diário de bordo é um dos instrumentos de estudo de caso que, segundo Bogdan e Biklen (1994), é um instrumento útil, utilizado no trabalho de campo e que tem como objectivo ser um instrumento onde o investigador vai acrescentando os registos retirados das suas observações no campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.150), essas notas são “o relato escrito daquilo que o investigador vê, escuta, experiencia e pensa no decorrer da recolha, reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Numa situação em que o investigador é um observador-participante, segundo Yin (1994), há um risco, sendo no entanto excelentes as oportunidades que esse papel pode proporcionar. O diário de bordo é uma ferramenta que representa uma fonte importante de dados e também pode apoiar o investigador no desenvolvimento da sua análise. Dado que:

*“As notas de campo devem incluir descrições, acontecimentos e conversas, assim como as acções, sentimentos, intuições ou hipóteses de trabalho do observador. A sequência e duração dos acontecimentos e conversas registam-se com a maior precisão possível. A estrutura do cenário descreve-se detalhadamente. Resumindo, as notas de campo pretendem passar para o papel, tudo*

*aquilo de que nos podemos lembrar referente à observação. Uma boa regra que o que não está escrito, nunca aconteceu” (Taylor e Bogdan, 1986, citados por Guerra, 2003).*

No presente trabalho, o diário de bordo desenvolve-se numa técnica de dados importante, relativa às opiniões dos alunos e funcionários face às acções desenvolvidas.

Neste diário de bordo ficaram anotadas questões de conversas informais realizadas com os alunos, funcionários e Animadora Socioeducativa (AS).

As conversas informais são um excelente meio de recolha de informações sobre determinado assunto de forma informal. Através desta técnica, as conversas informais são um excelente meio de obtenção de informação sobre uma determinada questão na recolha de dados, que de outra forma, através de uma técnica formal, podem não ser adquiridos.

Estas conversas informais revelaram-se úteis para complementar informações adquiridas ao longo da investigação. Verificou-se, através do diálogo (conversas informais), a satisfação relativamente às actividades efectuadas entre os jovens.

Inicia-se um estudo de observação sobre o ponto de situação, a fim de adoptar uma estratégia de ensino/aprendizagem mais adequada. Com isto consegue-se obter a confiança, sabendo que, pedagogicamente, se acede aos valores a partir de noções e conceitos na construção de valores cívicos, antes de relevar o saber, a formação cívica releva o saber estar. Ela transcende o intelecto para comprometer a personalidade inteira.

### **3. Investigação – Acção**

São de extrema importância as opções metodológicas a utilizar no trabalho de investigação que se pretende realizar, uma vez que conduzem a reflexões de todo um trabalho de investigação.

Desta forma, será de referir que esta metodologia se desenvolverá numa investigação de índole qualitativa, assente no modelo de *Investigação – Acção (IA)*. Tal como o nome indica, dá pistas sobre a sua natureza tratando-se de combinação entre a investigação e a intervenção. Desta forma, a IA é indicada por um elemento interventivo, que tem como ponto de vista a mudança, de modo a construir uma sociedade mais democrática, através do aperfeiçoamento e da mudança.

É uma acção de investigação que tem por missão beneficiar as pessoas pertencentes a uma comunidade. É uma pesquisa constante e crítica, devido ao seu carácter prático. Encontra-se no domínio da animação socioeducativa, sendo atraente. Permite uma investigação aliciante devido ao seu carácter prático. Para além de analisar os problemas, o investigador tem ainda a possibilidade de intervir junto com a comunidade, para tentar encontrar soluções (tais como: inovar, mudar, progredir) tendo em vista o desenvolvimento. Será necessário observar, planear e actuar de acordo com a realidade, passando para a acção o plano de actividades, que serão desenvolvidas através do Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno (GMAA).

### 3.1. Plano de atividades com os alunos

Objectivos	Atividades	Publico-alvo
<p>Promover nos alunos um ambiente escolar harmonioso, dando especial relevo às atitudes assertivas de relacionamento interpessoal.</p> <p>Identificar situações de violência escolar que justifiquem e opõem a intervenção</p>	<p>Campanha anti-bullying; Sendo colocados, nas portas das salas, cartazes com palavras de afecto.</p> <p>Construção e colocação da aranha na entrada principal da Escola.</p>	Alunos

	Inquéritos.	
Organizar planos de prevenção e apoio aos alunos, no sentido de proporcionar o apoio pedagógico que se verificar necessário, em articulação e cooperação com os professores, na aula de cidadania aos alunos CEF.	Trabalhos de grupo ou individual; Adornar a entrada da escola; Formação aos alunos Jogos educativos; Dinâmicas de grupo. Filmes recomendados.	Alunos Cef
Promover o diálogo da escola com a família, consciencializando os encarregados de educação para o papel que lhes cabe na vida escolar; Incentivar a supervisão por parte dos adultos e uma intervenção directa com os alunos ensinando-os a gerir conflitos; Participação de alunos, funcionários	Acções de sensibilização – formação multitemáticas de educação parental.	Funcionários alunos
Promover acções de promoção e de valorização pessoal dos alunos	Colocar um painel na entrada da escola (átrio dos alunos), onde serão escritas mensagens alusivo à anti-violência, dentro do espaço educativo, será avaliado no final do 1º período.	Alunos e Comunidade educativa
Promover acções de promoção e de valorização pessoal aos alunos (CEF), alunos do GMAA e outros alunos	Dinâmicas de grupo; Exposições Multitemáticas. Filmes pedagógicos	Alunos Cef

	Avaliação do painel Anti – violência, pelos alunos e funcionários.  Visualização de filmes recomendados  Avaliação.	Alunos e comunidade educativa
--	--	-------------------------------------

### 3.2. Formação: Assistentes Operacionais

Este gabinete propôs-se a realizar uma ação de formação sobre o tema “Bullying em Contexto Escolar”, direcionada para todos os Assistentes Operacionais (AO) do Agrupamento. Sendo ministradas 15 horas de formação, que irão decorrer depois do final das aulas do 3º período.

Tem como objetivos principais:

1. Conhecer e distinguir o fenómeno bullying, de outros comportamentos que ocorrem dentro da escola;
2. Consciencializar para a tomada de prevenção e combate da violência entre alunos;
3. Distinguir comportamentos e atitudes de violência entre pares;
4. Distinguir formas e tipos de bullying;
5. Identificar o papel da escola e da família perante os comportamentos de bullying dentro dos espaços educativos;
6. Promover o bom relacionamento interpessoal entre os alunos e entre estes e toda a comunidade escolar;
7. Prevenir o aparecimento de situações de indisciplina e, consequentemente, de bullying, fora da sala de aula.

## **PARTE III**

### **Campo contextual**





## **1. Caracterização demográfica do Marco de Canaveses**

Marco de Canaveses é uma cidade do Distrito do Porto, tem uma área com 202,2 km<sup>2</sup>, com 53.450 habitantes (INE, 2011), subdivididos por 31 freguesias. É demarcada a norte pelo município de Amarante, a leste pelo Concelho de Baião, a sul pelo Concelho de Cinfães, a sudoeste pelo Concelho de Penafiel. Marco de Canaveses é berço de figuras ilustres, que projectaram além-fronteiras o nome desta terra, destacando-se no panorama artístico a figura de Cármen Miranda, no ramo empresarial Belmiro de Azevedo e nas ciências, o historiador Aníbal Barreira.

O Concelho de Marco de Canaveses nasceu em Março de 1852, por decreto de D. Maria II, sendo elevado à categoria de Cidade em 20 de Maio de 1993. Está administrativamente ligado ao Douro Litoral e integrado na Região de Turismo da Serra do Marão. Sendo que as afinidades anímicas do seu povo são preferencialmente com as do Entre Douro-e-Minho. Em ambos os lugares o homem é realizador e criativo, empreendedor e pluriprofissional, tanto quanto activo e persistente, adquirindo ao longo do tempo pelo destino e pela vocação marcados pelos dois rios que o cortam, o Douro e o Tâmega, potenciados pelas barragens do Carrapatelo e Torrão, oferecendo condições fluviais favoráveis ao turismo baseado nos desportos e passatempos náuticos. As paisagens, os rios e as montanhas completam-se numa simbiose quase perfeita.

A nível arqueológico destacam-se os vestígios de Tongobriga – área Arqueológica do Freixo, uma importante povoação romana, de que permanecem, tornando-se objecto de cuidado e estudo e preservação, as termas, o fórum, as zonas habitacionais e uma necrópole.

Existem outros vestígios artísticos, deixados pelo homem ao longo dos tempos e hoje é possível falar por exemplo, de uma importante rota românica de igrejas, essencialmente: Vila Boa de Quires, Tabuado, Santo Isidoro, Sobretâmega, S. Nicolau, Soalhães, Fandinhães. Assim como o Barroco também marca esta região em grande força, nomeadamente, no Mosteiro de vila Boa do Bispo, Convento de Alpendorada e de casas solarengas como: Obras do Fidalgo, rico palacete inacabado (de Vila Boa de Quires); Solar dos

Mourões (Fornos); Solar do Ribeiro (S. Lourenço do Douro); Casa Grande (Ariz), Casa da Quintã (Soalhaes), Casa da Picota (Tuías), Casa de Carvalhõezinhos (Vila Boa do Bispo), Casa de Bustelo (Banho e Carvalhosa), etc....

Nos aspectos etnográficos, destaca-se o artesanato em que realçam a cestaria, os chapéus de palha, as miniaturas em madeira, a tapeçaria, tanoaria, bordados, as bonecas de folhelho, a cantaria... As feiras, festas e romarias. O folclore é outro artigo capaz de motivar o turista, pela sua alegria e cor, pelo que transmite sobre a alma de um povo.

Outra grande riqueza digna de salientar é a gastronomia típica – Anho Assado com arroz de forno a lenha, o Verdinho, a Lampreia (Torrão) regados com os excelentes vinhos verdes, produzidos no Marco de Canaveses. A doçaria faz-se destacar pelas fatias e cavacas do Freixo, pelos biscoitos da Duriense e pelo pão podre (doce típico da época da Pascoa).

### **1.1. Enquadramento geográfico**

Situado no Nordeste de Portugal, Marco de Canaveses integra-se no Douro Litoral e Distrito do Porto. É dividido por dois grandes importantes rios, o Douro e o Tâmega. O Douro corre de Este para Oeste, e delimita o Concelho a Sul, separando-o do Concelho de Cinfães e Castelo de Paiva. O rio Tâmega corre de Norte para Sul, e demarca uma grande parte do Concelho de Penafiel, que se situa a Oeste. A Norte encontra-se a Serra do Marão, no próximo Concelho de Amarante. Nos limites com os Concelhos de Amarante e Baião, localiza-se a Serra da Aboboreira, que estende os seus dorsos graníticos até ao rio Douro. Ficando situado o Concelho de Baião a Leste.

O Concelho de Marco de Canaveses domina áreas com altitude compreendidas entre os 200 e os 600m, atingindo valores mais elevados nas serras da Aboboreira (960m) e de Montedeiras (638m). Ficando na distância de 51km da Cidade do Porto, 19km da Cidade de Penafiel, 18km da Cidade de Amarante, 25km de Baião, 30km de Cinfães, e 22km de Entre-os-Rios.

O clima é marcadamente Atlântico, sendo rigoroso no Inverno, e árido no Verão. Os ventos dominantes chegam dos quadrantes Oeste e Sudoeste. São estes ventos que propiciam fortes precipitações nas áreas mais altas e que abrandam à medida que as vertentes baixam para os vales. A humidade relativa é bastante elevada (75%-80%) e a nebulosidade é frequente.

Apenas 865ha de solo do Concelho são considerados férteis e produtivos. O milho era o cereal mais cultivado, o pinheiro bravo a árvore que mais abunda e a vinha a que mais rendimentos geram. O solo desta região é tipicamente granítico. Devido à construção de barragens (a de Carrapatelo no Rio Douro, a do Torrão no Rio Tâmega), as terras ribeirinhas ficaram mais atractivas, proporcionando desta forma a prática de desportos náuticos nas Albufeiras. É de salientar que a navegação fluvial e a pesca são práticas já consideradas tradicionais.



LEGENDA:

○ Cidade de Marco de Canaveses

🏠 Jardim de Infância

🏫 Escola 1º Ciclo Eb1

🏫 EBM - Escola de Ensino Básico Mediatizada

🏫 Escola do 2º e 3º Ciclo EB2,3

🏫 Escola Secundária

🏫 Escola Profissional de Arqueologia

🏫 Escola Profissional de Agricultura

🏫 Escola Profissional Centro de Estudo da Pedra

## **1.2. Caracterização socioeconómica**

A cidade de Marco de Canaveses caracteriza-se como sendo uma pequena cidade de interior. O sector primário predomina dentro da estrutura unifamiliar, no sector secundário predominam as indústrias de construção civil, doçaria, papel, têxtil e extracção mineral (pedreiras), embora urge salientar que neste momento atravessam um período de recessão. No que concerne ao sector terciário há um aumento considerável de serviços financeiros, turismo, cultura, comércio e serviços gerais (saúde, educação, transportes...).

Importa, todavia, sublinhar o peso que o desemprego assume, presente-mente, na população, em especial, da residente na área urbana do Concelho e que afecta sobretudo o sector industrial. Esta realidade, como é óbvio, traduz-se em inúmeros e graves problemas sociais como, entre outros, reflexos de variada ordem na vida escolar diária de muitos dos nossos alunos. O Agrupamento em geral (e cada estabelecimento em particular) deverá estar atento a este fenómeno e aos seus efeitos, agindo de forma consciente e deliberada com outras estruturas e serviços da comunidade, nomeadamente na prevenção de fenómenos como:

- O combate à violência nos alunos;
- A exclusão social;
- O abandono escolar;
- Problemas alimentares;
- Problemas familiares.

Com base nos dados fornecidos pelos relatórios e outros documentos dos diferentes estabelecimentos e após um tratamento sucinto dos mesmos, pode concluir-se que a esmagadora maioria dos alunos do Agrupamento faz parte de famílias que trabalham 'por conta de outrem', sendo muito poucos os oriundos do meio empresarial (industriais, comerciantes e agricultores). O peso das famílias de agricultores é igualmente muito baixo.

## 2. Caracterização do Agrupamento

O Agrupamento Vertical de Escolas do Marco de Canaveses é constituído por 21 Jardins de Infância, 16 escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico e uma escola do 2º e 3º Ciclos, que funciona como sede do Agrupamento. As instalações da sede situam-se na freguesia de Fornos, uma das maiores do concelho. Este Agrupamento Vertical foi homologado a 6 de Julho de 2000. No ano lectivo de 2007/2008 surgiu a integração do Agrupamento Horizontal de Fornos.

### 2.1. Escolas pertencentes ao Agrupamento:

Freguesias	Pré-escolar	1º Ciclo
Avessadas	2	4
Folhada	2	2
Fornos	6	10
Freixo	1	3
Rio de Galinhas	4	5
S. Nicolau	2	-
Soalhães	6	18
Sobretâmega	5	5
Tabuado	3	5
Tuías	5	6
Várzea de Ovelha e Aliviada	4	7

Fonte: Escola EB/2.3 de Marco de Canaveses, 2011/2012

## 2.2. População Escolar

<b>2º/3º Ciclos (EB 2.3 M Canaveses – Fornos)</b>	
<b>Ano</b>	<b>Turmas</b>
5º	12
6º	12
7º	6
8º	7
9º	4
CEF	4

Fonte: Escola EB/2.3 de Marco de Canaveses, 2011/2012. População escolar

## 2.3. Distribuição dos alunos por turma

<b>Ano Lectivo de 2011/2012</b>							
<b>1ºciclo</b>	<b>Nº alunos</b>	<b>2ºciclo</b>	<b>Nº alunos</b>	<b>3ºciclo</b>	<b>Nº alunos</b>	<b>CEF</b>	<b>Nº alunos</b>
<b>1º Ano</b>	215	<b>5º</b>	307	<b>7º</b>	153		68
<b>2º Ano</b>	290	<b>6º</b>	298	<b>8º</b>	152		
<b>3º Ano</b>	319			<b>9º</b>	90		
<b>4º Ano</b>	270						

Fonte: Fonte: Escola EB/2.3 de Marco de Canaveses, 2011/2012



## 2.4. Aproveitamento

Os dados referem-se ao ano lectivo de 2011/2012.

2º Ciclo			3º Ciclo		
	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
Sucesso	287	266	92	78	73
Insucesso	24	44	20	10	32

Fonte: Escola - Avaliação no final do ano lectivo 2011/2012

Após uma análise dos resultados observados no relatório de níveis/classificações, no final do ano lectivo, pode concluir-se que os níveis mais inferiores, foram a matemática e de seguida da disciplina de Língua Portuguesa.

## 2.5. Oferta curricular alternativa

Os Cursos de Educação e Formação (CEF'S), sendo da responsabilidade da EB/2,3 de Marco de Canaveses, são administrados em conformidade com as disposições regulamentares emanadas *pelo Ministério do Trabalho, Segurança Social e Ministério da Educação*. Tem como objectivo combater o insucesso, abandono e a desmotivação.

Foram constituídos neste Agrupamento os Cursos de Educação e Formação (CEF'S). O Despacho Conjunto nº453/2004 regulamenta os seguintes cursos de educação e formação para jovens com idade igual ou superior a 15 anos que pretendam ingressar no mundo do trabalho.

Estes cursos são mais flexíveis com uma vertente mais prática uma vez que cedo estes alunos revelam algum desinteresse pelo ensino regular.

No presente ano lectivo há a referir os seguintes cursos de Educação e formação (CEF'S).

## 2.6. Alunos Formação CEF

Curso de Educação e Formação (Cef`s)	Sexo	2011/2012	
		1º Ano	2º Ano
Apoio família e comunidade	F	13	15
Carpintaria de limpos	M	15	14
Instalação e Reparação de computadores	M	0	14
	Totais	28	43

Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses - 2011/2012

Com estes cursos pretende-se proporcionar aos alunos a entrada no mundo do trabalho e sensibilizar o interesse da Formação ao Longo da Vida.



## **PARTE IV**

### **Análise dos resultados dos inquéritos**

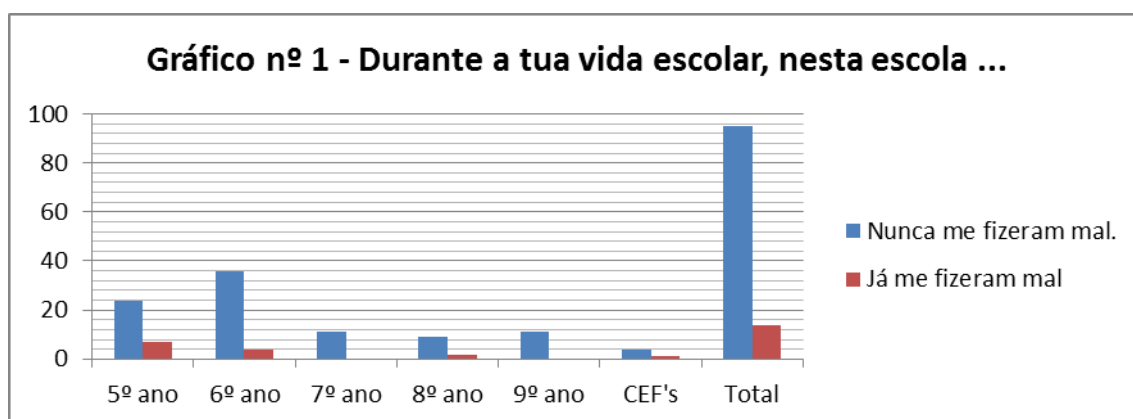


## 1. Apresentação e discussão dos resultados

Depois do percurso de investigação temática, revisão da literatura, aplicação dos questionários e análise dos seus conteúdos, intervenção e sua avaliação discute-se os resultados obtidos, a qualquer projecto de intervenção, possibilita tirar algumas conclusões úteis no que diz respeito à adesão da comunidade às actividades e uma primeira reflexão sobre o impacto das mesmas. Através da análise dos resultados extrai-se conclusões pertinentes para este estudo, com base num diagnóstico na observação feita aos alunos através do Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno, na resolução de conflitos e na prevenção da violência, mais concretamente ao *bullying* entre pares no contexto educativo.

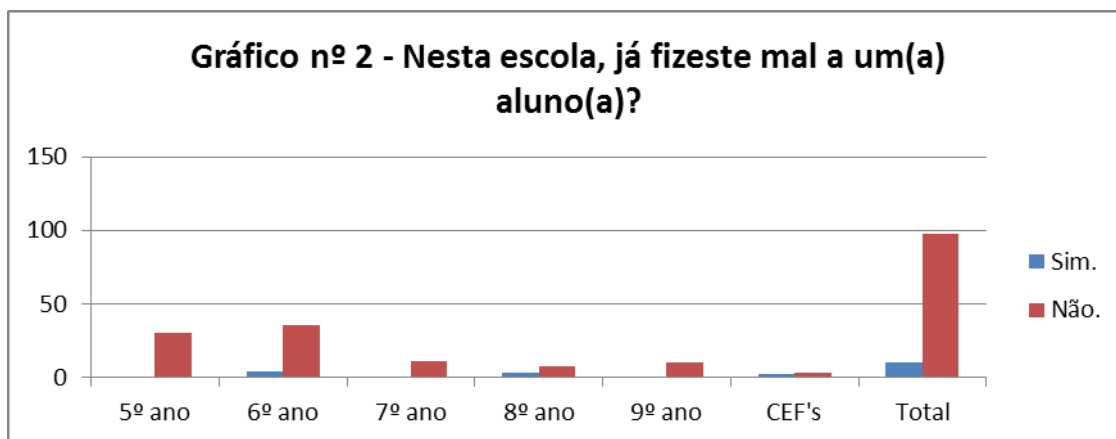
Assim, num primeiro tempo apresenta-se a análise dos questionários realizados para compreender a realidade dos alunos da escola EB/2.3 de Marco de Canaveses, perceber quais as situações mais graves referentes aos comportamentos agressivos dos alunos, a escola onde estudam, a medida do conflito na escola, passando à análise da intervenção realizada.

### 1.1. Análise dos questionários realizados aos alunos



No gráfico apresentado verifica-se que o número de alunos que afirma ter sido vítima de *bullying* é inferior ao nº de alunos a quem nunca fizeram mal na escola. É entre os mais novos do (5º ano e 6º anos), que se encontram mais vítimas.

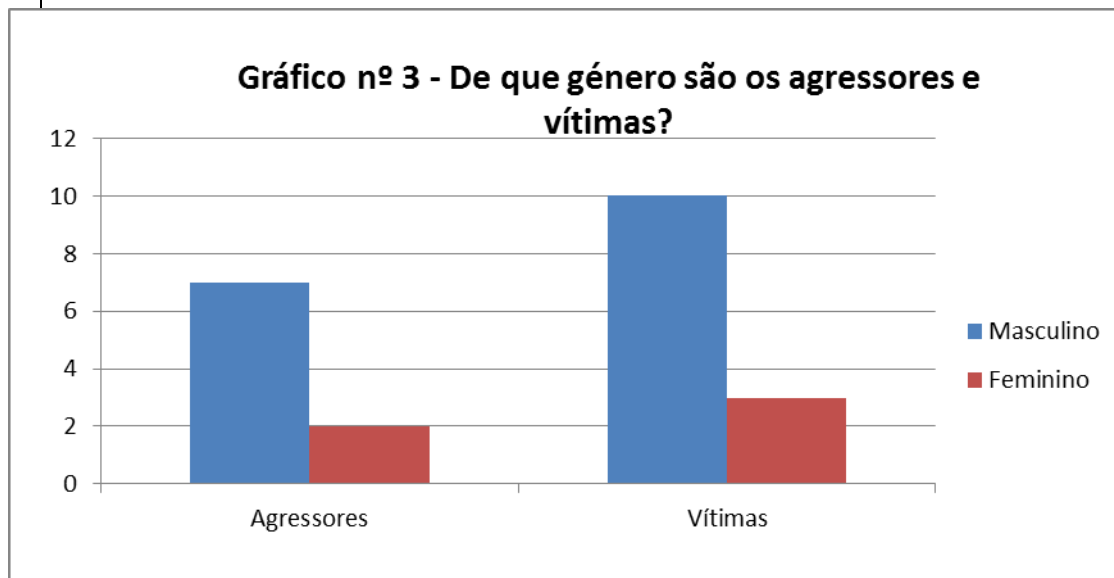
Surge o alerta para que a escola tome as devidas precauções relativamente à sua segurança na prevenção e vigilância, para que a escola seja de facto um local de segurança e tranquilidade, para que os alunos (especialmente os mais novos) sintam que o espaço escolar é um lugar seguro, controlado e protegido por adultos responsáveis e competentes. A intervenção precoce é uma medida preventiva da escola, na valorização da problemática: Acções de esclarecimento com técnicos especializados (pais/escola); Implementação de medidas a longo prazo; Preparação dos alunos por intermédio dos pais; Estar atento e intervir (pais/escola).



O número de alunos que reconhece ter feito mal a algum a outro aluno é ligeiramente inferior ao número de inquiridos que se considerou vítima. Apenas dois dos alunos inquiridos reconheceram ser simultaneamente vítimas e agressores. Nenhum dos alunos do 7º ano se identificou como vítima ou agressor. No entanto, o *bullying* afeta todos.

*“As crianças que vêem outras crianças ser vítimas de bullying tem, muitas vezes, medo de se manifestarem, talvez pensando: Podia ser eu. Uma criança que é vítima de bullying pode ser rejeitada pelos seus colegas, como se tivesse uma espécie de doença. Algumas crianças que testemunham muitos comportamentos de bullying reagem da mesma maneira que muitas vítimas – tentam evitar a situação e podem mesmo desenvolver dores de cabeça, dores de estômago, ou outros sintomas físicos para conseguirem lidar com o stress. Um ambiente em que as crianças se preocupam com “*

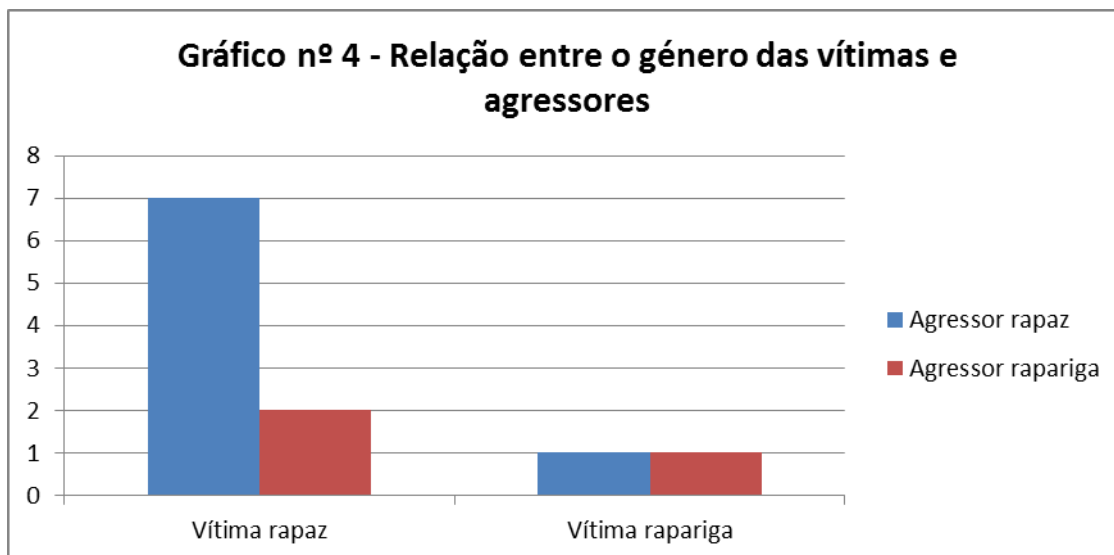
*quem vai ser o próximo” é encorajador da ociosidade, do absentismo e do abandono escolares” (Beane, 2006, p.15).*



Verifica-se que a percentagem masculina aparece em maior número, quer a nível de agressores, quer a nível das vítimas. Podemos constatar o número menos significativo entre as raparigas.

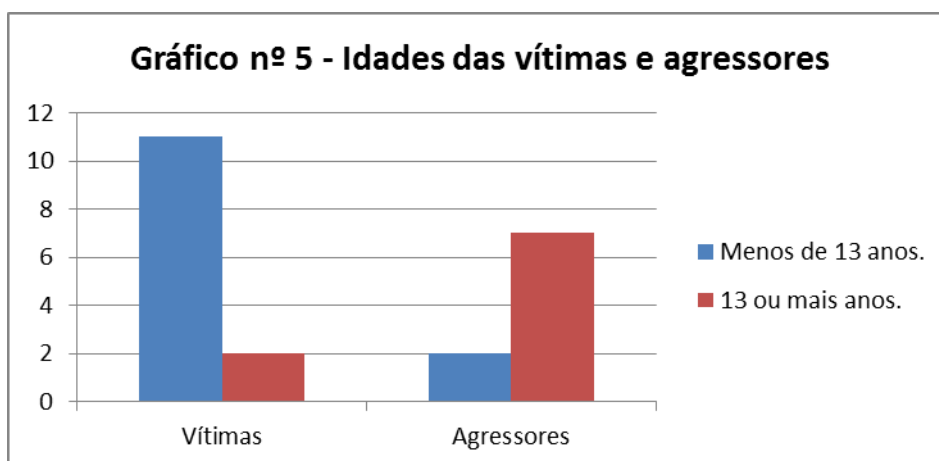
*“Quando comparamos rapazes e raparigas, os resultados obtidos através de estudos mostraram que os rapazes mostram este comportamento com mais frequência que as raparigas e que são, preferencialmente, alvo de agressão física, enquanto as raparigas são mais frequentemente, alvo de agressão verbal. Por outro lado, os rapazes são mais frequentemente agredidos por rapazes” (Gaspar e Sampaio, 2009, p.105).*





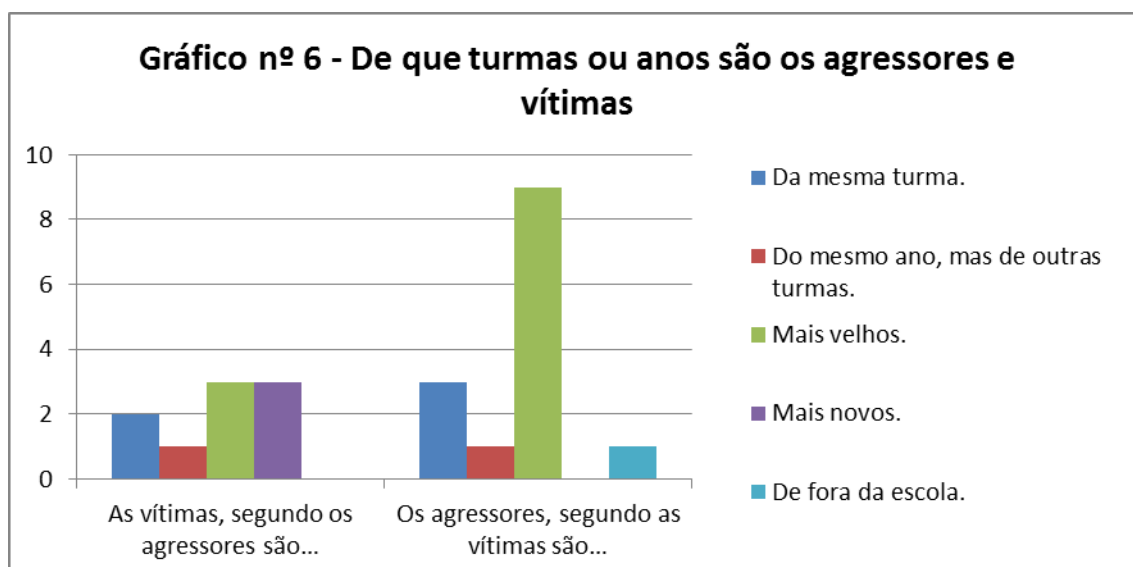
As vítimas do género masculino são mais frequentemente agredidas pelos seus pares, mais velhos. Já as vítimas raparigas são agredidas tanto por rapazes como por raparigas.

*“Por outro lado, os rapazes são mais frequentemente agredidos por rapazes, não existindo qualquer relação entre vítimas do século feminino e o género do agressor (“as raparigas são agredidas tanto por rapazes como por raparigas” (Gaspar e Sampaio, 2009, p.105).*



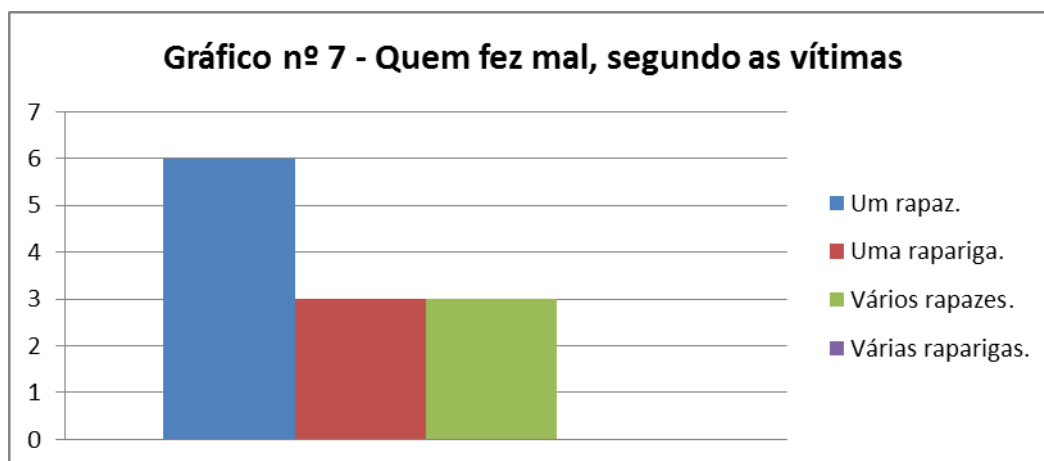
A maioria das vítimas inquiridas tem idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos, enquanto a maioria dos agressores tem idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Verifica-se que os mais velhos são os que mais agredem os mais novos.

*“A proporção de jovens que são vítimas de bullying tem tendência para abrandar com a idade e com o aumento do nível de escolaridade, embora muitos jovens, em particular os mais velhos, não exponham estas experiências” (Gaspar e Sampaio, 2009, p.105).*



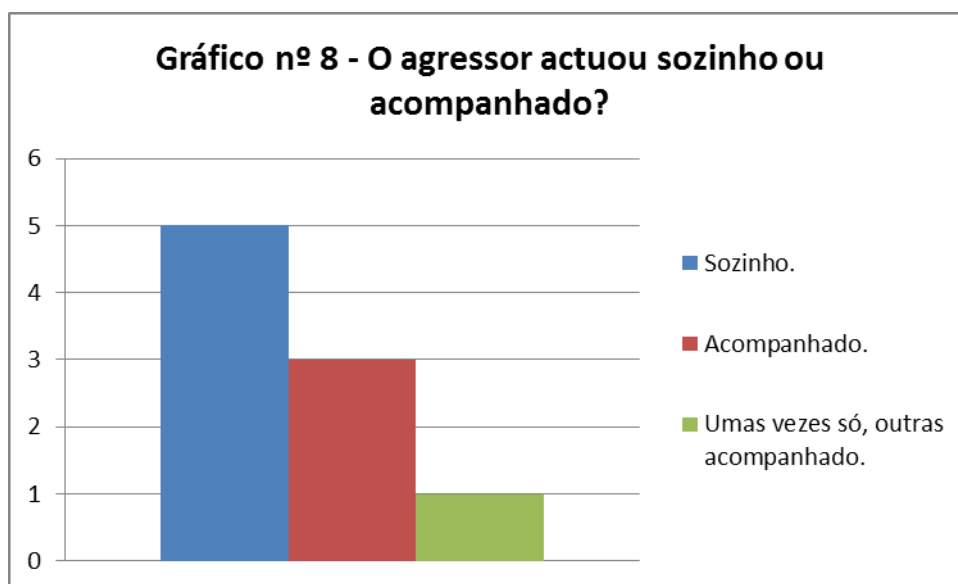
Segundo as vítimas, os agressores são maioritariamente mais velhos. Tanto agressores como vítimas são da mesma turma. Do mesmo ano, mas de outras turmas passa para 3º lugar. As vítimas segundo os agressores são mais novos, do mesmo ano, mas de outras turmas.

*“Entre os doze e os catorze anos encontramos mais episódios de maus-tratos, diminuindo ligeiramente até aos dezasseis anos. É importante saber que alguns tipos de maus-tratos podem aparecer com maior frequência em idades mais avançadas, mas, de um modo geral, o bullying acontece fundamentalmente entre alunos de idades compreendidas entre os seis e os catorze anos. No entanto, a idade de maior risco no aparecimento da violência situa-se entre os onze e os quinze anos, fase em que se produzem mais mudanças” (Serrate, 2009, p.25).*



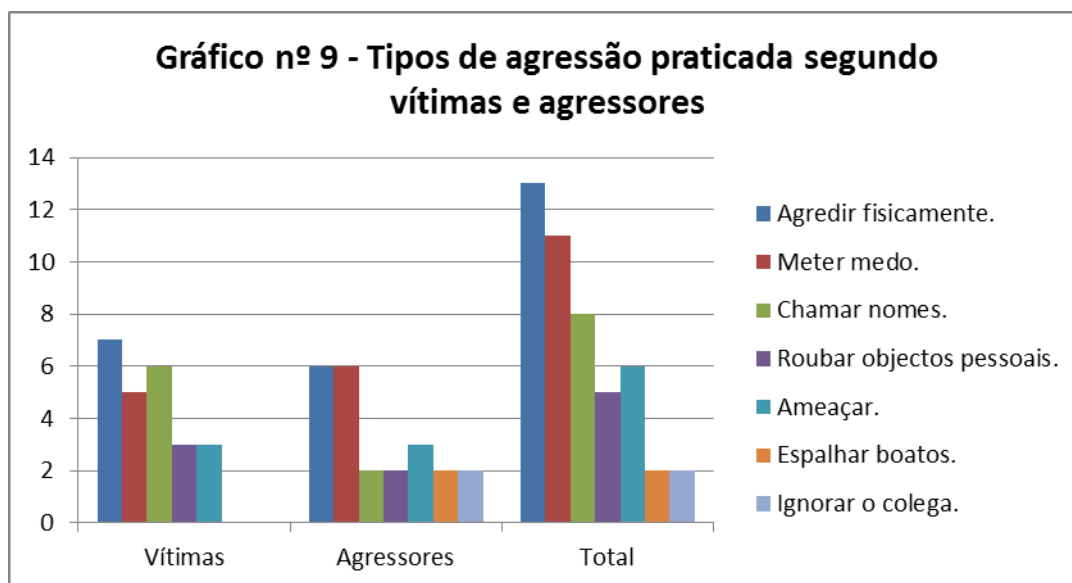
Segundo as vítimas, as agressões são geralmente levadas a cabo por rapazes que actuam sozinhos. Ausentam-se do grupo, controlam e actuam contra as suas vítimas. Seguidamente vem vários rapazes em igual percentagem com uma rapariga. Verificamos neste gráfico que as raparigas não actuam em grupo.

*“Geralmente, a participação dos rapazes em episódios de maus-tratos supera o das raparigas. Eles são mais frequentemente agressores e vítimas na escola, do que elas, com excepção da conduta denominada «falar de outros», em que se encontram mais raparigas agressoras e vítimas. E também encontramos mais raparigas «testemunhas – espectadoras». Podemos observar que a agressão verbal e agressão física directa são os tipos de bullying mais protagonizado pelos rapazes na escola. As agressões indirectas, sejam de carácter verbal ou social, são infligidas e sofridas com maior incidência pelas raparigas” (Serrate, 2009, p.25).*



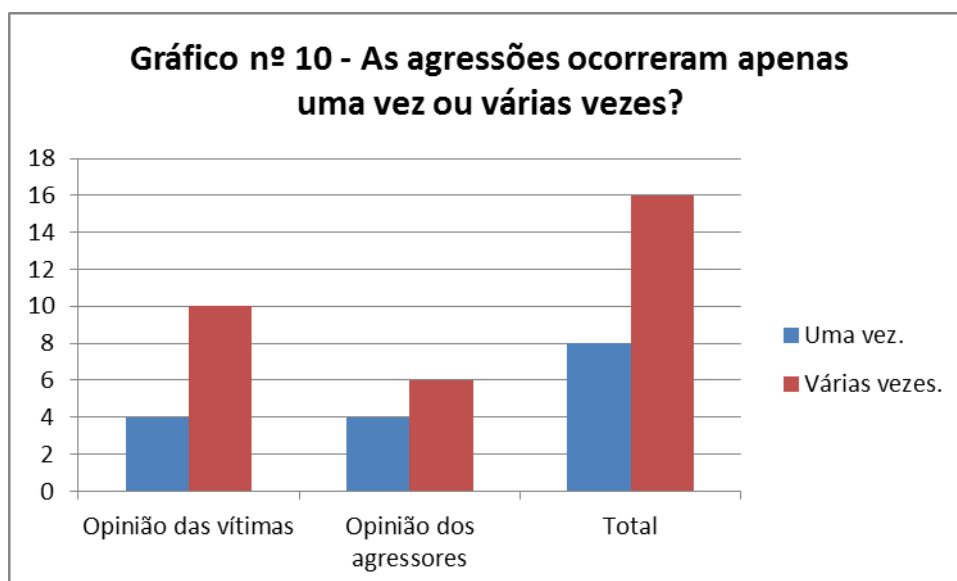
A maioria dos agressores actuou sozinho. Passa para segundo lugar os agressores que actuam acompanhados e por último actuam umas vezes só, outras acompanhadas.

*“O objectivo da intimidação pode ser apenas um aluno, mas também podem ser vários, sendo neste caso menos frequente. Quem intimida pode faze-lo sozinho ou em grupo, mas a intimidação é dirigida ao sujeitos concretos. Nunca se intimida o grupo. Há formas de maltrato que podem ser realizadas colectivamente, sendo uma delas “não deixar participar uma terceira pessoa” (Serrate, 2009, p.19).*



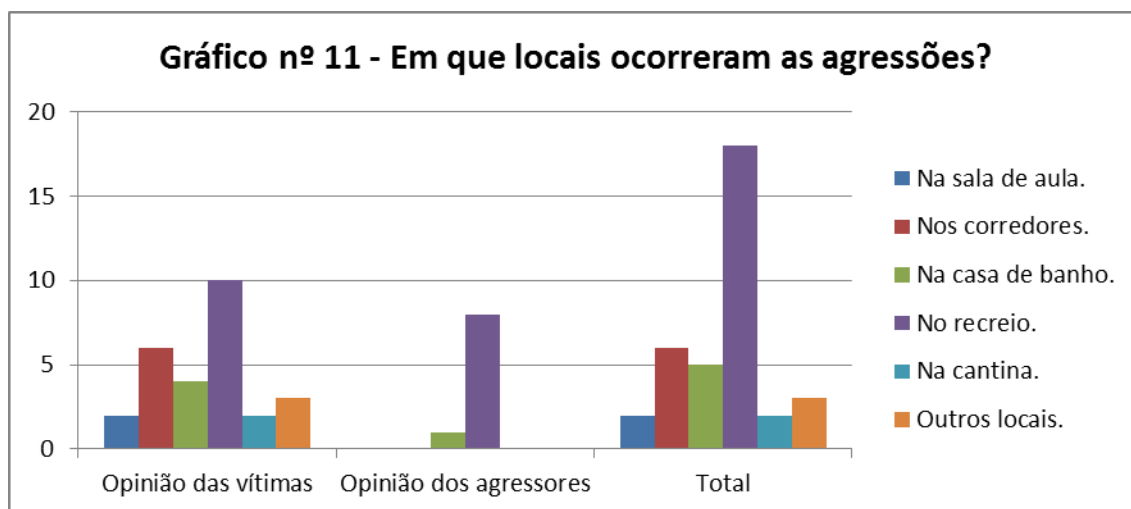
As agressões físicas são as mais comuns, quer segundo a opinião das vítimas quer dos *bullies*. Meter medo passa para segundo lugar. Seguidamente chamar nomes. Roubar objectos pessoais. Ameaçar. Espalhar boatos. Ignorar o colega.

Os diversos modos de violência têm uma classificação distinta segundo alguns investigadores. Cada investigação tem uma classificação distinta para definir os diversos modos de violência. No caso do bullying directo, o comportamento agressivo é observável, manifesta-se de forma directa (murros pontapés, etc.) ou verbal (gozo, ameaça, etc.), enquanto o *bullying* indirecto se caracteriza por exclusão intencional da vítima de um grupo ou actividade, por rumores acerca da vítima ou por levar a que outra pessoa, que não o agressor, exerça a violência em seu nome.



As agressões ocorrem de forma continuada, pelo que se pode verificar que se trata de casos de *bullying* e não de discussões afastadas. A animadora socioeducativa verifica que a falta de vigilância é de facto um dado que reforça a violência no espaço educativo entre alunos (as). Valorizar e consciencializar os recursos humanos existentes para que os alunos sintam que são protegidos pelos adultos dentro da escola para que obtenham sucesso e cresçam em segurança.

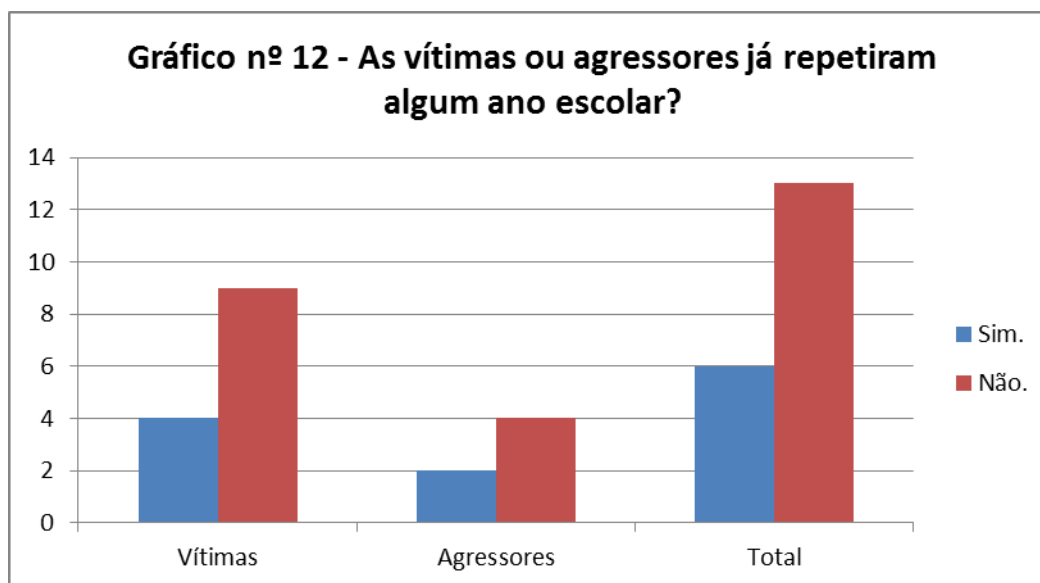
*“As crianças não podem aprender adequadamente se temem pela sua segurança. Crianças e jovens perturbados, vítimas e agressores, necessitam de um ambiente protector para poderem aprender e crescer. Segundo Olweus, todos os indivíduos devem ter o direito de serem poupados à opressão e a humilhação intencional e repetida na escola ou na sociedade em geral” (citado por Beane, 2006, p.22).*



Neste gráfico observamos que o recreio e os corredores da escola são os locais mais sinalizados, na prática de *bullying*. O facto de serem locais onde os alunos se encontram mais vezes sozinhos, mas também acompanhados. Por exemplo nos corredores, enquanto não entram para as salas de aula. Muitas vezes os funcionários não percebem que existe um conflito, devido à confusão e ao barulho. O recreio não é um local seguro, a vigilância nos recreios devem ser posta em prática, com a intervenção ao nível da instituição; reconhecendo de que há uma necessidade a nível de empenho nestes espaços (Dinâmicas, jogos etc...). A importância da segurança nestes espaços é uma questão que deve ser pensada. Como poderíamos conseguir que a escola fosse um lugar seguro? Como poderíamos deter as condutas agressivas?

A Animadora socioeducativa observa que existe um desfasamento na tomada de atitude:

*“Os professores, os directores e outros funcionários da escola esforçam-se por conhecer os alunos? Apoiam clubes, treinam equipas, supervisionam actividades, antes e depois das aulas, e/ou conduzem grupos de discussão dirigidos às crianças? Reservam tempo para ouvir as preocupações dos alunos e para lhes oferecer apoio e aconselhamento?” (Beane, 2006, p.116/117).*

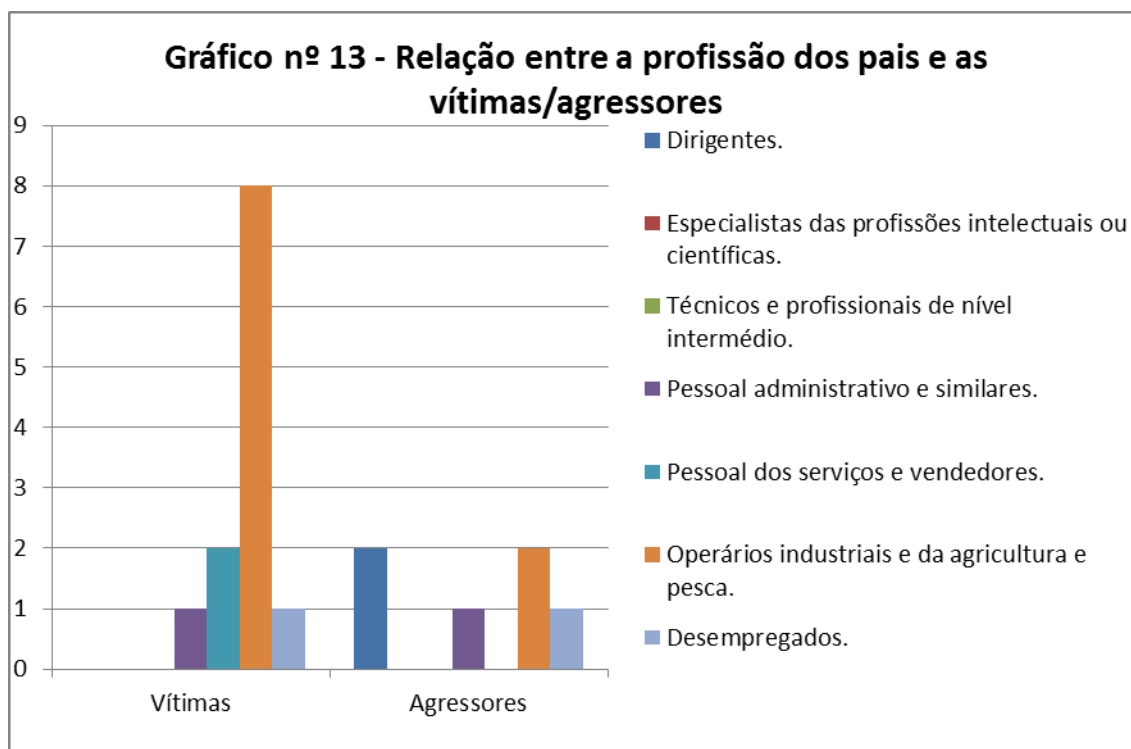


**Entre os alunos agressores apenas se encontram repetentes entre os alunos dos CEF's.**

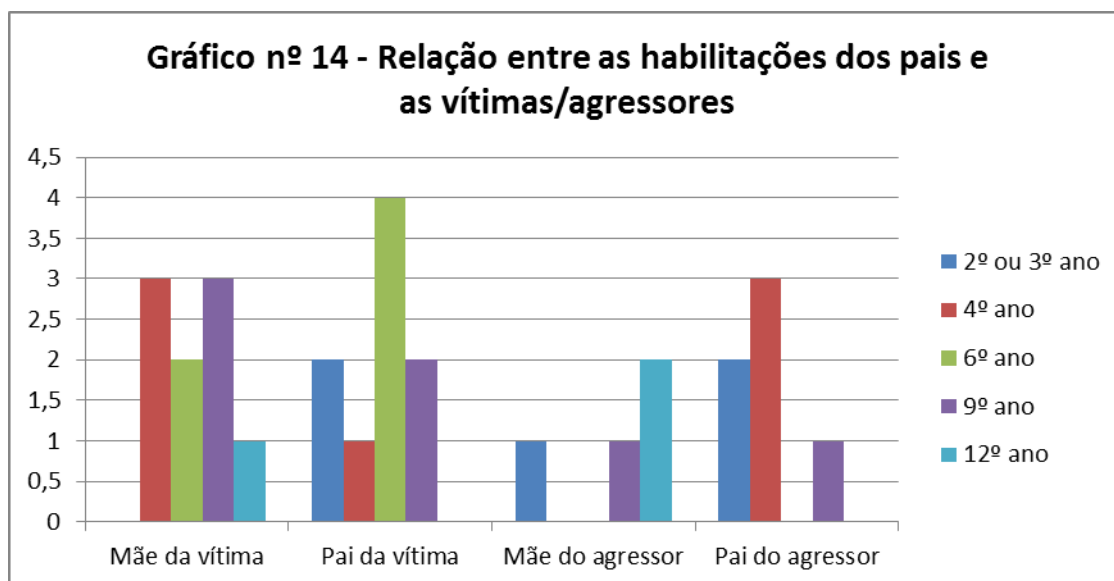
Os repetentes são jovens que estão inseridos no Curso de Educação e Formação (CEF), alunos que frequentaram a escola mas o envolvimento nela foi pobre e ineficaz. A escolarização não significa alfabetização e, apesar do acesso à escola, muitas crianças vêm detido o acesso aos saberes considerados indispensáveis para viver com direitos de cidadania na sociedade contemporânea. Sobre um estudo da situação da educação em Portugal que se anunciava sem esperança:

Segundo Salgado (2003, p.12) “cumpre agora prenunciar o início de uma recuperação, ao identificar sinais de uma transformação positiva na educação das crianças e, sobre tudo, na educação de adultos”. E mais afirma esta autora: Os alunos “*Não aprendem a ler e iniciam desta forma um ciclo de insucesso escolar nas suas vidas. Questionando a génese deste insucesso escolar deparamo-nos com dois grandes problemas convergentes nesta resposta, uma delas centrada na origem do problema, o que caracteriza as crianças que não adquirem as competências previstas à entrada para a escola, a outra centra-se no modo como a escola responde a estas características*”.



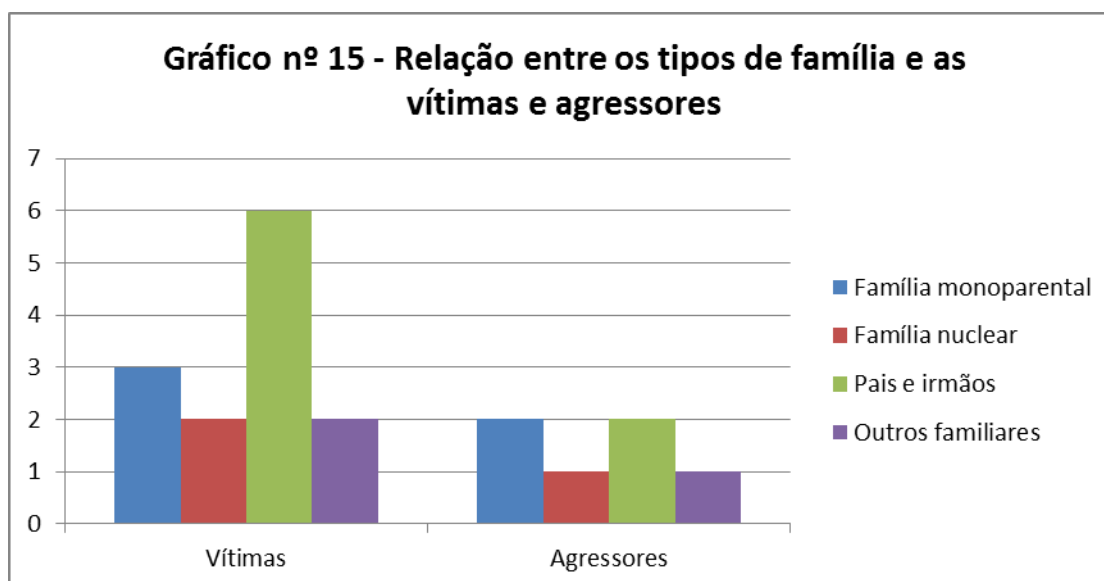


Neste gráfico verificamos, no que respeita à escolaridade dos pais dos alunos que tanto as vítimas como os agressores são na sua maioria filhos de operários industriais, da construção civil, da agricultura e pesca. Para a divisão das profissões em classes socioeconómicas utilizou-se uma matriz baseada na Classificação Nacional das Profissões, do Instituto do Emprego e Formação Profissional (1994), disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56304/8/Anexo4000129556.pdf>. Considerou-se para efeitos a profissão com classe superior. Quando um dos pais se encontrava desempregado ou se tratava de um trabalhador doméstico, foi tida em consideração a profissão do outro.

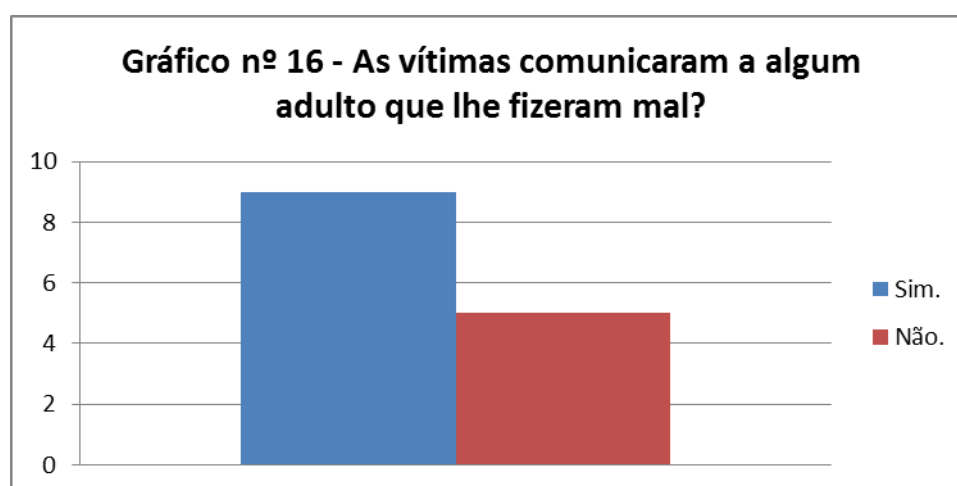


Nem os pais das vítimas nem os pais dos agressores prosseguiram estudos superiores. Apenas as mães, em alguns casos, concluíram o ensino secundário.

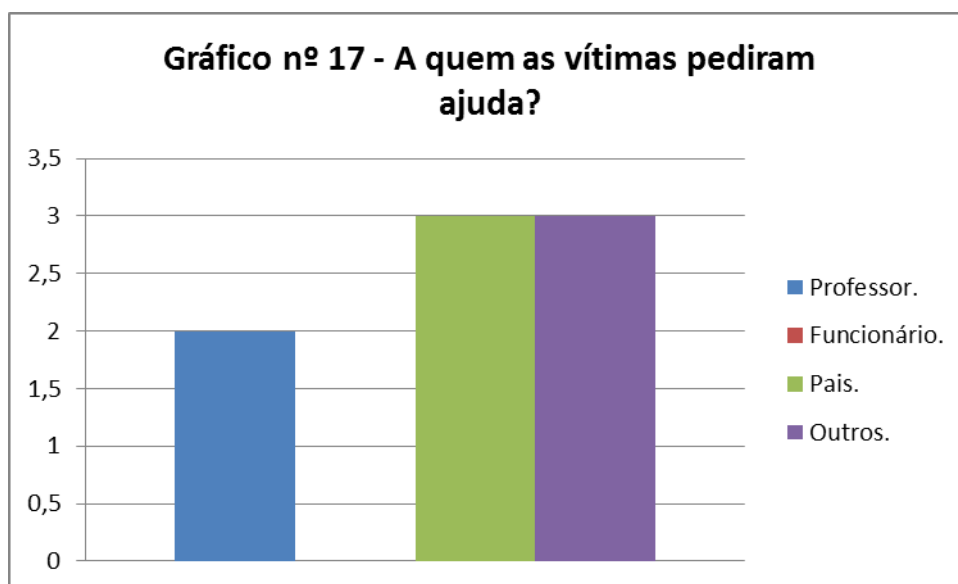
“O acesso tardio à escolarização da população portuguesa (Candeias, 1996, citado por Salgado, 2010, p.13) justifica o nosso atraso educativo”.



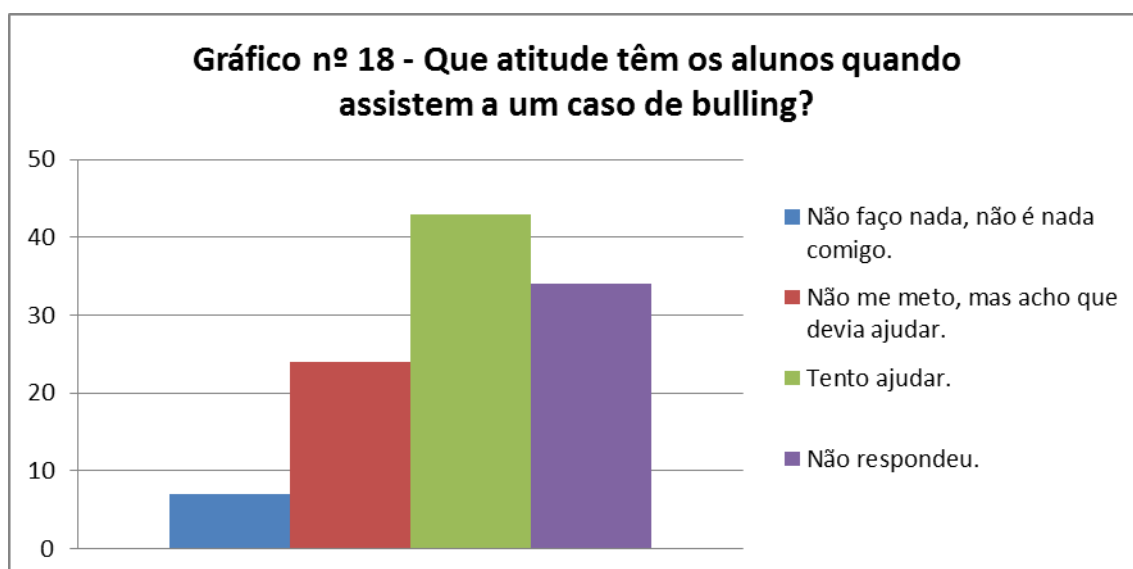
Não é possível estabelecer uma relação concreta entre o tipo de família a que o aluno pertence e o seu estatuto de vítima ou agressor. Predominam em ambos os casos as famílias compostas por pais e irmãos e as famílias monoparentais, com ou sem irmãos. Por família monoparental entenda-se a coabitação com apenas um dos pais e respectivos irmãos. Por família nuclear entenda-se que se trata de um filho único, que vive com ambos os pais. No que diz respeito aos outros familiares verificou-se apenas a coabitação com tios e respectivos irmãos ou primos.



Como podemos verificar a maioria das vítimas contou a situação ou pediu apoio a um adulto, comparando em menor numero os alunos(as) que não o fizeram.



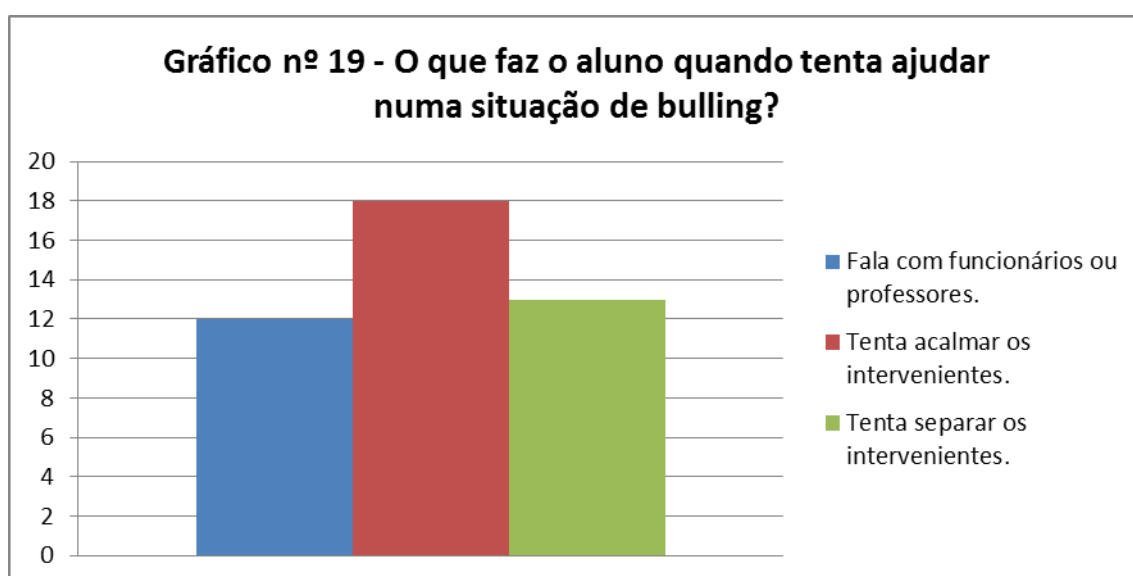
Neste gráfico observa-se de que nenhuma das vítimas declarou ter pedido ajuda ou contado a sua situação a algum funcionário da escola. A animadora socioeducativa verificou de que os alunos são enviados para o Gabinete de Mediação através do professor, por comportamento indisciplinados. Em algumas situações os alunos vão voluntariamente informar situações de indisciplina. Mas nenhum caso foi mencionado nos inquéritos.



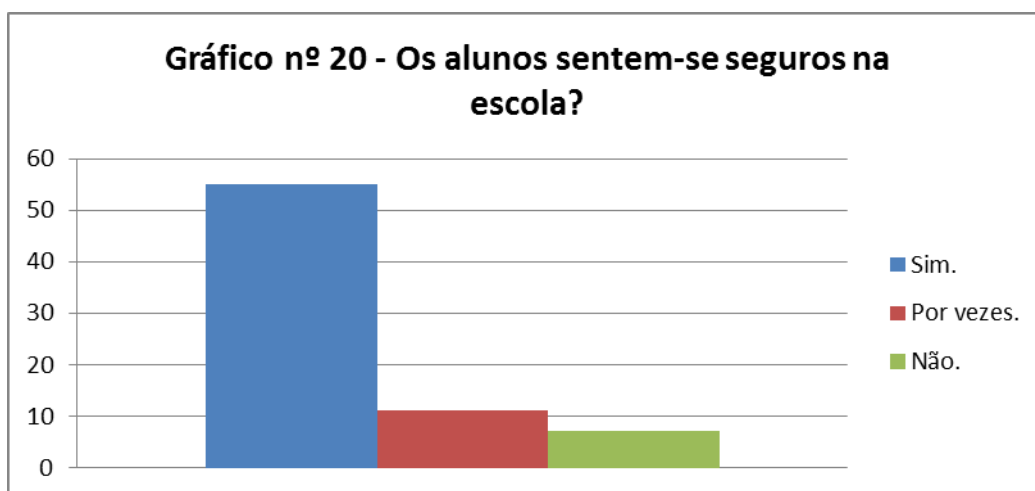
No gráfico apresentado, a maioria dos alunos inqueridos tenta ajudar perante uma situação de *bullying*. Contudo, uma percentagem significativa preferiu não responder. Passando para um número significativo de inqueridos que

dizem (não ajudo mas devia ajudar) e em menor numero, não fazem nada, não se metem.

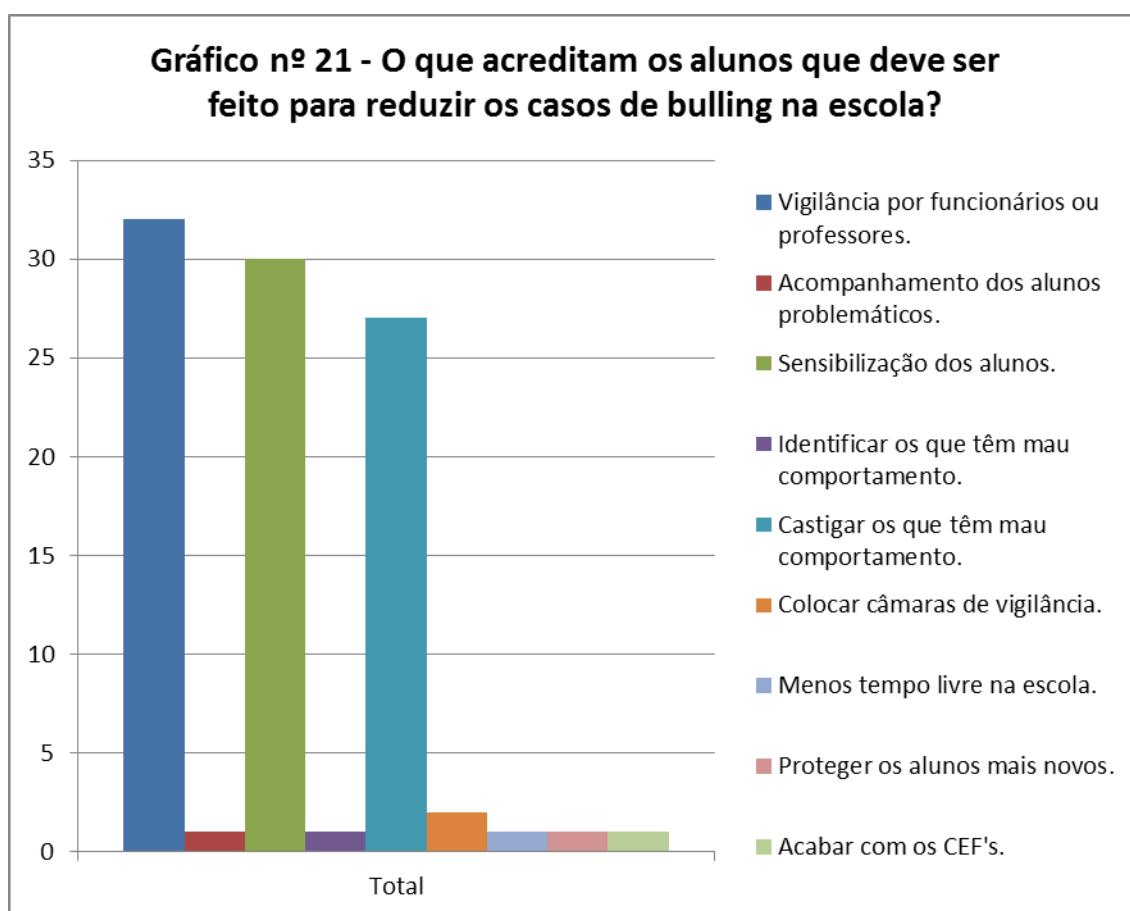
*“A ajuda com que a vítima pode contar vem quase exclusivamente dos amigos. Não são muitos os amigos que se disponibilizam e, em situações de agressões mais graves, desistem mesmo de ajudar (em 20% dos casos de «exclusão», de «coação para fazer algo» e «ameaça com arma»” (Serrate, 2009,p.27).*



Neste gráfico Verifica-se que os alunos numa situação de *bullying* tentam acalmar os intervenientes, passando para segundo lugar, separar os intervenientes e menor escala aparece o pedido de ajuda aos funcionários e professores.



A maioria dos alunos sente-se seguro na escola. Contudo, não se deve ignorar o facto de alguns alunos não se sentirem. Do mesmo modo, embora o número de alunos a quem nunca fizeram mal seja elevado, não se devem esquecer os casos de *bullying* identificados, uma vez que cada um, por si só, representa um problema em particular.



Analizando as soluções propostas pelos alunos no combate à violência na escola. Os alunos acreditam que o combate ao *bullying* passa maioritariamente pela vigilância dos alunos, pela sensibilização em relação ao problema e pela punição dos actos violentos, aumentando a vigilância nas escolas por funcionários e professores. O acompanhamento dos alunos problemáticos, sensibilizando-os para o melhoramento de comportamentos. Castigar os mais violentos, colocando câmaras de vigilância. Ocupar os alunos, para que haja menos tempos livres, sendo nesse espaço de tempo que aparece mais violência. Proteger os alunos mais novos. E por último os alunos dos cursos de Educação e Formação (Cef), não devem andar nas escolas com os alunos mais novos.

## **2. Apresentação da Intervenção**

### **Gabinete de Mediação**

O presente Regimento regula a actividade do GMAA (Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno) do Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses e aplica-se a toda a Comunidade Educativa. Tem por objectivo prevenir e combater actos de indisciplina emergentes no contexto educativo, por parte do corpo discente. O GMAA rege-se por princípios de Ética e Deontologia. Pautar-se-á por uma abordagem isenta e imparcial aos factos, cuidada e desprovida de preconceitos, sem ferir susceptibilidades, analisando e concluindo de forma justa e adequada as circunstâncias e pessoas envolvidas. O presente regimento estabelece com os normativos legais, o regulamento interno e o projecto educativo do Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses, a composição, funcionamento, competências e avaliação do GMAA (Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno).

Pretende-se, igualmente, intervir directamente com os alunos através de apoio pedagógico, dinamizar o espaço educativo através de dinâmicas de grupo, acções de sensibilização e exposições multitemáticas, reuniões periódicas com os pais e encarregados de educação e colaborar com os projectos de Formação Escolar (Educação parental e a Assistentes Operacionais).

O estudo manifesta uma forte componente interventiva, uma vez que o tema se centra na prevenção da violência em contexto escolar. Assim, sendo, deu-se prioridade à intervenção, por esta ser necessária na obtenção de informação pertinente à investigação. Sendo apresentados seguidamente os objectivos gerais da intervenção, descreve-se e avaliam-se as actividades realizadas, seguindo da análise das grelhas do diário de bordo. No âmbito das actividades planeadas pelo Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno (GMAA), nomeadamente, acções de sensibilização, dentro de um tema mais abrangente como a violência, mais concretamente o “*bullying* em contexto escolar”, aliado ao Projecto da Escola “A Cidadania”. Este Gabinete propõe-se dinamizar a escola, promovendo a Agitação de Consciências para uma escola mais segura e harmoniosa. Por fim, procede-se à avaliação global da intervenção.

## **2.1. Objectivos gerais da intervenção**

- a) Sensibilizar toda a comunidade escolar para a promoção de uma escola sem violência, segura e harmoniosa;
- b) Prevenir o aparecimento de situações de indisciplina e, consequentemente, de *bullying* dentro e fora do espaço educativo;
- c) Fazer reflectir os alunos sobre qualidades, sentimentos e valores nobres;
- d) Promover sentimentos de auto-valorização, auto estima e autoconfiança em todos os alunos;
- e) Desenvolver pensamentos e ideias de partilha, autonomia e cooperação formal e não formal em todos os alunos;
- f) Promover actos de consciência cívica, moral e respeito por si próprio e pelos outros em todos os alunos;



- g) Promover o bom relacionamento interpessoal entre toda a comunidade escolar e cidadania, promovendo acções/formação de acordo com as necessidades educativas.

## 2.2. Calendarização

<b>Ano lectivo</b>  <b>2011/2012</b>	<b>Investigação/Acção 1ª fase</b>
<b>Setembro</b>	Desenvolvimento de competências e assertividade no combate à violência dentro do espaço;
<b>Outubro</b>	Passar inquéritos aos alunos;  Sessões sobre: conflito e <i>bullying</i> na escola para os alunos CEF
<b>Novembro</b>  <b>Dezembro</b>	Acompanhamento aos alunos (vitimas e agressores) no gabinete de mediação e Apoio ao Aluno;  Sessões sobre: conflito e <i>bullying</i> , na escola para os alunos CEF  Em conjunto com os alunos, ornamentar a entrada principal da escola, (difusão de datas temáticas), em conjunto com o projecto da escola.
<b>Maio</b>	Mediação de conflitos e Apoio ao Aluno
<b>Junho</b>	Preparação da Acção de Formação
<b>Julho</b>	<b>Formação sobre violência e <i>bullying</i> na escola para os assistentes operacionais (AO) do Agrupamento</b>

<b>Ano lectivo</b> <b>2012/2013</b>	<b>Investigação /Acção 2ª Fase</b>
<b>Setembro</b>	Campanha Anti - violência na Escola (Painel para toda a comunidade participar).  Dinâmicas de grupo, sobre a paz, com os alunos no recreio.
<b>Outubro</b>	Dinâmicas de grupo com os alunos no Recreio;  Visualização de filmes com os alunos;  Observação aos alunos no recreio;
<b>Novembro</b>	Sensibilização aos Assistentes Operacionais,  Intervenção directa com os alunos, ensinando-os a gerir conflitos, no espaço educativo, fora das salas de aula.
<b>Dezembro</b>	Avaliação do Painel, com os alunos e Assistentes Operacionais no átrio da entrada;  Observação no recreio;  Visualização de filmes.
<b>Avaliação dos resultados</b>	

### 2.3. Descrição das atividades com os alunos

Identificados os problemas/dificuldades específicos dos alunos e do agrupamento há que definir as prioridades do plano de acção a desenvolver através de planos de prevenção e apoio ao aluno no sentido de proporcionar o apoio pedagógico que se verificar necessário. Promover a realização de actividades

dos tempos livres e de animação Socioeducativa através do diálogo, palestras, dinâmicas, jogos., trabalho de grupo, visualização de filmes. Promover ações de valorização pessoal aos alunos (CEF). Incentivar a supervisão por parte dos adultos e uma intervenção direta com os alunos ensinando-os a gerir conflitos. As actividades foram divididas em cinco sessões com os alunos, e uma sessão no âmbito de Formação aos funcionários, como se pode verificar seguidamente.

### **1ª Sessão**

No Dia 22 de Setembro de 2011, decorreu no Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno, a primeira reunião de trabalho, com os técnicos responsáveis, (Psicólogo e Animadora Socioeducativa), sendo elaborado o plano de actividades a desenvolver durante o ano lectivo, na prevenção de situações de violência e disciplina, assente sempre, no apoio pedagógico no sentido de melhorar o desenvolvimento pessoal dos alunos e o ambiente educativo. Procura de meios e estratégias a utilizar na prevenção da violência, dando especial atenção aos comportamentos de *bullying* entre pares, dentro do espaço educativo. Conscientizar/analisar e apresentar propostas de resolução de situações emergentes no âmbito disciplinar e apoio ao aluno.

Foi sugerido pela Animadora e com a colaboração dos alunos, adornar a entrada principal da escola durante o ano lectivo, em parceria com o projecto da escola, tendo em comum trabalhar as datas temáticas, começando pelo *Dia Mundial Contra a pobreza e a exclusão social*. Inserindo desta forma durante os anos, várias actividades relacionadas com o tema de *Projecto Interno da Escola* (Cidadania na Escola).

#### *Actividades 1ª Sessão*

Na entrada principal da escola foi colocado entre duas grandes colunas de cimento e com a ajuda dos alunos, uma aranha gigante feita com vários fios coloridos, pendurados. Nessa aranha foram-se colocando mensagens e poe-

mas, de acordo com as datas temáticas. Desta forma, os alunos recomendados pelos professores, no acompanhamento em mediação, foram participando com frases alusivas aos temas escolhidos e colocando-as na aranha até o final do ano lectivo.

Deu-se início à campanha sobre o ***bullying***, dentro da escola, sendo colocados em todas as portas das salas de aula e nos átrios de entrada, pequenos painéis (folha A3 papel branco) com palavras escritas em várias cores alusivas ao **afecto** para irem interiorizando algumas palavras calorosas como: tolerância, compreensão, carinho, Amor etc. Consciencializar os alunos para uma reflexão sobre a questão apresentada, “a violência entre pares”, dando especial relevo às atitudes assertivas de relacionamento interpessoal. Passando para outro plano de actividades, foi projectado um trabalho para os alunos do Curso de Educação e Formação (CEF), sobre “Direitos e Deveres”, parecendo ser estes alunos apontados como promotores de conflitos dentro da escola.

Este trabalho foi apresentado em PowerPoint e houve participação interactiva na sala de aula (Circulo aberto). Bloco de 90 minutos. Como trabalho de grupo, com a ajuda dos alunos, temos recortes de papéis com mensagens escritas, notícias dos jornais, e algumas imagens, que retratam a pobreza e exclusão social.

#### *Avaliação das actividades da 1ª sessão*

Relativamente à colocação dos painéis nas portas das salas de aula, os alunos iam lendo as palavras expostas numa espécie de jogo pelo significado das palavras escritas e iam perguntando uns aos outros o seu sentido. Verificou-se que os alunos enquanto esperavam pelo professor iam desenvolvendo a leitura e o conhecimento, tirando dúvidas de uma forma simples. De forma agradável confirmou-se que os pequenos painéis não foram danificados pelos alunos como era normal anteriormente acontecer noutras situações.

A aula de cidadania dos alunos CEF cujo o trabalho foi sobre “Direitos e Deveres” decorreu de uma forma positiva em todas as turmas do Curso de Educação e Formação.

Com a participação de todos os alunos disponíveis nos intervalos, foi-se trabalhando os materiais, com antecedência para a data de 17 de Outubro. *Dia Mundial Contra a Pobreza e a exclusão Social*. Parece-nos ser muito útil quando queremos implicar os alunos em projectos e acções reais, na sala de aula ou fora dela. Esta é uma estratégia que funciona muito bem em autonomia, em liberdade e responsabilidade.

## **2ª Sessão**

No dia 20 de Outubro de 2011, decorreu a 2ª reunião no Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno, no âmbito de disciplina e acompanhamento individual e em grupo, sobre os trabalhos expostos na entrada principal da escola, (com a participação dos alunos com dificuldades de integração na turma), trabalho das relações sociais e efectivas, acontecimentos de vida, exposição em painel e frases alusivas na *Prevenção do Cancro da Mama*, que se realizou no dia 30 de Outubro.

Depois da participação em reuniões institucionais (Concelhos de turma, Conselho pedagógico) foi sugerida a intervenção e acompanhamento da implementação de medidas educativas propostas em parecer técnico.

### *Atividades da 2ª Sessão*

Foram planeadas algumas acções em contexto não-formal a desenvolver na disciplina de Cidadania aos alunos CEF, sobre a violência entre pares no espaço educativo, uma abordagem sobre o *bullying* e seus conceitos. Todas as intervenções (aulas), de carácter não-formal, foram acompanhadas com dinâmicas de grupo (Ver em anexo).

Esta foi uma apresentação em PowerPoint projectada, de carácter interactivo. Decorreu na sala de aula de cidadania, sendo apresentado em PowerPoint, (Circulo aberto). Bloco de 90 minutos, com todas as turmas de Curso de Educação e Formação (CEF).

#### *Avaliação das atividades da 2ª sessão*

De uma forma geral a avaliação foi positiva, pela forma como colaboraram enquanto decorria o trabalho proposto. Decorreu sem atropelos e houve algum interesse. Verificou-se que esta acção de apresentação tem uma grande variedade de propósitos, concluindo que ajuda a inspirar, a motivar e a participar, promovendo a ideia que queremos passar. Parece-nos bastante útil trabalhar com antecedência um tema de acordo com a necessidade do problema exposto, através do diálogo: “O que é que vocês acham? O que podemos fazer? Qual será a melhor solução? Etc.” Um espaço onde os alunos possam distinguir, resolver e agir.

A disciplina de Cidadania é uma disciplina muito abrangente, na qual o educador pode explorar um leque enorme de temas, de acordo com as necessidades e as circunstâncias a abordar com os alunos. Aproveitar e tirar partido. Por exemplo: explorar a cultura local, desenvolver estratégias de desenvolvimento local, em parcerias com a câmara e as empresas locais e a escola num compromisso a desenvolver em conjunto com o Projecto Educativo. Um plano de preparação a desenvolver com o aluno para o mundo do trabalho. Esta é uma questão que precisa ser avaliada, para dar resposta ao que se pretende com os alunos do Curso de Educação e Formação (CEF). Por outro lado, trabalhar as emoções com os alunos, especialmente os mais novos, desde o início do ano lectivo, no que se refere a *questões de valores*. A “*Prevenção do Cancro da Mama*” foi um trabalho que avalio de grande riqueza para todos pelas experiências e emoções vividas uns com os outros. Neste caso, houve alguns relatos emocionados de familiares com cancro da mama.

É desejável que os professores e educadores criem a oportunidade aos alunos ou adolescentes, para que o diálogo surja, sobre qualquer questão e

tenham a capacidade de conduzir e expressar as emoções de diversas formas de acordo com as situações. O diálogo é a melhor forma de expressar ideias e pensamentos, questionar-se: “se não existem perguntas, não se procuram respostas”. A escola avança com perguntas. Se não o faz, corre o risco de permanecer fechada à inovação e ao progresso, ou seja, fica desajustada no tempo, da cidadania e da contemporaneidade.

### **3ª Sessão**

No dia 24 de Novembro decorreu a 3ª reunião no Gabinete de Mediação, onde foram abordados alguns conflitos, cujos dados recolhidos através dos professores, estão relacionados com questões disciplinares nas turmas entre alunos. Desta forma, a partir dos dados recolhidos, foram planeadas algumas atividades no sentido de reforçar o bom entendimento entre as partes, no que transporta para a indisciplina do aluno dentro da escola, no sentido de apoio pedagógico de melhorar o desenvolvimento pessoal dos alunos.

#### *Actividade da 3ª sessão*

Anteriormente à reunião trabalhou-se com os alunos “O Dia dos Direitos Internacionais da Criança”. Este foi um trabalho de pesquisa e leitura. (Recortes de Jornais e frases alusivas ao tema sendo colocadas na “Aranha da entrada da escola alusiva ao tema Cidadania”).

Apoio na organização de estudo individual;

Leituras recomendadas;

Jogos educativos;

Dinâmicas de Grupo;

Filmes recomendados.

#### *Avaliação das atividades da 3ª sessão*

Algumas situações disciplinares foi um trabalho desenvolvido pelo SPO – Serviço de Psicologia e Orientação, a fim de encontrar estratégias. Nas outras situações cabe à *Mediação de Conflitos e Apoio ao Aluno*, pensar em estratégias de negociação. Verificou-se que os alunos com mais dificuldades de aprendizagem, não são organizados nos trabalhos de disciplina, ficam desorientados, não acompanham o andamento da aula, dispersam-se do assunto, perdem o fio à meada, passando-se o mesmo com as leituras. As dinâmicas de grupo são um meio de cooperação e uma arte que cativa e alicia, emociona e humaniza: não é perder tempo, onde se estabelecem relações de confiança, onde se partilham saberes opiniões e sentimentos.

Aproveitou-se O *Dia do Não Fumador*, transmitindo aos alunos fumadores, o conceito de saúde e bem-estar psicossocial e familiar, uma reflexão no despoletar um conjunto de noções básicas sobre o tabaco – efeitos, riscos etc...

#### **4ª Sessão**

No dia 8 de Dezembro efectuou-se a 4ª reunião de trabalho no Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno. Foi feita uma avaliação dos trabalhos já realizados, com os alunos e seus resultados nos comportamentos na sala de aula e outros espaços escolares. Acompanhamento aos pais no gabinete. Participação no programa da festa de Natal com os alunos. Análise dos resultados do 1º período sobre comportamentos e resultados.

##### *Actividade 4ª sessão*

“*Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos*”, nos mesmos moldes das ações anteriores. Foram utilizadas estratégias de diálogo, jogos “Os Provérbios” e dinâmicas de grupo “A dinâmica da aranha”. Como forma de promover atitudes assertivas de relacionamento interpessoal.

Foi marcada uma reunião com os pais dos alunos acompanhados pelo Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno (GMAA), promovendo ações de sensibilização – formação Educação Parental, no papel a desempenhar com a escola,



consciencializando os encarregados de educação para o papel que lhes cabe na vida escolar, otimizar as relações entre a escola e a comunidade.

#### *Avaliação das atividades da 4ª sessão*

Existem fatores exteriores e interiores que embaraçam o bom andamento da escola. Verificamos a ausência da participação dos pais, uma presença recíproca em família, que facilite o diálogo, a capacidade recíproca de escuta, a abertura para um bom entendimento entre família e escola, onde cada um encontre a sua missão e a sua própria identidade, construindo uma auto-imagem sadia, realista, distinta, solidária e complementar, responsável, interligadas numa missão de não renunciar à educação dos seus próprios filhos e cidadãos.

**Nota:** A formação com os pais não se chegou a realizar. Devido ao nº reduzido de pais interessados.

### **5ª Sessão**

Dia 10 de Janeiro de 2013, primeira reunião de trabalho no Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno, (GMAA), depois do primeiro período de férias. Discussão e apresentação do plano de atividades a desenvolver com os alunos. Designou-se intervir diretamente com os alunos através de Apoio Pedagógico, dinamização do espaço educativo através de dinâmicas de grupo, ações de sensibilização e exposições multitemáticas, dinâmicas de grupo e observação aos alunos nos recreios.

#### *Actividades da 5ª sessão*

Foi colocado no átrio da escola, entrada dos alunos (Polivalente), um painel gigante em papel de cenário, com a dimensão de 7m<sup>2</sup>, frente e verso, intitulado “Anti Violência-Escolar”. Criar hábitos onde os alunos, funcionários e professores, puderam participar com frases escritas por eles, alusivas ao tema, numa campanha de sensibilização, contra a violência, contando com a colaboração dos funcionários, no apoio aos alunos, com frases escritas alusivas à paz e ao bom entendimento entre a comunidade educativa. No início, antes da colocação do Painel, havia a opinião geral (adultos) de que a colocação do painel no

átrio dos alunos, ia ser um fracasso, pela suspeita de ser rasgado, ou escritas frases obscenas desapropriadas para o ambiente escolar. Depois de alguns dias o painel estar colocado, verificou-se que os alunos colaboraram com respeito, com sensatez e cooperação, opinando sobre a questão apresentada., com ideias que deverão ser analisadas em grupo no 2º período. Foram ainda colocados no chão do respectivo átrio palavras de sensibilização para os valores e atitudes na comunidade educativa, frases simples como por exemplo, na porta da entrada dos alunos estava colocada no chão as palavras BOM DIA e na porta de saída ATÉ AMANHÃ., entre outras frases alusivas à motivação dos alunos, no sentido de colaborar com boas práticas educativas. Os espaços exteriores às salas de aulas são espaços que devem ser trabalhados nas mais diversas formas, com especial referência aos recreios e aos átrios dos alunos, onde se pode por em prática diversas aprendizagens de lazer etc. (exposições, jogos, teatro, dinâmicas de grupo, musica, ao vivo).

#### *Avaliação das atividades da 5ª sessão*

A ideia de colocar o painel, direccionado para uma reflexão, contra a violência, teve como objectivo principal, desenvolver atitudes de solidariedade em relação ao “outro”. Criar hábitos de discussão e posicionamento crítico sem violência. Cultivar o espírito de tolerância e a capacidade de diálogo. Este painel teve a colaboração dos alunos, alguns funcionários e alguns professores. Colaborando durante os tempos que esteve exposto. Era calculado manter o painel até ao último dia de aulas do 1º Semestre. Porém devido à forte adesão de mensagens escritas pelos alunos, o painel ficou preenchido antes do tempo previsto para avaliação das frases. Desta forma a avaliação feita pelos alunos pelos funcionários, com a colaboração da animadora Socioeducativa, sobre as frases escritas no cartaz avançou para uma antecipada avaliação. Aqui fica o registo de algumas frases da autoria dos alunos.

- ❖ A violência faz parte da vida. Na escola temos que ser violentos para sermos temidos.
- ❖ Eu gosto da escola sem medo e aprender na escola, sem violência.

- ❖ Em minha casa o meu pai bate na minha mãe. E noutro dia empurrou-a pela escada abaixo. Eu ando sempre com medo que mate a minha mãe. É muito triste viver com medo e violência.
- ❖ Com maus-tratos nada se resolve...violência gera violência.
- ❖ Eu gosto da VIOLÊNCIA...
- ❖ A violência é terrível, como também é contra os Direitos Humanos.
- ❖ Basta um sorriso, e tudo é mais simples e mais bonito.

Estas foram algumas das frases que os alunos seleccionaram neste trabalho. Esta avaliação revelou ainda de que os alunos colaboraram de forma cívica, arbitrando sobre algumas questões que não sendo algumas vivenciadas no espaço escola, tiveram a ocasião de ouvir outras situações de violência, noutros contextos. Também observamos uma frase (*Eu gosto da violência*), frase escrita por uma aluna, que sem preconceitos confirmava enquanto passava o filme para os alunos. Visualização do filme “Casey Heynes, Bully”, [www.youtube.com/watch?isfn40xcpqs](http://www.youtube.com/watch?isfn40xcpqs). Trata de uma luta no pátio da escola entre dois alunos que se atacam. Este filme retrata o começo da agressão, seguida de uma entrevista à vítima e ao *bully*, assim como a opinião e ajuda dos pais da vítima e agressor. Reflexão e debate sobre o filme. Os alunos mostraram-se sensibilizados pelos danos causados às duas partes envolvidas.

No dia 10 de Dezembro de 2012, reunião de trabalho com a equipa de Mediação. Foi feita uma avaliação dos trabalhos realizados e seus resultados, dadas as situações específicas da comunidade educativa, na qual o Agrupamento se insere, no sentido de reforçar o desenvolvimento de uma cultura de inclusão ao nível de agrupamento, passa por proporcionar momentos de cooperação e trabalho conjunto.

Sendo os assistentes operacionais (AO) os que mais tempos estão com os alunos, serão estes funcionários os que mais precisam de formação ao longo do ano.

## **2.4. Formação dos Assistentes Operacionais**

Depois de ser feita uma observação através dos alunos, utentes do Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno (GMAA), existe uma forte necessidade de formação sobre os conceitos de violência, mais concretamente sobre o *bullying*, a fornecer aos Assistentes Operacionais (AO), no sentido de desenvolver competências de prevenção e combate à indisciplina e comportamentos de “*bullying*” dentro dos espaços educativos. Torna-se num problema que se caracteriza por agressões físicas, sociais, psicológicas, verbais e sexuais, cujas agressões são intencionais, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos provocando danos irreparáveis, para toda a vida, como o insucesso escolar, abandono, exclusão social e até a morte (Olweus, 1995).

Estamos a falar de uma agressão violenta, que se alastra dentro do espaço escolar, entre pares, nos recreios, nas casas de banho, nos corredores e ainda em sítios remotos, que não são frequentados por adultos.

## **2.5. Justificação da ação em função dos destinatários**

Pretende-se com esta formação prevenir e combater situações de violência, consciencializar os assistentes operacionais para a tomada de atitudes de vigilância, apoio e conhecimento. Convém conhecer e distinguir comportamentos de agressividade, e valorizar atitudes de ajuda mútua, compreensão, tolerância e amizade, para uma integração de paz entre vítimas e agressores. Todos eles precisam de ajuda.

Sendo o pessoal não docente os responsáveis diretos pelos alunos nos espaços exteriores à sala de aula, faz todo o sentido que esta formação seja um

enriquecimento, uma ferramenta na prevenção e combate ao *bullying*, assim como na mediação de conflitos dentro do espaço escolar.

## **2.6. Objetivos a atingir**

- a)** Conhecer e distinguir o fenómeno *bullying*, de outros comportamentos que ocorrem dentro da escola.
- b)** Consciencializar para a tomada de prevenção e combate da violência entre alunos.
- c)** Distinguir os comportamentos e atitudes de violência entre pares.
- d)** Distinguir formas e tipos de *bullying*.
- e)** Conhecer o papel da escola e da família perante os comportamentos de *bullying* dentro dos espaços educativos.
- f)** Promover o bom relacionamento interpessoal entre os alunos e entre estes e toda a comunidade escolar.
- g)** Prevenir o aparecimento de situações de indisciplina e, conseqüentemente, de *bullying*, fora da sala de aula.

## **2.7. Conteúdos da Ação de Formação (horas teóricas e praticas)**

### **1º Dia**

Dinâmica de Grupo: “Identificação”, nesta dinâmica faz-se a apresentação dos formandos. O formando da direita apresenta o formando da esquerda e assim sucessivamente. Duração estimada de 60 minutos, dependendo do nº de formandos. Teste de diagnóstico: baseia-se em 20 perguntas escritas (escolha múltipla) sobre os comportamentos de *bullying* (45 minutos), Apresentação em PowerPoint, sobre os Direitos e deveres dos alunos, pessoal docente e não

docente. Este trabalho é conduzido para o debate, sobre questões e reflexões sobre os direitos e deveres escritos na Constituição (3 horas).

### **2º Dia**

Dinâmica de grupo: “Libertação do Eu”, consiste num debate individual, onde os formandos livremente (se o quiserem fazer) levam um objeto pessoal e através dele relatam uma passagem particular (alunos no espaço escolar). Duração de 3 horas dependendo do nº de formandos. Apresentação em Power-Point, sobre o conceito da violência. Este trabalho é conduzido para o debate entre formandos, pode ser ainda conduzido para uma pesquisa bibliográfica ou no computador (2 horas).

### **3º Dia**

Dinâmica de grupo: em roda, os formandos e formador utilizam expressões faciais de tristeza, medo, angústia, alegria, espanto, etc. (15 minutos). Seguidamente, trabalho de grupo, cinco formandos para cada grupo, (cinquenta palavras que revelam sentimentos). Este trabalho em cartolina é composto por 10 rostos de bonecos que revelam expressões, (cinco expressões para cada rosto), serão colocadas palavras de acordo com a expressão. Este trabalho de grupo alerta para uma leitura de expressões, nos alunos que nos revelam situações de alerta (1h30m). Filme Casey Heynes, *Bully*, trata de uma luta no pátio da escola entre dois alunos que se atacam. Este filme retrata o começo da agressão, seguida de uma entrevista à vítima e ao *bully*, assim como a opinião e ajuda dos pais. Reflexão e debate sobre o filme, (2 horas). Início do trabalho de *Bullying*, em PowerPoint apresentado pelo formador (1h:15m).

### **4º Dia**

Dinâmica de grupo: com dança individual. Música de fundo para relaxar, quando todos os formandos estiverem concentrados na música, o animador lê um poema sobre a paz ou o amor, a criança etc., em voz alta. (15 a 20 minutos). Continuação do trabalho de *bullying*, debate participativo entre os formandos (3 horas). Trabalho de grupo a apresentar pelos formandos sobre o papel da família em casos de *bullying* (1h30m). Ou uma ficha (O que devo fazer?),

esta ficha questiona atitudes e comportamentos de situações de *bullying* (1h15m).

### 5º Dia

Dinâmica de grupo: “quando o Cristiano rola-rola-rola bem...” esta ação é feita em círculo, é animada e divertida por mexer o corpo (10 a 15 minutos).

Final da apresentação do trabalho de *bullying*, debate e reflexão entre os formandos (1 hora).

Ficha para avaliação, dos formandos sobre o *bullying* (1hora).

Finalização com uma exposição em placard, sobre o que aprenderam, debate e reflexão (2h40m).

## 2.8. Avaliação geral da formação (AO)

Os assistentes operacionais ainda não são participantes ativos no projeto educativo, quando falta aquilo a que poderíamos chamar de “*unidade de ação*”, é complexo que a escola ainda seja uma comunidade que aprende.

Cada um preocupa-se consigo próprio, embora os interesses individuais não sejam sempre iguais aos coletivos, por vezes conduzidos em êxitos particulares que acabam por se converter em obstáculos para o êxito de todos.

*“Falo de uma “unidade de ação” para classificar um projeto partilhado, discutido, estrategicamente desenvolvido por todos. Dessa conceção partilhada, surgem questões conducentes à aprendizagem: Como proceder? Como melhorar? A coordenação necessita de atitudes de cooperação entre os profissionais, mas também de estruturas e vias para a sua aplicação. Tempo para dialogar, expressar opiniões, contrastar experiência, refletir sobre o que se faz” (Guerra, 2000, p.67).*

No decorrer da ação de Formação verificou-se por parte dos Assistentes Operacionais um desânimo profundo no exercício das suas funções enquanto

agentes educativos (desvalorização profissional), que se verifica quando a exigência é simplesmente limpar os espaços educativos e manutenção.

*“Se os responsáveis pela supervisão da atividade escolar não encaram com bons olhos a inovação, é difícil que os profissionais estejam motivados para colocá-la em prática” (Guerra, 2000, p.68).*

“Nunca é tarde para aprender”, o que se pretende é fazer com que haja uma maior participação na educação e formação de adultos, aumentando as possibilidades de se obter cada vez mais uma qualificação mais elevada. Incentivar a participação na educação e formação, dedicar especial atenção à qualidade do pessoal nos estabelecimentos de ensino, com um maior aproveitamento dos recursos humanos. Eles existem, necessário será motivá-los, valorizando-os através do conhecimento para a competência.

Na formação dada pela Animadora Socioeducativa no âmbito deste trabalho verificou-se grande entusiasmo pelo conhecimento do tema em debate, expondo experiências e situações complicadas, que precisam de ajuda, como podemos verificar seguidamente.

- *Uma formanda escreve: Acho que esta formação foi uma mais-valia para mim a nível de conhecimentos. Dou-lhe os meus sinceros parabéns pela coragem que teve na abordagem deste tema, que toca o coração de muitos quer do passado quer do presente.*
- *Eu gostei muito desta formação e acho que deve continuar com essa força e coragem. Espero voltar para outras formações. Os meus sinceros parabéns!*
- *Gostei muito da ação de formação e da forma como nos foi apresentada. Sugiro mais ações de formações.*
- *Gostei muito de participar nesta ação de formação. Acho que vai ser útil para o meu trabalho do dia-a-dia no JI. Sugiro mais formação relacionada com a nossa área de trabalho.*



- *Eu acho que o Agrupamento devia pensar em fazer mais formação em que fossem explicadas e debatidas outros temas como por exemplo higiene e segurança no trabalho, a nível da saúde.*
- *A minha sugestão seria que houve-se mais informação a nível das escolas. Também seria importante falar aos pais que muitos deles não têm conhecimento. Havia de ser uma formação que se falasse mais sobre esta questão, porque cada vez mais temos o bullying nas nossas escolas.*

Estes são alguns testemunhos dos nossos (as) formandos (as), que alguns estando no plano das suas férias pessoais fizeram questão de irem à formação, demonstrando uma grande experiência profissional, envolta numa enorme vontade de aprender e colaborar para que haja uma escola mais harmoniosa e mais comprometida com a sociedade. Parece então ser necessário assegurar formação nas competências essenciais para a globalização dos profissionais da educação e formação de adultos.

Essas análises permitirão avaliar com exatidão as boas práticas que se aplicam quer na orientação, quer na aprendizagem, uma vez que os resultados confirmados ainda não correspondem aos resultados esperados na participação dos profissionais nos projetos educativos

Considerando que o plano para o desenvolvimento social e económico centra-se na Educação ao Longo da Vida, há que fazer um maior esforço neste grande objetivo (Educação /Formação) em prol da competitividade, que favorece a empregabilidade, o desenvolvimento e a adaptabilidade dos trabalhadores. A satisfação envolve as pessoas na articulação entre a experiência e os novos conhecimentos, torna-as mais independentes e conscientes para responder aos problemas educativos e sociais. Pensamos ser necessário valorizar, motivar e proporcionar oportunidades de formação aos assistentes operacionais /AO, no sentido de uma resposta mais eficaz entre escola/alunos e restante comunidade.

Valorizar os recursos humanos existentes. Valorizar a aprendizagem tornou-se uma prioridade para as políticas de educação e formação, nacionais e europeias. Aprender ao longo da vida torna-se um plano de ação que pretende por em prática um sistema eficaz de educação e formação nos adultos aberto a todos e para todos os cidadãos. Desenvolver conhecimentos, capacidades e, competências, nos contextos não formais e informais como em contextos formais de educação e formação no reconhecimento e valorização das aprendizagens independentemente como são concluídas.



## **PARTE V**

### **Conclusões e recomendações**



## Conclusões e recomendações

Esta investigação pretendeu dar um contributo no conhecimento e na importância que se deve dar ao espaço educativo nas questões de violência e de conflitos. Contribui-se de alguma forma para a diminuição de problemas e promove-se uma escola mais harmoniosa para os alunos, comunidade e sociedade, quando a prática se converte em investigação, estamos sempre a aprender. Alcançar a prática como uma experimentação que conduz ao conhecimento exige uma atitude de pesquisa, uma estratégia metodológica e também as condições organizacionais que tornem possível. Certamente que não se pode investigar se não houver interesse e tempo, é preciso ter condições necessárias.

*“Os processos de investigação nas escolas estão afectados por “dilemas e tentações”, que é necessário conhecer caso se pretenda potenciar a sua investigação-ação: estimular os alunos para que critiquem a própria prática profissional, reconhecer dados rigorosos, partilhar a análise dos dados, abrir-se às opiniões críticas, aprofundar a interpretação” (Eliliot, 1993, citado por Guerra, 2000, p.92).*

A instituição escolar gera um conjunto de interações, que exige dos seus membros, conhecimentos para o andamento e desenvolvimento da própria instituição, dando respostas cada vez mais alargadas, com mais responsabilidade, para atender as necessidades educativas. Numa resposta educativa Formal e Não-Formal e numa participação activa, dinamizadora e de consciencialização para os seus membros.

A Animação tem-se declarado cada vez mais uma estratégia; um método eficaz nas várias áreas sociais. A escola atual é um lugar por excelência para levar a cabo projetos de animação, uma vez que esta é:

*“Um instrumento nas mãos dos grupos humanos que a utilizam para facilitar aos seus membros o acesso a determinados valores, conhecimentos, habilidades e estratégias que se consideram importantes” (Quintas, 2002, p.105).*

Para dinamizar tempos e espaços onde os alunos se encontram para crescer, aprender e desenvolver.

### *Práticas significativas a reter: animação dos recreios*

Com esta intervenção foi possível dar um pequeno contributo para um ambiente escolar mais harmonioso, mais atento na prevenção da violência dentro do espaço educativo. Por outro lado o trabalho realizado com os alunos foi uma forma de estimular o respeito pelo outro nas relações interpessoais baseadas na tolerância, no respeito pela diferença, no espírito crítico, na curiosidade pelo saber, na criatividade e na abertura para o diálogo.

Mais concretamente animar os intervalos com jogos didácticos ou dinâmicas de grupo tem os seus resultados positivos. Estes métodos de aprendizagem podem ser utilizados de forma exclusiva ou relacionada. Assume-se como um espaço de actividade livre, onde os próprios alunos dão largas à sua imaginação e aprendem de livre vontade interpretando novas formas de aprendizagens entre as aulas e os recreios, uns com os outros.

Começando pelas dinâmicas de grupo, tiveram um impacto positivo, desde o início das actividades, sendo direccionadas como sendo ações de cooperação, do mesmo modo uma arte que seduz, emociona e humaniza, no interesse de como aprender a cooperar, seguir alguns passos necessários para se aprender qualquer tipo de arte que nos leva ao encontro dos nossos objetivos. Outra forma de aprendizagem surge na visualização de filmes de acordo com as necessidades e conceitos a debater com os alunos, mesmo sendo um tema sobre a indisciplina, são oportunidades para fazermos uma reflexão sobre os nossos próprios comportamentos indisciplinados, utilizando o debate em grupo. O mesmo processo enriquecedor na dinamização dos painéis, que podem ser feitos de diversos materiais, a partir de um tema, podemos realizar grandes debates em grupo, com a particularidade de os alunos desenvolverem a escrita e as ideias e a consciência para novas condutas.

Na observação feita aos alunos durante os intervalos (recreios) verificou-se uma melhor relação entre pares. De certo modo a vigilância nos recreios, mais

concretamente animar os intervalos com jogos didáticos ou dinâmicas de grupo, tem os seus resultados positivos.

### *Práticas significativas a reter: visualização de filmes*

Outra forma de aprendizagem surge na visualização de filmes de acordo com as necessidades e conceitos a debater com os alunos. Na biblioteca da escola foi inserido o plano de atividades “*Cinema na biblioteca*” tendo por finalidade a visualização de dois filmes: “*Um sonho Possível*” e “*Dentro dos muros da Escola*”. Estes dois filmes estiveram disponíveis durante o mês de Janeiro (todas as quartas-feiras de manhã das 9h00 às 12h00).

A animação assume um papel relevante na educação dos alunos e da restante comunidade educativa. Sendo a escola um espaço social, dinamizador, instrutivo e protetor, onde se praticam as mais diversas e múltiplas interações entre todos os que dela participam, contribuindo desta forma para que o projeto educativo se complete. Verifica-se que a Animação Socioeducativa assume um papel muito importante nas atividades pedagógicas, pois recorre a estratégias de educação não formal, numa perspetiva de educação ao longo da vida, com vista ao desenvolvimento pessoal e social. A escola no seu projeto educativo, e atendendo às suas necessidades dentro do espaço escolar (comunidade educativa, família), estrategicamente deve proporcionar uma resposta de educação/Formação aos seus agentes educativos, formação parental, formação ao longo da vida, são questões que enriquecem um projeto educativo, tornando-o harmonioso, coeso, onde todos os seus membros se interliguem e se comprometam na mesma direção, atingindo os objetivos planeados e que esses mesmos sejam avaliados, retificados e melhorados.

Para tal, contribuem as relações entre alunos, entre alunos e professores, entre professores, entre alunos e funcionários, entre professores e funcionários, entre professores e diretores, e por último toda a comunidade educativa e família. Este conjunto de relações assume-se como uma condição indispensável à associação humana, que por sua vez contribui para o processo de socialização e para a assimilação dos diferentes papéis sociais a nível da educação,



as escolas no sentido de integridade, refletindo sobre as reais necessidades da sociedade.

### *Práticas significativas a reter: formação dos funcionários*

A Formação desenvolvida, com base nos princípios da ASE, tem uma função de lazer e promove as aprendizagens, a educação/formação, impulsiona as experiências dos adultos, motiva e incrementa o desenvolvimento local. A formação planeada de acordo com o plano de atividades desenvolvido para os assistentes operacionais (AO), de acordo com as necessidades verificadas na falta de apoio aos alunos. Verificou-se subaproveitamento dos recursos humanos existentes, falta de "Motivação Humana".

Somos todos diferentes mas temos necessidades comuns. Segundo A Teoria de Maslow existem cinco níveis de necessidades humanas: necessidades biológicas, necessidades de segurança, necessidades de afeto, necessidades de estima e necessidades de auto-realização. Segundo a sua teoria, estas necessidades dispõem-se em forma de pirâmide e cada pessoa procura (regra geral) satisfazer as motivações mais básicas e passar às do nível superior. As cinco escalas mencionadas por este investigador não merecem o apoio unânime dos psicólogos. A teoria humanista de Maslow, já aperfeiçoada por outros investigadores, é um bom ponto de partida para compreender as motivações e os comportamentos das pessoas.

Uma participação mais ativa, por parte dos assistentes operacionais (AO) no processo educativo, é uma boa oportunidade que a escola dá e recebe ao comprometer-se com mais responsabilidade, mais formação, mais participação ativa. A escola precisa de aprender que nem sempre sabe aproveitar da melhor maneira os recursos humanos que possui. É necessário um processo de análise que facilite a compreensão e que, através dela, conduza os funcionários ao melhoramento da escola, dos alunos, da cidadania, valorizando-os, responsabilizando-os, dando-lhes formação. Eles merecem, eles precisam, aliada a uma experiência muito rica que possuem. Eles demonstraram que querem ser reconhecidos e valorizados.

## Recomendações

Feitas as exposições e conclusão, sugerem-se algumas recomendações que possam contribuir para a diminuição da agressividade e violência, que apesar de serem muito divulgadas e vividas socialmente, na sociedade e através dos meios de comunicação social, vive-se em constante agitação de conflitos que desde cedo, estão presente nas nossas vidas. Mas quando exagerada, a agressividade torna-se patológica, incomodando não só as vítimas, como os agressores.

O presente estudo apesar de confirmar alguns dados obtidos em outras investigações, possibilitou desenvolver novas perspetivas relativamente à necessidade de observar mais concretamente o ambiente educativo, quer na questão das vítimas como na questão dos agressores. A avaliação e intervenção precoces são importantes para que a prevenção se inicie o mais rápido possível e para que a identificação dos problemas de comportamento, na comunidade educativa e familiar, são importantes para seu efeito.

No contexto educativo, no papel que pertence à escola, esta não pode resolver todos os problemas pessoais e sociais dos alunos, mas tem um papel a defender na educação, no bem-estar, na segurança dentro do espaço educativo. Um dos fatores na prevenção do *bullying* é sem dúvida a promoção das competências pessoais e sociais. A investigação mostra de uma maneira geral que os adolescentes envolvidos em situação de *bullying* apresentam alguns défices a este nível. Existem vários programas educativos onde se pode ver uma grande diversidade de atividades e estratégias de intervenção. O Gabinete de Mediação e Apoio aos Alunos consiste na promoção de competências, sejam estas sociais, de resolução de problemas ou de mediação de conflitos e outras. As iniciativas propostas no âmbito da animação, apontam o desenvolvimento de competências, participação nas atividades e dinâmicas de grupo, a auto-estima e a consciencialização para a prevenção do problema, a diversidade de técnicas, como as dinâmicas e técnicas de grupo, role-play, exposições em placard, técnicas de debate, jogos didáticos etc. como reforço o apoio social, a família. A inclusão dos pais no sentido de alerta, dado que muitas vezes os pais não dão conta do problema de *bullying*, quer como vítimas, quer como

agressores, no sentido de alerta aos sinais indicadores de mal-estar. A competência da supervisão por parte dos pais é muito importante, tal como reforço para a competência da comunicação e de relação entre a família e a escola. A vigilância nos recreios é outra forma de alerta para a segurança dos alunos na prevenção do *bullying*, no entanto é também um espaço de interação social, um ensaio pessoal de desenvolvimento, onde aprendem uns com os outros.

E por último a importância da formação aos agente educativos.

A formação para a competência do processo educativo e para o uso de novos métodos pedagógicos na motivação dos alunos afigura-se como uma necessidade que poderá abranger a maioria dos agentes educativos em funções. Contudo, isto não significa que sejam os únicos aspetos a focar. Pelo contrário, a formação deve apoiar-se na identificação de um conjunto de necessidades, na qual os Agentes Educativos devem participar ativamente, no sentido de desenvolver competências para a prevenção e combate da violência, intervindo com conhecimento e estima para que o elo entre funcionário e aluno seja um elo de entendimento, respeito e de confiança. “Intervindo”.

*“A avaliação e intervenção precoces são importantes para a prevenção. Muitos autores defendem a ideia de que a intervenção se deve iniciar o mais cedo possível e de que a identificação de problemas de comportamento, psicológicos, familiares e comunitários é importante para a eficácia da prevenção” (Matos, citado por Gaspar e Sampaio, 2009, p.114/115).*

Sabe-se que a escola está empenhada na prevenção da violência e reconhece o papel da animação socioeducativa.

*“Compete por isso, à escola facultar uma educação conjugada com a animação, onde as práticas orientadas para o desenvolvimento pessoal e social “ganhem verdadeiro contexto na sociedade e sobretudo nas escolas e na formação das crianças e do próprio adulto, pois trata-se de trazer de volta os conteúdos da verdadeira essência humana, onde o cognitivo, o emotivo, o físico e o espiritual ganham contexto como partes de um equilíbrio. O sentimento, a atenção, o respeito por si, pelos*

*outros e pela vida são assumidos com responsabilidade e logo liberdade, a verdadeira liberdade que se adquire por ser um verdadeiro ser humano” (Beltrán, 2000, p.142).*

Esta investigação pretendeu dar um contributo no conhecimento da importância que se deve dar ao espaço educativo nas questões de violência e de conflitos. Desta forma o desafio lançado à comunidade científica e à sociedade em geral, passa por realizar mais estudos em torno desta temática e de outras relacionadas. Com mais eficácia contribui-se para a diminuição de problemas e promove-se uma escola mais harmoniosa para os alunos, comunidade e sociedade.



## Bibliografia

- Beane, Allan L. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.
- Beltrán, Leonor (2000). “Globalização e reeducação expressivo-artística: e pela asa do sonho eu me crio...” *Educação pela arte*. Lisboa: Livros Horizonte, p.127-142.
- Bogdan R. & Buklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Carrilho, Luísa; Nogueira, Paulo; & Bacelar, Teresa (2010). *Bullying: agressividade em contexto escolar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Carvalhosa, Susana; Lima, Luísa & Matos, Margarida Gaspar de (2001). “*Bullying*: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português”. *Análise Psicológica*, Volume 19, nº 4, p.523-537.
- Carvalhosa, Susana; Lima, Luísa & Matos, Margarida Gaspar de (2002). “*Bullying*: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português”. *Análise Psicológica*, Volume 20, nº 4, p.517-585.
- Chrispino, Álvaro (2007). “Gestão do Conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação”. *Ensaio: Avaliação Política Pública de Educação*, Volume 15, nº3, p.119-134.
- Cohen, R. (1995). *Students resolving conflict: peer mediation on schools*. Arizona: Goodyear Books.
- Fante, C. (2002). *O fenómeno bullying e as suas consequências psicológicas*.
- Gaspar de Matos, Margarida & Sampaio Daniel (2009). *Jovens com saúde: diálogo com uma geração*. Lisboa: Texto Editora.

Guerra, Miguel (2000). *A Escola que aprende*. Porto: Edições Asa.

Guerra, Miguel A. Santos (2003). *Tornar visível o quotidiano: teoria e prática de avaliação qualitativa das escolas*. Porto: Edições Asa.

Lopes, Marcelino (2006). *A Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção.

Marques, A. R. & Neto, C. (2000). “Características do recreio escolar e os comportamentos agressivos das crianças”. *Congresso Internacional: Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*. Braga: Instituto Estudos da Criança e Universidade do Minho.

Matos, Margarida Gaspar de & Carvalhosa, Susana Fonseca (2001). “Violência na escola: vitima, provocadores e outros”. *Aventura Social & Saúde*, Volume 2, nº 1. Lisboa. Faculdade de Motricidade humana.

Olweus, D. (1995). *Bullying or peer abuse at school: facts and intervention*. American Psychological Society.

Papalia, Diane; Olds, Saley; & Feldman, Ruth (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B.; Almeida, A. & Valente, L. (1994). “Projecto bullying: análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico”. *Comunicação apresentada no 6º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre*. Lisboa.

Pereira, B.; Almeida, A.; Valente, L. & Mendonça, D. (Eds.) (1996). “O *bullying* nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema”. *Atas do II Congresso Galaico-português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Quintas, Sindro F. (2002). “Animación sociocultural y educacion en valores”. *Comunicações: II Jornadas Internacionais de Animação Sociocultural*. Chaves: Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, p.103-110.

Ramírez, Fuensanta Cerezo (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw-Hill, Lda. Tradução de Jorge Ávila de Lima.

Salgado, Lucília (Coord.) (2010). *A Educação de Adultos: uma dupla oportunidade na família*. Lisboa: Agencia Nacional para a Qualificação.

Serrate, Rosa (2007). *Bullying: acosso escolar*. Espanha: Laberinto.

Serrate, Rosa (2009). *Lidar com o Bullying na escola*. Sintra: K Editora.

Smith, Peter K. & Brain, Paul (2000). “Bullying in schools: lessons from two decades of research”. *Aggressive Behavior*, Volume 26, p.1-9.

Tomás, Catarina (2010). *Mediação escolar: para uma gestão positiva de conflitos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Yin, Robert K. (1994). *Case study research: design and methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2ª Edição.

[www.youtube.com/watch?=isfn40xcpqs](http://www.youtube.com/watch?=isfn40xcpqs)

<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/56304/8/Anexo4000129556.pdf>





## **ANEXOS**



# **Anexo 1**

## **Inquérito por questionário**

**→ Escolha aleatória dos inquiridos  
através do questionário**

**→ Questionário**



## **Inqueridos através do questionário**

A aplicação dos inquéritos por questionário, sobre A Violência em Contexto Escolar “*Bullying*”. Alunos escolhidos, aleatoriamente, para responder ao questionário:

### **5º Ano**

5º A - Nº 14, 15,18, 23.

5ºB - Nº 14,17,18

5 C - Nº17,18,19.

5º D - Nº 17,18,19.

5º E - Nº 14,17,18.

5º F - Nº14, 19.

5º G - Nº 14,17.

5º H - Nº 17, 18.

5º I - Nº14,18.

5º J - Nº 15,23.

5º L - Nº 16, 20.

5º K - Nº 16, 19.

### **6º Ano**

6º A - Nº 18, 19, 20, 21.

6ºB - Nº 18, 19, 21, 22.

6º C - Nº 19,20,21,22

6ºD - Nº 18, 19,20,21.

6ºE - Nº 18, 19, 20, 21.

6ºF - Nº 19, 20,22.

6º G - Nº18,21, 25.

6ºH - Nº 19,20.

6º I - Nº18,19.

6ºJ - Nº 19,22.

6ºL - Nº18,19.

6ºM - Nº 4,18.

6º N - Nº 1,19.

6º K - Nº 18,21,

6º L - Nº18,19.

### **7º Ano**

7º A - Nº 5,6,13,14.

7º B - Nº 14,27, 28.

7ºC - Nº 13, 23.

7º D - Nº 15, 23.

### **8º Ano**

8º A - Nº 12, 15,20,21.

8º B - Nº 11, 24, 25.

8º C - Nº11,25.

8º D - Nº15,20.

### **9º Ano**

9º A - Nº 9,10,20,21.

9º B - Nº10,18.

9ºC - Nº 9,18.

9ºD - Nº 13,18.

9º E - Nº 9,10, 24.

### **Curso CEFs**

Nº 3, 8, 9, 15, 19,7.

## Questionário destinado aos alunos

Pretende-se com este questionário elaborar um estudo sobre *bullying* na escola, abordando a violência e conflitos na comunidade escolar. A tua colaboração torna-se muito importante, por isso responde com sinceridade. Não escrevas nada que te identifique, o questionário é anónimo e todos os dados obtidos são confidenciais. Responde colocando um x dentro do círculo da tua resposta ou escrevendo a tua opinião.

Inquérito nº \_\_\_\_\_

### I Parte

1. Rapaz: ☐ Rapariga ☐

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Ano. 5º ☐ 6º ☐ 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐ CEF's ☐

### II Parte

4. Qual a profissão dos teus pais/encarregado de educação:

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

5. Habilitações

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

6. Com quem vives?

Pai ☐ Mãe ☐ Avó ☐ Avô ☐ Padrasto ☐ Madrasta ☐

Tia ☐ Tio ☐



Irmão (s) ☐ Quantos? \_\_\_\_\_

Outros ☐ Quem? \_\_\_\_\_

**7. Já reprovaste alguma vez de ano? Sim ☐ Não ☐**

(se respondeste NÃO, passa para a questão 8.)

7.1 Quantas vezes? 1vez ☐ 2 vezes ☐ 3 vezes ou mais ☐

7.2 Em que ciclo? 1ºciclo ☐ 2º ciclo ☐ 3º ciclo ☐

**8. Durante a tua vida escolar, nesta escola (uma só opção):**

Nunca me fizeram mal ☐ Já me fizeram mal ☐

(Se respondeste NUNCA, passa para a pergunta 15)

**9. Se já te fizeram mal, de que forma aconteceu? Coloca um x na resposta (varias opções).**

Agrediram-me fisicamente ☐ Meteram-me medo ☐ Chamaram-me nomes ☐

Roubaram-me objectos pessoais ☐ Ameaçaram-me ☐ Espalharam boatos ☐

Outra (s) ☐ Quais? \_\_\_\_\_

**10. De que forma te fizeram mal? Coloca um x na(s) respostas (varias opções).**

	1 vez	2 vezes	3 ou+vezes
1.Agrediram-me fisicamente			
2.Meteram-me medo			
3.Chamaram-me nomes			
4.Roubaram-me objectos pessoais			
5.Ameaçaram-me			
6.Espalharam boatos			
7.Outra.(s)			

**11. Em que local te fizeram mal? Coloca um x nas respostas (varias opções)**

Na sala de aula ☐ Nos corredores da escola ☐ Na casa de banho ☐  
No recreio ☐ Na cantina ☐ Outro(s) ☐

**12. Quem te faz mal? Coloca um x na resposta escolhida (uma só opção).**

Um rapaz ☐ Uma rapariga ☐ Vários rapazes ☐ Várias raparigas ☐  
Ambos ☐ Outro ☐ Quem? \_\_\_\_\_

**13. Os alunos que te fazem mal de que turma são? Coloca um x nas respostas (varias opções)**

Da minha turma ☐ Do meu ano, mas de outras turmas ☐  
São mais velhos ☐ São mais novos ☐ São fora da escola ☐  
Outro ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**14. Comunicaste a algum adulto que te fizeram mal na escola? Coloca um x na resposta (uma só opção).**

Sim ☐ Não ☐

**14.1. Se responderes NÃO passa para a questão 15**

Professor ☐ Funcionário ☐ Pai ☐ Mãe ☐  
Outro ☐ Quem? \_\_\_\_\_

### III Parte

**15. Quando observas que estão a fazer mal a um aluno, o que fazes? Coloca um x na resposta (uma só opção)**

1.Não faço nada, não é nada comigo	<input type="radio"/>
2.Não me meto, mas acho que devia ajudar	<input type="radio"/>
3.Tento ajudar	<input type="radio"/>

**16. Se respondeste TENTO AJUDAR explica como:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**17. Nesta escola, já fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um x na resposta (uma só opção).**

Sim ☐ Não ☐

**17.1. Se respondeste NÃO passa a pergunta 24.**

**17.2. Se respondeste SIM, quantas vezes fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um x na resposta (uma só opção.).**

1 Vez ☐ 2 vezes ☐ 3 ou + vezes ☐

**18. Estavas sozinho ou acompanhado? Coloca um x na resposta (uma opção.)**

Sozinho ☐ Acompanhado ☐ Umas vezes só ☐ Outras acompanhado ☐

**19. De que forma fizeste mal a um (a) aluno(a)? Coloca um x na (s) resposta(s) (varias opções. )**

**20. Com que frequência fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um x na(s) resposta(s) (varias opções).**

	1 vez	2 vezes	3 ou + vezes
1.Agredi fisicamente			
2.Meti medo			
3.Chamei nomes			
4.Roubei objectos pessoais			
5.Ameacei			
6.Espalhei boatos			
7.Ignorei um colega			

**21. Dentro do espaço educativo, em que local fizeste mal? Coloca um x na resposta escolhida (uma só opção)**

Na sala de aula ☐ Nos corredores da escola ☐

Na casa de banho ☐ No recreio ☐ Na cantina ☐

Outro(s) ☐ Quais? \_\_\_\_\_

**22. Fizeste mal a quem? Coloca um x na resposta escolhida (Uma só opção.)**

Um rapaz      ☐ Uma rapariga      ☐ Vários rapazes      ☐

Várias raparigas      ☐ Ambos      ☐

Outro      ☐ Quem? \_\_\_\_\_

**23. De que turma são os alunos a quem fizeste mal? Coloca um x nas respostas (varias opções.)**

Da minha turma      ☐ Do meu ano, mas de outras turmas      ☐

São mais velhos      ☐ São mais novos      ☐ São fora da escola      ☐

Outro      ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**24. Sentes-te seguro na escola?**

---

---

---

**25. Na tua opinião, o que deve ser feito para diminuirmos a violência entre os alunos, na escola.**

---

---

---

---

---

Obrigada pela tua participação!

**Fim**

Inquérito adaptado (Ribeiro, Ana Teresa Martins, 2007), *O bullying em Contexto Escolar Estudo de Caso*, Universidade Portucalense



## **Anexo 2**

### **Ação de formação aos funcionários**

- ➔ Conteúdos da formação
- ➔ Participantes
- ➔ Instrumento de avaliação



## Mapa de Conteúdos da formação aos funcionários

### FORMAÇÃO DE ASSISTENTES OPERACIONAIS

#### PLANIFICAÇÃO

CONTEÚDOS	HORAS PRE-VISTAS
<b>PRÉ-AVALIAÇÃO</b>	30M
<b>VIOLÊNCIA/BULLYING</b>	2H30M
<b>TIPOS DE BULLYING</b> -FÍSICO -VERBAL -PSICOLÓGICA -SOCIAL -SEXUAL	3H
<b>PAUSA PARA CAFÉ - 20 MINUTOS</b>	
<b>FORMAS DE BULLYING</b> - DIRETO - INDIRETO	3H
<b>O BULLYING NA ESCOLA</b>	3H
<b>O BULLYING E A FAMÍLIA</b>	2H 30M
<b>AVALIAÇÃO FINAL</b>	30M
	<b>15 horas</b>



### **Participantes da ação de formação (funcionários)**

PARTICIPARÃO **62** FORMANDOS, DESDOBRADOS EM **TRÊS TURMAS**.

**TURMA 1** – ASSISTENTES OPERACIONAIS DA EB/2,3 DO MARCO, COM **23** FORMANDOS.

**TURMA 2** – ASSISTENTES OPERACIONAIS DAS EB1 (VINCULADOS À DREN), COM **18** FORMANDOS.

**TURMA 3** - ASSISTENTES OPERACIONAIS DAS EB1 E JI (VINCULADOS À CÂMARA MUNICIPAL - 17) E DOS JI (VINCULADOS À DREN - 4), COM 21 FORMANDOS.

#### **ENQUADRAMENTO TEMPORAL**

<b>TURMA</b>	<b>DIAS DE FORMAÇÃO</b>	<b>MÊS</b>	<b>HORÁRIO</b>
1	18, 19, 20, 21, 22	JUNHO	9 - 12
2	25, 26, 27, 27, 29	JUNHO	9 - 12
3	9, 10, 11, 12, 13	JULHO	9 - 12

### Avaliação da Formação

**“O BULLIYNG EM CONTEXTO ESCOLAR – PRESSUPOSTOS DE PREVENÇÃO”**

## AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

ITENS	AVALIAÇÃO			
	SUFICIENTE	BOM	MT BOM	EXCELENTE
IMPORTÂNCIA DO TEMA				
CONHECIMENTOS TRANSMITIDOS				
SEGURANÇA E DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS				
FORMA DE EXPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS				
CONDIÇÕES LOGÍSTICAS				

**Observações:**

Acha que haveria algo a melhorar?    Sim    ☐    Não    ☐

**Se sim, que sugestões faria?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## **Anexo 3**

**Diário de bordo**



## **Orientador de leitura do diário de bordo**

Grelha de Avaliação da Atividade

Nº de Participantes - 1ª sessão da atividade, (observação no recreio)

Descrição da Atividade

---

---

---

---

---

---

---

---

Descrição da atividade:

---

---

---

---

---

---

---

---

Observações:

---

---

---

Nome: \_\_\_\_\_

## Comentários do aluno de acordo com a atividade

Gostaste de participar nesta atividade?	
Foi difícil para ti participar nesta atividade?	
O que mais gostaste nesta atividade?	
O que menos gostaste nesta atividade?	
Gostaste ou não de realizar esta atividade com a colaboração da animadora? E porque?	
Como avalias a tua participação nesta atividade?	

## **Diário de Bordo**

Neste diário de Diário de Bordo, foram escritas as observações feitas aos alunos e funcionários, durante os vários trabalhos realizados em conjunto com o projeto educativo, que se intitulava “A escola e a cidadania”. Os vários trabalhos tiveram a participação dos alunos nos tempos livres, nos recreios e no Gabinete de Mediação, essencialmente os alunos do CEF, em parceria com a disciplina de Cidadania.

### **1ª Sessão**

#### **Montagem da aranha na entrada principal da escola**

**Aranha** – Título: “Cidadania” Direitos e Deveres

#### **Estrutura da aranha.**

**Materiais:** fio grosso de malha, fita de embrulho, papel de cartolina, tesoura, computador, canetas, mercadores, papel de cores fortes.

**Dinâmica:** Os alunos participam com frases, poemas, pensamentos, escritos em papel de cor à sua escolha e irão colocar na aranha

#### **Grelha de Avaliação da atividade.**

Nº de alunos participantes na atividade: 2 do 5º ano, 2 do 6º ano, 3 do 7º ano, Curso CEF 3 alunas. Estes alunos (sete rapazes e 3 raparigas). Estes alunos são acompanhados pelo GMAA (Gabinete de Mediação e Apoio ao Aluno).

Alunos CEF nº 15 alunas

Outros alunos

Funcionários nº 3



## Comentários face à atividade

Gostaste de participar nesta atividade?	<p>Gostei muito de ajudar - 5º ano</p> <p>Gostei muito de ajudar - 5º ano</p> <p>Também gostei muito - 6º ano</p> <p>É bonito ajudar a fazer coisas na escola - 6º ano</p> <p>Esta atividade é uma forma de participar - 7º ano</p> <p>Gostei muito de ajudar a fazer a aranha - 7º ano</p> <p>Gostei muito de ajudar - 7º ano</p> <p>Em casa também ajudo a minha mãe - CEF</p> <p>Eu faço qualquer coisa quando me pedem, com jeito - CEF.</p> <p>Gostei da ideia, de colocar a mensagem na aranha. Para os outros lerem - CEF.</p> <p>Funcionários: não quiseram comentar.</p>
Foi difícil para ti participar nesta atividade?	<p>Foi muito fácil, aluna 5º ano</p> <p>Nada difícil, aluna 5º ano</p> <p>Não foi difícil, aluno 6º ano</p> <p>Até achei muito fácil, aluno 6º ano</p> <p>Fácil, aluno 7ºano</p> <p>Fácil, aluno 7ºano</p> <p>Nada difícil, aluno 7ºano</p> <p>Foi fácil e gostei muito, aluna CEF</p> <p>Fácil e divertido, aluna CEF</p> <p>Muito fácil e diverti-me, aluna CEF</p>
Do que mais gostaste nesta atividade?	<p>Fazer a aranha, aluna 5ºano</p> <p>Fazer a aranha, aluna 5ºano</p> <p>Fazer a aranha, aluno 6ºano</p> <p>Pendurar a aranha, aluno 6ºano</p> <p>Colocar a aranha, aluno 7ºano</p> <p>Ajudar a fazer a aranha, aluno 7º ano</p> <p>Colar as mensagens na aranha, aluno 7º ano</p> <p>Ajudar a fazer a aranha, aluna CEF</p> <p>Dependurar os fios na aranha, aluna CEF</p> <p>Ajudar a dependurar a aranha, aluna CEF.</p>



## 2ª Sessão

### A Violência em contexto educativo “*bullying*”

Alunos do Curso CEF – Aula de Cidadania

Materiais: Cartolina, fotocópias, cola, Tesoura, envelope

Dinâmica de Grupo – 50 palavras que revelam sentimentos

Grelha de Avaliação da Atividade

Nº de Alunos: 15 CEF

#### Comentários face à atividade

Gostaste de participar nesta atividade?	Gostei muito... esta dinâmica mexeu comigo. (Aluna nº 3) Gostei muito, (aluna nº5) É uma brincadeira, mas gostei, Aluno Cef Gostei, Aluna Cef Gostei mas foi muito pouco tempo, Aluna Cef Foi bom para descontraír. Aluna Cef
Foi difícil para ti participar nesta atividade?	Foi muito fácil, aluna Cef Nada difícil, aluna Cef Não foi difícil, aluno Cef Até achei muito fácil, aluno CEF Fácil, aluno CEF Fácil, aluno Cef Nada difícil, aluno Cef Foi fácil e gostei muito, aluna CEF Fácil e divertido, aluna CEF Muito fácil e diverti-me, aluna CEF
Do que mais gostaste nesta atividade?	De ficar a conhecer melhor alguns colegas cef Tive a oportunidade de falar sobre mim cef De observar, aluna cef De ser a porta-voz, aluna Cef Colocar algumas questões, aluna Cef Ajudar a colocar as frases, aluna Cef Colar as palavras no sitio certo, aluno Cef

	<p>Tive a oportunidade de ouvir os colegas CEF</p> <p>De falar à vontade, aluna CEF</p> <p>Ajudar a completar o cartaz, aluna CEF.</p>
Do que gostaste menos nesta atividade?	<p>Foi pouco tempo, Aluna Cef</p> <p>Não sabia bem o que dizer de mim, aluna Cef</p> <p>Não poder falar mais tempo, aluno Cef</p> <p>Gostei de tudo, aluna Cef</p> <p>Nada a dizer, aluna Cef</p> <p>Gostei de tudo, aluno Cef</p> <p>Nada a dizer, aluna Cef</p> <p>Gostei de tudo, aluna CEF</p> <p>Não respondo, aluna CEF</p> <p>Não respondo, aluna CEF</p>
Gostaste ou não de realizar esta atividade com a colaboração da animadora? E porque?	<p>Com a animadora, aluna Cef</p> <p>Com a animadora, aluna Cef</p> <p>Sozinho não dá vontade, aluna Cef</p> <p>Prefiro fazer com a animadora, aluna Cef</p> <p>Acompanhado é diferente, aluna Cef</p> <p>Prefiro que seja acompanhado, aluna Cef</p> <p>Acompanhado, aluna Cef</p> <p>Tanto faz, aluna CEF</p> <p>Com a animadora, aluna CEF</p> <p>Com a animadora, por que ela puxa por nós, para falar de coisas serias, aluna CEF.</p>
Como avalias a tua participação nesta atividade?	<p>Foi bom, aluna Cef</p> <p>Gostei, aluna Cef</p> <p>Gostei, aluna Cef</p> <p>Aprendi alguma coisa sobre os outros, que não devemos avaliar sem saber., aluna Cef</p> <p>Aprendi e colaborei. Aluna Cef</p> <p>Foi ótimo participar, aluna Cef</p> <p>Gostei de comunicar nesta actividade. Aluna Cef</p> <p>Vou recordar esta dinâmica e participar noutras, aprendemos muito. Aluna CEF</p> <p>Gostei muito de participar na dinâmica, aluno CEF</p> <p>Gosto de participar quando me respeitam. Aluno CEF.</p>

### 3ª Sessão

## A Violência em contexto educativo “*bullying*”

### Alunos do Curso CEF – Aula de Cidadania

**Materiais:** Folha de papel A4, branco, esferográfica

**Dinâmica de Grupo** – O “Ponto”

### Grelha de Avaliação da Atividade

Nº de Alunos (as): 68

**Tempo:** 45 Minutos

### Comentários face à atividade

Gostaste de participar nesta atividade?	<p>Ao início não gostei, parecia difícil. (Aluna nº 3)</p> <p>Gostei muito, (aluna nº5)</p> <p>Parecia ser difícil, mas depois com a ajuda da animadora foi fácil. Aluno Cef</p> <p>Gostei, Aluna Cef</p> <p>Gostei do que escrevi. Aluna Cef</p> <p>Gostei por ser livre. Aluna Cef.</p>
Foi difícil para ti participar nesta atividade?	<p>Parecia muito fácil, aluna Cef</p> <p>Nada difícil. Aluna Cef</p> <p>Não foi fácil para mim. Aluno Cef</p> <p>Achei muito fácil. Aluno CEF</p> <p>Fácil, aluno CEF</p> <p>Fácil, aluno Cef</p> <p>Nada difícil. Aluno Cef</p>

	<p>Ao início parecia difícil, depois compreendo e gostei muito, aluna CEF</p> <p>Fácil e divertido, aluna CEF</p> <p>Escrevi o meu pensamento. Foi fácil e diverti-me, aluna CEF</p>
Do que mais gostaste nesta atividade?	<p>De conhecer melhor alguns colegas da turma. Aluna Cef</p> <p>Tive a oportunidade de falar de mim. Aluna Cef.</p> <p>Ouvi algumas colegas e gostei. Aluna cef</p> <p>Tive uma oportunidade de falar de mim. Aluna Cef</p> <p>Colocar o nosso problema. Aluna Cef</p> <p>Inventar uma história. Aluna Cef</p> <p>Escrevi uma história de vida. Aluno Cef</p> <p>O tempo desta aula passou muito depressa. Aluno Cef</p> <p>De falar à vontade sobre a escola. Aluna CEF</p> <p>De escrever não gosto da escola. Aluna CEF.</p>
Do que gostaste menos nesta atividade?	<p>Foi pouco tempo, Aluna Cef</p> <p>Não sabia o que escrever. Aluna Cef</p> <p>Pouco tempo para escrever. Aluno Cef</p> <p>Precisava de mais tempo. Aluna Cef</p> <p>Nada a dizer, aluna Cef</p> <p>Gostei de tudo, aluno Cef</p> <p>Nada a dizer, aluna Cef</p> <p>Pouco tempo, aluna CEF</p> <p>No início não gostei. Aluna CEF</p> <p>Parecia uma brincadeira. Aluna CEF</p>

<p>Gostaste ou não de realizar esta atividade com a colaboração da animadora? E porque?</p>	<p>A animadora ensina a brincar. Aluna Cef</p> <p>Com a animadora, aluna Cef</p> <p>Com a animadora conversamos á vontade. Aluna Cef</p> <p>Porque falamos em coisas com a animadora. Aluna Cef</p> <p>É diferente. Aluna Cef</p> <p>Mais ou menos. Aluna Cef</p> <p>Acompanhado. Aluno Cef</p> <p>Tanto faz, aluna CEF</p> <p>Com a animadora. Aluna CEF</p> <p>Com a animadora, por que ela puxa por nós, para falar de coisas serias, aluna CEF.</p>
<p>Como avalias a tua participação nesta atividade?</p>	<p>Agradou-me participar. Aluna Cef</p> <p>Parecia uma brincadeira e depois até foi fixe. Aluna Cef</p> <p>Gostei, aluna Cef</p> <p>Estive com atenção. Aluna Cef</p> <p>Aprendi e gostei muito. Aluna Cef</p> <p>Liberdade. Aluna Cef</p> <p>Comunicar desta maneira é bom. Aluna Cef</p> <p>Gosto de escrever livremente. Aluna CEF</p> <p>Dei largas à minha história. Aluno CEF</p> <p>Uma maneira diferente de aprender. Gostei muito. Aluno CEF.</p>

## 4ª Sessão

### Cartaz “Anti - *bullying*”

**Materiais:** Placard, Papel de cenário, marcadores, cola, recortes;

**Trabalho expositivo/ participativo**

**Grelha de Avaliação da Atividade**

Nº de alunos: todos os alunos do Agrupamento e Comunidade educativa

**Comentários face à atividade**

Gostaste de participar nesta atividade? (Cartaz)	<p>Gosto porque é diferente. Aluno 9º ano</p> <p>Gosto. Aluno do 8º ano</p> <p>Gostei. Foi muito giro. Aluno 5º ano</p> <p>Sim. É uma forma de alertar os alunos para não se deixar envolver em violência. Aluno 6º ano</p> <p>Eu gosto de participar em tudo na nossa escola. Aluna 6º ano</p> <p>Gostei por que é uma maneira de escrevermos sobre o <i>bullying</i>. Aluna 7º ano</p> <p>Gostei por que é uma forma de trabalharmos em conjunto as nossas ideias contra a violência. Aluna 8º ano.</p> <p>É bom alertar os alunos mais novos para não entrarem em confusões de violência. Aluna Cef.</p> <p>Gostei muito de participar neste cartaz. Funcionaria.</p>
	<p>Nada difícil. Aluna 5º ano</p> <p>Achei muito fácil. Aluno 6º ano</p>



<p>Foi difícil para ti participar nesta atividade?</p>	<p>Fácil, aluno 5º ano</p> <p>Fácil, aluno Cef</p> <p>Nada difícil. Aluno 8º ano</p> <p>Gostei muito, aluna CEF</p> <p>Fácil e divertido, aluna 9º ano</p> <p>Diverti-me a ler o que os outros alunos escreveram. Aluna CEF.</p> <p>Não foi difícil participar. Eu fui convidada a participar no cartaz pela animadora. A.O.</p>
<p>Do que mais gostaste nesta atividade?</p>	<p>De Ver mensagens escritas pelos meus amigos no combate à violência. Aluna 8º ano;</p> <p>Conhecer melhor alguns colegas da turma, através do que escreveram. Aluna Cef</p> <p>Tive a oportunidade de falar contra o <i>bullying</i>.. Aluna 5º ano</p> <p>Vi alguns colegas e escrever e gostei. Aluna 6º ano</p> <p>Tive uma oportunidade de escrever uma mensagem de paz. Aluna Cef</p> <p>Colocar o nosso problema, quando somos vítimas. Aluna 8º ano;</p> <p>Colar uma imagem de uma história de violência. Aluna Cef</p> <p>Alertar os <i>bullis</i>. Aluno Cef</p> <p>A violência é rápida dá-se muito depressa. Aluna 9º ano;</p> <p>De alertar a escola para acabar com a violência. Aluna 9º ano</p>

	Participar na anti – violência. Aluno Cef.
Do que gostaste menos nesta atividade?	<p>De ler frases de gente mentirosa que diz que são contra a violência e afinal praticam o <i>bullying</i>. Aluna Cef</p> <p>Fiquei a saber de que há alunos que gostam da violência. Aluna 9º ano;</p> <p>De nada. Aluno 6º</p> <p>De saber que há violência dentro da escola. Aluna 6º ano</p> <p>Nada a dizer, aluna Cef</p> <p>Gostei de tudo, aluno 5º ano</p> <p>Nada a dizer, alun6º ano;</p> <p>Não quero dizer nada. Aluna 7º ano</p> <p>De uma mensagem, que está escrita no cartaz. Aluna 8º ano</p>
Gostaste ou não de realizar esta atividade com a colaboração da animadora? E porque?	<p>Tanto faz. Aluna 8º ano</p> <p>Com a animadora, porque ela pica a gente. Aluna 8º ano</p> <p>Sozinha, estou mais à vontade. Aluna 7º ano</p> <p>Com a animadora, para nos orientar. Aluna Cef</p> <p>É diferente. Aluno 7º ano;</p> <p>Mais ou menos. Aluna 5º ano</p> <p>Tanto faz, aluna CEF</p> <p>Com a animadora. Aluna CEF</p> <p>Sozinhos sem ninguém saber o que escrevemos. Aluno 5º ano</p> <p>Eu gosto de participar com a animadora. Aluna CEF.</p>

<p>Como avalias a tua participação nesta atividade?</p>	<p>Foi fixe. Aluna CEF</p> <p>Colaborar na campanha contra a violência é bom</p> <p>.Aluna Cef</p> <p>Gostei, aluna 7º ano</p> <p>Estive com atenção. Aluna Cef</p> <p>Aprendi e gostei muoto. Aluna Cef</p> <p>Liberdade. Aluna Cef</p> <p>Comunicar desta maneira é bom. Aluna Cef</p> <p>Gosto de escrever livremente. Aluna CEF</p> <p>Dei largas à minha história. Aluno CEF</p> <p>Uma maneira deferente de comunicarmos uns com os outros. Gostei. Aluna CEF</p>
---	---

## Avaliação do Painel anti-violência

*O trabalho de painel foi feito em papel de cenário, e partiu do tema: Anti-violência. Ficou exposto no espaço polivalente e teve como objetivo sensibilizar os alunos para o combate à violência, à agressividade e aos maus-tratos, sendo hoje, uma das principais preocupações públicas da nossa sociedade. Os alunos revelaram grande sensibilidade na análise feita por eles relativamente às frases escritas, não fugindo ao tema em debate.*

### Comentários face à atividade

Gostaste de participar nesta atividade?	Gostei muito por ser eu a escrever o que eu acho, 8º ano Participar é bom, 6º ano Também gostei muito de escrever a minha opinião, 7º ano Gostei de escrever a minha frase no cartaz, 6ºano Gostei de escrever, o que escrevi, 5º ano Gostei muito de ajudar de participar no painel da paz, 8ºano Gostei muito de participar no painel anti violência, 7º ano Eu gosto da violência. 8º Ano Eu Gostei da ideia, de colocar a mensagem a minha mensagem, CEF Gostei e é uma forma de ajudar os alunos violentos a pensar. CEF. Participar em tudo é bom, Assistente operacional.
Foi difícil para ti participar nesta atividade?	Tinha vergonha, aluna 5º ano Nada difícil, até foi bom aluna 6º ano Ao princípio não me apetecia, aluno 6º ano Achei fácil, escrever a frase mas ao princípio não sabia bem o que escrever, aluno 5º ano Quando estão à minha beira, eu não consigo pensar o que vou escrever, aluno 7ºano Fácil, aluno 8ºano Gostei de por lá a minha mensagem, aluno 9ºano É giro participar com a nossa mensagem, aluna CEF Fácil, divertido e o cartaz está bonito com tantas mensagens, aluna CEF

	Muito fácil e diverti-me, porque é uma forma de chamar a atenção dos alunos, aluna CEF
Do que mais gostaste nesta atividade?	De participar, aluna 5ºano Escrever a minha frase, aluna 6ºano Escrever a minha frase, aluno 6ºano Escrever e ler as frases escritas de algumas colegas, aluna 6ºano Colocar a minha frase, aluno 8ºano Ajudar a fazer o cartaz, aluno 7º ano Colar as mensagens dos meus alunos, professora da UNI Ajudar a fazer o cartaz, aluno CEF Eu não escrevi nada, mas li as mensagens de alguns, aluno CEF Participar no Painei, aluna CEF. De participar, Assistente operacional
Do que gostaste menos nesta atividade?	Escrever a mensagem, Aluno 5ºano Não sabia bem o que escrever, aluno 5ºano. Ter de ser eu a escrever, aluno 6ºano Gostei de tudo, aluno 6ºano Nada a dizer, aluno 7º ano Gostei de tudo, aluno 7ºano Nada a dizer, aluno 7ºano Gostei de tudo, aluna CEF Não respondo, aluna CEF Não respondo, aluna CEF
Gostaste ou não de realizar esta atividade com a colaboração da animadora? E porque?	Com a animadora, aluno 5ºano Com a animadora, aluno 5ºano Sozinho não dá vontade, aluno 6ºano Prefiro fazer com a animadora, aluno 6ºano Acompanhado é diferente, aluno 7º ano Prefiro que seja acompanhada, aluno 7º ano Acompanhado, aluno 7ºano Tanto faz, aluna CEF Com a animadora, aluna CEF Com a animadora, por que ela puxa por nós, aluna CEF.
	Gostei, aluno 5ºano Gostei, aluno 5ºano Gostei, aluno 6ºano Aprendi alguma coisa sobre os direitos e deveres dos alunos, aluno 6ºano Aprendi e colaborei., aluno 7ºano Foi ótimo participar, aluno 7ºano

<p>Como avalias a tua participação nesta atividade?</p>	<p>Gostei de participar nesta atividade. aluno 7ºano</p> <p>Vou continuar a participar noutras datas temáticas, aluna CEF</p> <p>Gostei muito de participar com o meu poema, aluna CEF</p> <p>Gosto de participar com gosto em qualquer atividade, aluna CEF</p>
---	--



## **Anexo 4**

### **Fichas técnicas das dinâmicas de grupo realizadas**





## **Dinâmicas de Grupo: *O ponto***

### **Dinâmica de Grupo – “O Ponto”**

**Duração:** aproximadamente 45 minutos

**Local:** sala de aula ampla e cadeiras

**Material:** Folhas de cartolina, fotocópias, cola, tesoura

**Nº de participantes:** 15

**Desenvolvimento:** O Animador entrega a cada aluno uma folha de papel e no centro de cada folha está desenhado um ponto. Depois da distribuição das folhas, o animador convida-os a criarem, individualmente a partir do ponto, uma exposição escrita sobre a sua própria identidade.

Quando terminarem o texto atribuem-lhe um título. No final será convidado um a um a falar sobre o seu trabalho.

Ficaremos a saber algo sobre a personalidade e a perceção que temos de nós próprios. É interessante observar como se desenvolve este trabalho pois dá-nos a conhecer a importância que os adolescentes dão ao ponto. Estimula a turma a entrevir com comentários acerca dos testemunhos dos colegas. Favorece a partilha das respetivas vivências.

**Objetivo:** Estimular a fantasia e a criatividade na escrita, facilitar o autoco-nhecimento e o conhecimento mútuo.

### **Notas extraídas da dinâmica de grupo (alunas)**

1. Uma das alunas escreveu: “Sou gozada por algumas amigas da turma, pela maneira como me visto, ando com roupas usadas que me dão. Algumas são feias, eu também não gosto delas mas preciso delas para vir para as aulas vestida, e pelo menos são roupas lavadas. Sinto-me

- descriminada pelas alunas mais bem vestidas por eu não usar roupa de marca. Nunca me convidam para o grupo e andam sempre a fazer pouco de mim”.
2. Outra aluna diz: “O meu ponto negro começou quando vi o meu pai a atirar a minha mãe pela escada abaixo. Eu tinha quatro anos, hoje tenho 14 e nunca mais saiu da minha cabeça aquela imagem pelas escadas abaixo. Nem a cara furiosa do animal do meu pai, quando batia na minha mãe”.
  3. Um aluno escreve: “Não gosto da escola, tudo isto é uma seca. São muitas horas cá dentro sem fazer nada. Depois é só disparar. Ainda hoje andei toda a manhã ao alto. Queria ir lá para fora, o porteiro não deixou, depois tratei-o mal, eu tenho ordem para sair, assinada pela minha mãe. Acho que a escola não funciona bem. Para algumas coisas sem importância é rigorosa, para outras é boé de fácil, como por exemplo fumar, ninguém vigia”.

## **Dinâmica de Grupo: *Quem sou eu?***

### **Dinâmica de Grupo – “Quem sou Eu?”**

**Duração:** aproximadamente 45 minutos

**Local:** sala de aula ampla e cadeiras

**Material:** um objeto pessoal

**Nº de participantes:** 15

#### **Desenvolvimento:**

Os alunos estão sentados em cadeiras, para que fique um círculo aberto. O Animador fora do círculo, frente aos alunos, sentado numa cadeira, começa por falar do seu objeto pessoal e relata a sua história (pode ser uma história passada na escola primária ou noutra escola, enquanto aluno(a)). Seguidamente o animador(a) levanta-se da cadeira e convida um(a) aluno(a) (começar do lado direito do grupo) a sentar-se na cadeira e contar a sua história. E, assim sucessivamente, até todos os formandos terem participado na dinâmica do “Quem sou eu”.

#### **Objetivo:**

Partilhar com os colegas o nosso problema ou a nossa alegria vivenciada na nossa escola, contribui para a resolução de conflitos, leva a conhecer sentimentos e anseios, quebrando alguns mal entendidos existentes, entre pares geradores de conflitos e de brigas.

**Nota:** Esta dinâmica aplica-se a adultos e a alunos a partir dos 10 anos.

**Autora:** Maria Irene Pereira – Animadora Socioeducativa

## **Dinâmica de Grupo (*50 palavras que descrevem sentimentos*)**

**Dinâmica de Grupo** –“*50 palavras que descrevem sentimentos*”

**Duração:** aproximadamente 60 minutos

**Local:** sala de aula ampla e cadeiras

**Material:** Folhas de cartolina, fotocópias, cola, tesoura

**Desenvolvimento:** O Animador entrega a cada grupo uma cartolina onde estão colados 10 rostos diferentes, distribuídos por cinco cartolinas com várias fisionomias (alegre, triste, irritado, infeliz), etc. Num total de 50 palavras relacionadas. Os alunos devem procurar as palavras adequadas para cada rosto.

### **Objetivos**

Saber observar o outro, ler sentimentos, expressões.

Melhorar o clima entre os alunos. A melhor forma de respeitar os direitos dos outros é aprender a resolver conflitos entre pares. Saber interpretar sentimentos. Os alunos deverão aprender a diminuir os seus efeitos negativos e maximizar os positivos que resultam do facto de se aproximarem através do diálogo, de uma forma democrática, reforçar os laços de amizade, respeitar o outro tal como ele é.

**Autora:** Maria Irene Pereira - Animadora Socioeducativa

Adaptado: BEANNE, L; (2006), p.59, *A sala de Aula sem Bullying*; Porto Editora; 2006, Porto

## **Dinâmica de Grupo: *voar com a Música***

### **Dinâmica de Grupo – “Voar com a Musica”**

**Duração:** aproximadamente 15 minutos

**Local:** sala de aula ampla

**Material:** Leitor de Musica, CD

**Desenvolvimento:** O Animador dá a cada (formando ou aluno) uma folha de jornal. Os formandos espalham-se pela sala com espaço entre eles que dê para dançar ou caminhar. Seguidamente, o animador liga o rádio para ouvir a música escolhida e convida-os a agitar a folha de jornal, fechar os olhos, ouvir a música e deixar-se embalar até chegarem ao ponto de sentir uma sensação de que estão a voar. Quando os formandos estiverem envolvidos na música o animador declama um poema ou um pequeno texto relacionado com o tema envolvido ou não.

**Objectivo:** Libertação, leveza, sentimento de Paz. Amar as coisas lindas, deitar fora do nosso “Eu”, o que não presta, recriar pensamentos positivos.

**Autora:** Maria Irene Pereira - Animadora Socioeducativa



# **Anexo 5**

**Diploma de participação do Formando**





## **GABINETE DE MEDIAÇÃO E APOIO AO ALUNO**

### **DIPLOMA DE PARTICIPAÇÃO**

CERTIFICA-SE QUE \_\_\_\_\_ PARTICIPOU NUMA AÇÃO  
DE FORMAÇÃO, SOB O TÍTULO “O BULLYNG “EM CONTEXTO ESCOLAR – PRESSUPOSTOS DE PREVENÇÃO, QUE SE REALIZOU NESTE AGRUPAMENTO  
DE ESCOLAS, ENTRE OS DIAS 13 E 17 DE JULHO DE 2012, NUM TOTAL DE 15 HORAS.

Marco de Canaveses, 17/07/2012

O COORDENADOR

\_\_\_\_\_  
Dr. Pedro Baltarejo Ferreira

A FORMADORA

\_\_\_\_\_  
Dr.ª Irene Pereira

O DIRETOR

\_\_\_\_\_  
Dr. Alberto Tavares Morais Soares